PENELOPE FITZGERALD

Livro que deu origem ao filme

A livraria



BERTRAND BRASIL

PENELOPE FITZGERALD

A livraria

Tradução
Sonia Coutinho

2ª edição

BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2018

Copyright © Penelope Fitzgerald, 1978
Publicado originalmente em inglês por HarperCollins Publishers Ltd. com o título: THE BOOKSHOP
Copyright da Apresentação © David Nicholls, 2013
Tradução da Apresentação: Carolina Simmer

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2018
Produzido no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Fitzgerald, Penelope, 1916-2000
F581L
2ª ed.
A livraria / Penelope Fitzgerald; tradução de Sonia Coutinho. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.
recurso digital
Tradução de: The bookshop
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-286-2300-0 (recurso eletrônico)
1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos I. Coutinho, Sonia. II. Título.
17-45873

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Sumário

Apresentação

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

Apresentação

Na década de 1990, passei muitos anos trabalhando numa livraria na Zona Oeste de Londres, gerenciando o departamento infantil com punho de ferro e supervisionando a seção chamada de "Mente, Corpo e Alma" com ressentimento declarado. Meus colegas, em sua maioria, faziam faculdade ou pós-graduação em Literatura Inglesa e eram versados e apaixonados pela palavra escrita. Sim, nós éramos auxiliares de venda, mas o fato de vendermos livros e não meias ou batatas ou panelas dava um ar respeitável ao emprego, quase um enaltecimento. Mesmo que nossos campões de venda fossem biografias, memórias de oficiais da Força Aérea ou cartões de aniversário, o comércio de literatura era praticamente um setor do mundo acadêmico. Livros eram importantes, eram diferentes, eram "aperfeiçoadores".

Florence Green, a heroína do segundo romance de Fitzgerald, dona de uma pequena livraria em East Suffolk, tem sentimentos parecidos. Em uma carta irritada para seu advogado, ela cita a contracapa de suas edições Everyman:

> Um bom livro é a preciosa força vital de um espírito superior, embalsamado e entesourado para que alcance vida além da vida; como tal, deve indubitavelmente ser considerado um produto necessário.

É bem possível que Penelope Fitzgerald sentisse algo parecido, apesar de provavelmente expressar o sentimento de forma mais simples. Não é verdade que todos os romancistas acreditam que livros são importantes, que são diferentes e necessários? Ao abastecer sua livraria, Florence coloca essas edições

Everyman, em sua "dignidade surrada", entre as seções de Religião e Medicina Caseira, e não seria esse o lugar ideal para a literatura, em algum ponto entre o espiritual e o terreno, o mundo prático?

Ainda assim, o que surpreende, num romance chamado *A livraria*, é a ausência de livros, ou especificamente ficção e literatura. Os leitores da cidade de Hardborough não se interessam nem um pouco por Ruskin ou Keats ou Austen, T.S. Eliot ou Henry James. Eles querem livros sobre a realeza e oficiais da Força Aérea, catálogos de carros, a partitura do "Messias" e cartões de aniversário (um sinal, creio eu, de quão pouco o comércio literário mudou), e Fitzgerald se diverte com títulos inacreditavelmente banais: *Construa o seu próprio barco a remo*, *Voei com o Führer*, *A rotina na Bretanha Antiga*. A organização em categorias não se dá por assunto, mas por popularidade: A, B e os "indesejados Cs", livros que ganharam um "odor particular", com títulos como *A história do pensamento chinês*. Um bom livro pode muito bem ser a preciosa força vital de um espírito superior, mas, para o gerente do banco, eles têm outro propósito:

> Não me entenda mal: acho que um bom livro em minha mesa de cabeceira tem um valor incalculável. Quando eu finalmente me aposentar, vou preferir ler algumas páginas a adormecer logo.

E quanto à literatura, especialmente a ficção? O único romance mencionado com mais profundidade, *Lolita*, salva a loja de Florence, mas não há qualquer debate sobre o conteúdo, os personagens, o tema ou a história. O elogio do Sr. Brundish é caracteristicamente conciso:

> É um bom livro; portanto, a senhora deve tentar vendê-lo aos habitantes de Hardborough. Não o entenderão, mas é preferível assim. Entender torna a mente preguiçosa.

A última frase é um conceito típico de Fitzgerald, indo contra a opinião convencional, sentimental. A arte, a cultura e a literatura não parecem ter qualquer efeito benéfico nos habitantes de Hardborough. As pessoas mais "cultas" e "artísticas" da comunidade são também as mais monstruosas. Para a maligna Sra. Gamart, o interesse em "cultura" traz status social e a ilusão de sofisticação. Ela não tem dificuldade alguma em abandonar a compaixão e a decência para criar seu precioso centro de artes, vital para a cidade competir

socialmente com a poderosa Aldeburgh. O charmoso Milo trabalha na reverenciada BBC, o bastião de valores liberais humanitários, mas é um homem preguiçoso, vaidoso e casualmente cruel. "Suas emoções, por falta de exercício, desapareceram quase por completo", e o que a princípio parece gentileza é, na verdade, uma forma de esconder seu egoísmo absurdo. Outra observação tipicamente incisiva de Fitzgerald:

> Gentileza não é generosidade. Sua personalidade fluida testava os outros e se introduzia subrepticiamente em seus pontos fracos, até descobrir que podia estabelecer-se neles, com vantagem própria.

Até mesmo o desesperançado pintor de aquarela Theodore Gill ("que não via motivo para abandonar o agradável estilo da virada do século") é orgulhoso, egoísta e insensível. Além de Florence, os personagens decentes, leais — Christine, Wally, Raven —, são os menos arrogantes, indiferentes à cultura e ao status social associado a ela. Christine prefere "adesivos" e marcadores de livros aos livros em si, além de só ler revistas em quadrinhos:

> Seu ressentimento voltava-se contra todos que tinham a ver com livros e com leitura, e que estabeleciam como condição para o sucesso escrever pequenas redações... Detestava todos eles.

Com a exceção do Sr. Brundish, que Florence só encontra uma vez, também vale mencionar que seus maiores aliados pertencem à classe trabalhadora e, no caso da família Gipping, quase da classe baixa; existem menções breves a incesto, crianças fazendo o que querem, ingestão de larvas, brigas em que se atiram pedras ou beterrabas.

Hardborough não faz bem parte do mundo real. Isolada e fechada, seu materialismo paroquial é exagerado para fins de comédia. Phyllis Neame, proprietária da livraria Southwold, onde Penelope Fitzgerald trabalhou, contestou a descrição da cidade, insistindo que todos foram muito mais gentis na vida real. Mas a cidade fictícia não tem qualquer encanto. É um lugar difícil, delimitado por classes. Há uma passagem chocante em que a mãe de Christine fala sobre educação, descobrindo uma eloquência súbita sobre as consequências práticas do fato de Christine não ter passado na temida prova para entrar na escola secundária:

> É o que chamamos de sentença de morte. Não tenho nada contra a Escola Técnica, mas isso, em

> resumo, significa o seguinte: que oportunidade Christine terá, algum dia, de conhecer e de se casar com um funcionário de escritório? Nunca vai poder esperar nada acima de um operário ou mesmo de um desempregado. E, acredite, Sra. Green, ela vai trabalhar até o fim da vida lavando roupa.

Compare isso com Milo North, que "levava a vida com muito pouco esforço". Florence e os Gipping são boas pessoas, mas sem nenhum poder, ao mesmo tempo que um comentário qualquer da maldosa Sra. Gamart é capaz de repercutir no Parlamento e acabar destruindo o ganha-pão de alguém. Ser inteligente não faz diferença; Christine é excêntrica, mas também esperta, perspicaz, entusiasmada e observadora, enquanto o sobrinho da Sra. Gamart, o parlamentar que auxilia na destruição de Florence, é "brilhante, bem-sucedido e estúpido". Como Florence, Christine fracassa porque não consegue prever "que número vinha a seguir". Em uma das imagens mais marcantes do livro, a chegada de um envelope branco, indicando a entrada na escola secundária, e um amarelo, sinalizando o ensino técnico, é a diferença entre o sucesso e uma vida de trabalho pesado. "Olhando em retrospecto, numa vida já longa, as crianças de Hardborough não se lembrariam de nada mais doloroso, ou mais decisivo, do que aqueles envelopes à sua espera nas carteiras."

Apesar de a questão de classe aparecer a todo momento em *A livraria*, dinheiro e status social não os divisores. O romance é político no sentido em que as afinidades e os instintos de Fitzgerald, assim como os de Florence, são liberais e amplamente contra o autoritarismo, mas o divisor real na vida, o que importa, se dá entre os "exterminadores e exterminados, com os primeiros predominando o tempo inteiro". Esse é um tema recorrente nos romances de Fitzgerald, especialmente nos primeiros, inspirados em momentos de sua vida, e é difícil pensar em outro autor que escreva sobre o fracasso com tanta compaixão e perspicácia. *A livraria*, chamado por ela de seu "primeiro romance direto" depois de *The Golden Child*, é a expressão mais clara dessa ideia. Florence valoriza a bondade acima de todas as coisas. Ela é uma pessoa respeitável, cheia de princípios, inteligente e nada esnobe. Ainda assim, ao se deparar com as forças combinadas da Sra. Gamart e de Milo North, de gerentes de banco indiferentes e advogados corruptos, não existe a possibilidade de vencer. A última frase do livro é dolorosa, mas é Florence quem pronuncia a mais triste:

> Claro que o sucesso vem quando se dá tudo de si.

Mesmo um objeto tão inocente e sem graça quanto o bule do Sr. Brundish exibe o aviso "Não ser bem-sucedido em uma coisa é o mesmo que falhar em todas". E mais assustador do que qualquer assombração é o fantasma da solidão na velhice. No rádio, Florence escuta que "a expectativa de vida era agora de 68,1 anos para os homens e de 73,9 para as mulheres... Ela tentou achar esse fato encorajador".

Com uma autodepreciação típica, Fitzgerald chamou *A livraria* de "um pequeno romance com um final triste", o que acaba sendo verdade, mas não leva em consideração a sagacidade e o humor da autora. Escrito posteriormente, *At Freddie's* é mais animado e leve (e seria um dos meus candidatos a melhor livro de comédia do século XX), mas também há momentos maravilhosos em *A livraria*. O grande talento de Fitzgerald, como é com frequência observado, era a precisão e a economia de sua narrativa, de forma que um escoteiro é "atarracado como um fardo de palha" e o Sr. Gill sorri "como um sapo, sem nenhuma expressão". Ou este trecho, meu favorito, mais obviamente cômico:

> [Os dois dentes da frente de Christine] foram quebrados no inverno anterior, de maneira um tanto estranha, quando a roupa lavada no varal congelara, e ela levara uma pancada no rosto com um colete gelado.

E também há uma comédia social mordaz, num estilo muito britânico: ao receber um vestido num tom vermelho escandaloso que não lhe veste bem, Florence sugere, tímida: "Talvez, se eu tentar ficar encostada na parede a maior parte do tempo..." Boa parte do humor beira ao absurdo ou segue a tradição dickensiana. O nome dos personagens, por exemplo: Florence Green é normal e sensato, mas Gipping, Cutts, Deben, Brundish? Gamart é uma alusão a Mademoiselle Gamart de Le Curé de Tours, de Balzac, uma mulher cruel e simplória. Até mesmo a namorada convencialmente não convencional de Milo, que usa meias vermelhas, é Kattie com um "t" extra.

A primeira vez que li Penelope Fitzgerald foi após ter passado muito tempo absorto em Muriel Spark, e as semelhanças eram óbvias: tanto Spark quanto Fitzgerald escreveram volumes pequenos com uma narrativa clara, precisa e econômica, geralmente com certo teor autobiográfico, especialmente nos primeiros livros. As duas têm uma reputação de elegância que não é

confirmada pelos livros realistas, espinhosos, e se interessam pela temática de bem e mal e religião. Ambas retratam crianças como seres pouco inocentes, tão imperfeitas e francas quanto adultos. Seus personagens com frequência existem no limiar de um mundo artístico e literário, onde a pobreza e o fracasso são bem mais comuns que o sucesso. E o mais impressionante é que compartilham da habilidade de misturar eventos mundanos e cotidianos com o surreal, o sobrenatural, o violento. Não é de surpreender que as duas autoras tenham escrito histórias de fantasma. Ninguém em Hardborough se abala com a assombração, ninguém se mostra cético ou procura uma explicação. É um lugar onde um banheiro pode ter "o ar atento de quem havia testemunhado alguma coisa", onde torneiras são introduzidas em abobrinhas para produzir bebida, onde uma garça passa voando com uma enguia metade engolida se debatendo e uma mulher de meia-idade é vista puxando com toda força a grande língua escura e escorregadia de um cavalo. A ambientação é maravilhosa, a paisagem é descrita sem muita enrolação, apenas com aquela economia característica:

> O céu se iluminou de um horizonte a outro, e as altas nuvens brancas refletiram-se em quilômetros e quilômetros na reluzente água da represa, de modo que os pântanos pareceram ficar entre uma nuvem e outra.

Hardborough é um lugar cheio de extremos, quase uma ilha, isolada da vida urbana, mas muito longe de ser um idílio rural. A caracterização também é exacerbada: a monstruosa Sra. Gamart tem "olhos escuros e brilhantes, que pareciam abertos até o máximo possível, como se por meio de um mecanismo". Christine Gipping talvez seja a criação mais vívida, com a pele transparente, o cabelo desgrenhado e a ausência de dentes. Não consigo pensar em nenhum autor que escreva sobre crianças tão bem quanto Penelope Fitzgerald. Como Salinger, seu interesse pelo assunto é verdadeiro. Elas nunca são favorecidas ou idealizadas. Christine é mal-humorada, tempestuosa e completamente sem tato:

> — A senhora não tem nenhum filho, Sra. Green?
> — Não. Mas gostaria de ter tido.
> — Então, a esse respeito, a senhora ficou para trás.
> Sem esperar explicações, começou a andar às pressas de um lado para o outro da loja...

Ainda assim, Florence permanece extremamente leal a Christine, mesmo quando é esnobada. Fitzgerald nunca exagera nem sentimentaliza essa conexão maternal, mas, se a exposição ao mundo dos livros é incapaz de "melhorar" Christine, o mesmo com certeza não pode ser dito do contato humano:

> As duas, durante os meses passados, não haviam deixado de se influenciar mutuamente: enquanto Florence parecia mais animada, Christine tornara-se mais sensível...

... e, numa noite fria de setembro, se sentaram juntas diante do aquecedor a parafina, "em duas cadeiras confortáveis, como damas".

Já tive a oportunidade de adaptar livros para roteiros de cinema, e uma voz baixa, porém persistente, com frequência acompanha minha primeira leitura de uma obra, perguntando "como isso daria certo na tela?". *A livraria* é um exemplo do que chamamos de trabalho "difícil de vender". Seria um bom filme, mas uma adaptação fiel precisaria levar em conta o fato de que a autora se recusa a dar respostas fáceis e confortáveis. Por todo o livro, Fitzgerald cria expectativas que não concretiza. Haverá um romance com Milo? O que aconteceu com o marido de Florence? Christine começará a gostar de livros? Talvez pudesse ter uma cena, tarde da noite, em que ela descobre Jane Eyre! Será que Florence vai enfrentar a Sra. Gamart de forma pública e heroica? Fazer um discurso? Talvez os habitantes locais fiquem do seu lado, talvez o Sr. Brundish apareça para salvar o dia!

Mas não estamos falando de uma comédia bonitinha. Penelope Fitzgerald desafia esses clichês com gosto, e é exatamente isso que a torna uma ótima autora. As expectativas são constantemente frustradas; explicações, negadas. Por que o Sr. Brundish defende uma mulher que mal conhece, e o que motiva o ódio surpreendente e persistente da Sra. Gamart? Nós nunca descobrimos. As informações que temos sobre o passado de Florence são limitadas, e recebemos poucas dicas sobre seu futuro. A caracterização dos personagens é breve ou, no caso de nossa heroína, definida tanto pela ausência quando pela presença: Florence é "um tanto sem atrativos vista de frente e de costas inteiramente. Não se falava muito dela...".

E então temos o fim. Fitzgerald é uma ótima escritora de comédia, talvez uma das melhores, mas seu humor é inseparável de uma tristeza terrível, especialmente nos momentos finais (*At Freddie's* e *Correntezas* também

terminam com notas melancólicas). O último parágrafo de *A livraria* não é carregado nem emocional, não há grandes discursos nem despedidas, nenhum diálogo. A narrativa é simples e direta, e apenas uma palavra é usada para descrever as emoções de Florence. Mas é uma palavra terrível, e a última frase do livro é uma das mais tristes que já li. Serenamente devastadora, como o próprio romance.

David Nicholls
2013

A um velho amigo

1



Em 1959, algumas vezes Florence Green passava noites sem saber ao certo se havia dormido ou não. Isso acontecia por causa de suas preocupações quanto à eventual compra de uma pequena propriedade, a Old House, com um depósito próprio na região portuária, para abrir ali a única livraria de Hardborough. Provavelmente era a incerteza que a mantinha acordada. Certa ocasião, vira uma garça voando pelo estuário e tentando engolir, em pleno voo, uma enguia que havia capturado. A enguia, por sua vez, lutava para fugir da goela da garça e um quarto dela, uma metade ou, ocasionalmente, três quartos apareciam do lado de fora. A indecisão expressa por ambas as criaturas era algo deplorável. As duas haviam ultrapassado seus limites. Florence sentia que, se não dormia nada — e as pessoas, com frequência, dizem isso querendo expressar algo totalmente diferente —, era porque ficara acordada pensando na garça.

Florence tinha um coração bondoso, embora isso não fosse de grande utilidade quando a questão era sobrevivência. Havia mais de oito anos, vivia em Hardborough com uma quantia muito escassa que seu falecido marido lhe deixara, e tinha começado, recentemente, a imaginar se não seria seu dever deixar claro para si mesma, e talvez também para os outros, que tinha uma existência própria. Frequentemente, sobrevivência era tudo que se considerava pedir na fria e clara atmosfera da região da Ânglia Oriental. Ou vai ou racha, pensavam os habitantes — ou uma velhice longa ou o envio imediato ao torrão salgado do cemitério.

Seu aspecto era o de uma mulher pequena, delicada, magra, porém rija, um tanto sem atrativos vista de frente e de costas inteiramente. Não se falava

muito dela, nem mesmo em Hardborough, onde todos podiam reconhecer uns aos outros a grandes distâncias e discutia-se tudo o que era visto. Ela mudava muito pouco, de uma estação para outra, o que vestia. Todos conheciam seu casaco de inverno, exatamente do tipo que é possível fazer durar mais um ano.

Em 1959, quando ainda não havia em Hardborough lugares que vendessem peixe com fritas, lavanderias ou cinema, a não ser em noites alternadas de sábado, sentia-se a necessidade de todas essas coisas, mas ninguém imaginara — com certeza ninguém havia pensado — que a Sra. Green pretendesse abrir uma livraria.

— É claro que, no momento, não posso assumir nenhum compromisso definitivo em nome do banco, a decisão não é minha, mas acho que posso dizer que não haverá, em tese, objeções a um empréstimo. Até agora, as normas governamentais têm sido no sentido da restrição de crédito para empréstimos pessoais, mas existem alguns sinais bem nítidos de abrandamento... e, com isso, não estou revelando nenhum segredo de Estado. Obviamente, a senhora terá pouca ou nenhuma concorrência... alguns romances, segundo me disseram, são fornecidos pela loja de lã Busy Bee, mas nada muito significativo. E a senhora está me garantindo que tem experiência considerável nesse ramo de negócios.

Florence, preparando-se para explicar pela terceira vez o que queria dizer com isso, viu a si mesma e a uma amiga, de cabelos ondulados, com lápis presos em correntes em torno do pescoço, as duas no papel de jovens assistentes da Müller, na Wigmore Street, vinte e cinco anos antes. Era do levantamento do estoque que ela se lembrava melhor, quando o Sr. Müller, após pedir silêncio, lia, com calculada demora, a lista das moças e de seus parceiros, escolhidos por sorteio para fazerem a fiscalização do dia. Não havia absolutamente rapazes em número suficiente para todas as moças, e ela tivera a sorte, em 1934, de fazer par com Charlie Green, o comprador de livros de poesia.

— Aprendi, em detalhes, o negócio quando ainda era jovem — disse ela. — Não creio que, desde então, tenha mudado muita coisa em seus aspectos fundamentais.

— Mas a senhora nunca esteve numa posição administrativa. Bom, talvez

valesse a pena dizer uma ou duas coisas. Se quiser, pode chamá-las de conselhos.

Havia pouquíssimos empreendimentos novos em Hardborough, e a ideia de um, como uma brisa do mar que avançasse grande distância terra adentro, agitava levemente a apática atmosfera do banco.

— Não devo tomar seu tempo, Sr. Keble.

— Ah, deixe que eu mesmo decida como quero ocupar meu tempo. Creio que poderia dizer o que tenho em mente da seguinte maneira: precisa perguntar a si mesma, ao se imaginar abrindo uma livraria, qual é de fato seu objetivo. Essa é a primeira questão indispensável para um negócio de qualquer tipo. Espera oferecer à sua pequena cidade um serviço de que ela necessita? Tem em vista lucros apreciáveis? Ou talvez a senhora seja do tipo que vai tocando, sem muita compreensão do mundo imensamente diferente que talvez nos reserve a década de 1960? Tenho pensado, muitas vezes, que é uma pena não haver um caminho definido para o pequeno negociante, seja homem ou mulher...

Evidentemente, havia um caminho definido para os gerentes de banco. Enveredando por sua trilha familiar, a voz do Sr. Keble animava-se cada vez mais. Ele falou da necessidade de uma contabilidade profissional, de sistemas de amortização de empréstimos e de custos de oportunidade.

— Gostaria de lhe expor algo, Sra. Green, que tenho quase certeza de que ainda não lhe ocorreu, mas que é bastante claro para aqueles, entre nós, que estão em uma posição capaz de lhes proporcionar uma visão mais ampla. Minha questão é a seguinte. *Se, em determinado período, a entrada de dinheiro não puder compensar a saída de dinheiro, é seguro predizer que logo chegarão as dificuldades financeiras*.

Florence sabia disso desde o dia em que recebera seu primeiro salário, quando, aos 16 anos, começara a se sustentar. Evitou dar uma resposta agressiva. O que acontecera com sua decisão de se mostrar sensata e diplomática, tomada enquanto atravessava o mercado em direção ao prédio do banco, cujos sólidos tijolos vermelhos desafiavam o vento reinante?

— Quanto ao estoque, Sr. Keble, sabe que tenho a oportunidade de comprar da Müller a maior parte do que preciso, agora que estão fechando as portas. — Conseguiu dizer isso de uma forma resoluta, embora sentisse esse fechamento como um ataque pessoal às suas lembranças. — Até agora, não tive uma avaliação disso. E, quanto ao prédio, o senhor concordou que 3.500

libras seriam um preço justo para adquirir a propriedade da Old House e do depósito das ostras.

Para sua surpresa, o gerente hesitou.

— A propriedade já está vazia há muito tempo. Claro que essa é uma questão a ser decidida por seu corretor de imóveis e seu advogado. Thornton, não é? — Era um floreio artístico, uma espécie de limitação, já que havia apenas dois advogados em Hardborough. — Mas eu imaginava que o preço baixaria ainda mais... A casa não vai fugir se a senhora decidir esperar um pouco... deterioração... umidade...

— O banco é o único prédio em Hardborough livre de umidade — retrucou Florence. — Trabalhando aqui o dia inteiro, talvez o senhor tenha ficado exigente demais.

— ... além disso, ouvi sugerirem, minha posição me permite dizer que sei que podem ter sugerido, outros usos possíveis para a casa, embora, claro, sempre exista a possibilidade de uma revenda.

— Naturalmente, quero reduzir as despesas ao mínimo possível. — O gerente preparou-se para sorrir de uma forma compreensiva, mas poupou-se o trabalho quando Florence acrescentou bruscamente: — Mas eu não tenho nenhuma intenção de revender. É uma coisa estranha dar um passo assim na meia-idade, mas o fato é que não pretendo recuar, depois de fazê-lo. Para o que mais se pensa que a Old House poderia ser usada? Por que não fizeram nada com ela nos últimos sete anos? Há gralhas aninhando-se ali, metade das telhas está arrancada, e tudo aquilo fede a ratos. Não será melhor que se transforme num lugar em que as pessoas possam apreciar os livros?

— A senhora está falando de cultura? — perguntou o gerente do banco, com uma entonação de voz entre piedade e respeito.

— Cultura é para amadores. Não posso manter minha loja com prejuízo. Shakespeare era um profissional!

Florence ficou perturbada em menos tempo do que deveria; mas, pelo menos, tinha a sorte de se interessar a fundo por alguma coisa. O gerente respondeu, de uma forma apaziguadora, que ler tomava muito tempo.

— Eu realmente desejaria dispor de mais tempo. Sabe, as pessoas têm ideias muito erradas sobre o horário de fechamento do banco. Pessoalmente, tenho muito pouco tempo de lazer à noite. Mas não me entenda mal: acho que um bom livro em minha mesa de cabeceira tem um valor incalculável. Quando eu finalmente me aposentar, vou preferir ler algumas páginas a adormecer logo.

Ela refletiu que, nesse ritmo, o gerente levaria mais de um ano para ler um bom livro. O preço médio de um livro era de 12 xelins e 6 centavos. Suspirou.

Decididamente, ela não conhecia bem o Sr. Keble. Poucas pessoas em Hardborough o conheciam. Embora os jornais e o rádio divulgassem constantemente que aqueles eram anos de prosperidade para a Grã-Bretanha, a maior parte da população de Hardborough ainda sentia a recessão e fugia, em nome de seus princípios, do gerente do banco. A pesca de arenque havia diminuído, o recrutamento para a Marinha reduzira-se e havia muitas pessoas aposentadas que viviam com uma renda fixa. Essas pessoas nem retribuíam o sorriso do Sr. Keble, ou seu aceno por trás do vidro, rapidamente abaixado, de seu Austin Cambridge. Talvez fosse esse o motivo de ele continuar falando durante tanto tempo com Florence, embora a discussão fosse bem pouco prática. Na verdade, havia chegado, segundo o ponto de vista dele, a um nível inaceitavelmente pessoal.

Florence Green e também o Sr. Keble podiam ser considerados figuras solitárias, mas isso não os tornava exceções em Hardborough, onde havia inúmeros solitários. Os naturalistas locais, o cortador de juncos, o carteiro, o Sr. Raven, o pantaneiro, todos passavam, um a um, de bicicleta, curvados contra o vento, e eram vistos por todos os observadores, que podiam calcular a hora pelo surgimento deles no horizonte. Alguns desses solitários sequer saíam de casa. O Sr. Brundish, descendente de uma das mais antigas famílias de Suffolk, vivia tão enclausurado em sua casa quanto um prisioneiro em sua cela. Quando aparecia, no verão, usando roupas de um *tweed* entre verde-escuro e cinzento, parecia camuflado. No outono, ele entrava em sua toca. As pessoas se ressentiam de sua rudeza da mesma maneira como se ressentiam do tempo, que podia estar luminoso pela manhã e, mais à tarde, ficar nublado, por mais que parecesse promissor.

A própria cidade, por sua vez, era uma ilha entre o mar e o rio, resmungando e se recolhendo em si mesma tão logo sentia frio. A cada cinquenta anos, aproximadamente, ela vinha perdendo, como se por descuido ou indiferença em relação a essas coisas, mais um meio de comunicação. Por volta de 1850, o Laze deixara de ser navegável, e os desembarcadouros e as balsas acabaram apodrecendo por completo. Em 1910, a ponte giratória caiu e,

desde então, para se atravessar o rio, era preciso contornar Saxford, num percurso de vinte quilômetros. Em 1920, a velha ferrovia foi fechada. As crianças de Hardborough, que estavam acostumadas a caminhar ou mergulhar, nunca haviam estado num trem. Olhavam com uma supersticiosa reverência para a deserta estação LNER. Lá, penduradas ao vento, havia tiras de estanho enferrujadas, com anúncios de Fry's Cocoa e Iron Jelloids.

As grandes enchentes de 1953 haviam atingido o quebra-mar, escavando-o, de modo que se tornara perigoso atravessar a embocadura do porto, exceto quando a maré estava muito baixa. A única maneira de cruzar o Laze agora era com um barco a remo. Diariamente, o barqueiro anotava a giz seus horários na porta de seu abrigo, que ficava na praia mais afastada, de modo que ninguém em Hardborough podia ter plena certeza deles.

Depois de sua entrevista no banco e resignada com o fato de todos na cidade saberem que estivera ali, Florence foi dar uma caminhada. Cruzou as pranchas de madeira sobre os diques pisando firme, precedida por agitação e respingos, enquanto iam entrando na água pequenas criaturas — e de que espécie, isso ela não sabia. Lá no alto, gaivotas e gralhas navegavam confiantes nas correntes de ar. O vento mudara, passando a soprar no sentido da terra.

Acima dos pântanos, vinha o depósito de lixo e, em seguida, começavam os campos não tratados, apenas suficientemente bons para os fazendeiros os cercarem. Ela ouviu seu nome ser chamado, ou melhor, ela viu, pois as palavras foram instantaneamente sopradas para longe. O pantaneiro a estava chamando.

— Bom dia, Sr. Raven. — Isso também não pôde ser ouvido.

Raven atuava, quando não havia nenhuma outra ajuda disponível, como uma espécie de veterinário. Ele estava no terreno da Câmara Municipal, onde o pasto era alugado a cinco xelins por semana a quem quisesse, e, no extremo oposto, havia um velho cavalo de tração, de pernas curtas, com as orelhas girando delicadamente em sua cabeça redonda, como se tivessem pinos, em direção aos seres humanos que se encontravam em seu território. Ele defendia seu território de uma forma receosa, com as pernas retesadas contra a cerca.

Quando ela alcançou cinco metros de distância de Raven, entendeu que ele lhe pedia que emprestasse a capa de chuva. As roupas dele estavam endurecidas, uma camada em cima da outra, e não eram removíveis em caso de necessidade.

Raven nunca pedia nada, a menos que fosse absolutamente necessário.

Aceitou aquele casaco com um aceno de cabeça e, enquanto ela ficava ali de pé, mantendo-se tão aquecida quanto podia, num local abrigado da sebe espinhosa, ele caminhou tranquilamente pelo campo até o velho animal, que observava fixamente. Acompanhava cada movimento com narinas frementes, satisfeito por Raven não levar um cabresto e recusando-se a estender sua compreensão para além disso. Finalmente, ele teve de decidir se entendia ou não, e um profundo estremecimento, acompanhado por um suspiro, percorreu o animal do focinho à cauda. Depois, sua cabeça pendeu, e Raven colocou uma das mangas da capa de chuva em torno do seu pescoço. Com um último gesto de independência, o animal virou a cabeça para o lado e fingiu que procurava capim novo na extensão úmida embaixo da sebe. Não havia nenhum, e ele seguiu, com alguma dificuldade, o pantaneiro pelo campo, afastando-se do gado indiferente, em direção a Florence.

— O que há de errado com ele, Sr. Raven?

— Ele come, mas não está tirando nada de bom do capim. O caso é que seus dentes estão rombudos. Ele arranca o capim, mas não consegue mastigar.

— O que podemos fazer, então? — perguntou ela, com simpatia.

— Posso dar um jeito de limar os dentes dele — respondeu o homem. Tirou do bolso um cabresto e devolveu a capa de chuva. Ela, então, virou-se para o vento, a fim de abotoar sua capa. Raven conduzia à frente o velho cavalo.

— Bom, Sra. Green, será que a senhora poderia segurar a língua dele? Eu não pediria isso a qualquer um, mas sei que a senhora não se assusta com facilidade.

— *Como* o senhor sabe? — perguntou ela.

— Dizem por aí que a senhora vai abrir uma livraria. Isso mostra que está disposta a se arriscar com coisas bastante difíceis.

Ele deslizou o dedo por baixo da pele solta, incrivelmente enrugada, acima do osso maxilar do cavalo e, aos poucos, a boca do animal foi se abrindo, em um bocejo exagerado, expondo dentes amarelos, muito altos. Florence segurou com ambas as mãos a grande língua escura, escorregadia, macia na parte de cima, áspera embaixo, e se pendurou corajosamente nela, como uma baleeira dos velhos tempos, a fim de afastá-la dos dentes. O cavalo agora transpirava silenciosamente, à espera de seu fim. Apenas suas orelhas se retorciam, em sinal de protesto pelo que a vida permitira que acontecesse com ele. Raven começou a polir com força, com uma grande lima, as coroas dos

dentes laterais.

— Continue segurando firme, Sra. Green. Não diminua a pressão. É muito escorregadio, eu sei.

A língua se contorcia como se tivesse vida própria. O cavalo batia com uma pata após outra, com força, como se ainda tivesse dúvidas de que tocavam o chão.

— Ele não pode chutar para a frente, pode, Sr. Raven?

— Pode, se quiser. — Ela lembrou que um cavalo de tração pode fazer tudo, menos galopar.

— Por que acha que uma livraria tão pouco viável? — gritou Florence para dentro do vento. — Será que as pessoas não querem comprar livros aqui em Hardborough?

— Elas perderam o desejo de qualquer coisa que seja rara — disse Raven, limando sem parar. — Vendem-se, por exemplo, muito mais trutas do que salmões defumados, que têm um sabor bem mais delicado. Ora, desculpe, mas reconheça que livros são mesmo uma coisa rara.

Uma vez livre, o cavalo soltou um suspiro profundo e olhou para eles com atenção, como se estivesse profundamente desiludido. Das profundezas de sua nobre barriga, veio uma nota atrevida, parecendo mais com clarim do que com corneta, que foi diminuindo até se transformar em relincho. Nuvens de poeira saíram de seu corpo, como se viessem de um capacho batido. Depois, deixando de lado toda a questão, ele trotou até uma distância segura e baixou a cabeça sobre o pasto. Logo depois, avistou uma extensão de angélicas verde-claras e começou a comer com avidez.

Raven declarou que o velho animal nem conseguiria mais reconhecer a si mesmo e se sentiria bem melhor. Florence não poderia, com sinceridade, dizer o mesmo de si, mas alguém havia confiado nela, e essa não era uma experiência muito corriqueira em Hardborough.

2

A propriedade que Florence estava decidida a comprar não recebera seu nome a troco de nada. Embora nenhum dos imóveis fosse novo, até se chegar ao projeto inacabado de conjuntos habitacionais a noroeste, e muitas das casas datassem dos séculos XVIII e XIX, nenhuma delas se comparava à Old House, e apenas a Holt House, onde morava o Sr. Brundish, era mais antiga. Construída havia quinhentos anos, com terra, palha, galhos e vigas de carvalho, a Old House devia sua sobrevivência a um porão que a protegia das enchentes, ao qual se chegava por um lance de degraus de pedra. Em 1953, o porão ficara com mais de dois metros de água do mar, até a baixa da última enchente. Contudo, uma parte dessa água ainda continuava ali.

Em seu interior, havia uma grande sala, uma cozinha nos fundos e mais um quarto de dormir no andar de cima, sob um teto inclinado. Não exatamente vizinho, mas a duas ruas adiante, na faixa litorânea, ficava o depósito de ostras, que integrava a propriedade e que Florence esperava usar como armazém para o estoque de reserva. Mas veio ao seu conhecimento que, por questões de conveniência, o gesso fora misturado com areia da praia — e areia do mar jamais seca por completo. Qualquer livro deixado ali estaria danificado em poucos dias, por causa da umidade. Seu desapontamento, porém, tornou-a mais simpática aos olhos dos lojistas de Hardborough. Todos sabiam desse fato e poderiam tê-lo revelado a ela. Sentiram certa mudança no equilíbrio do poder intelectual e começaram a lhe desejar sorte.

Os que viviam em Hardborough havia algum tempo também sabiam que a propriedade era mal-assombrada. O assunto não era nem um pouco evitado, mostrando-se bastante familiar a todos. Por exemplo, uma figura de mulher

podia ser vista, algumas vezes, na plataforma de desembarque da balsa, mais ou menos ao entardecer, à espera de que seu filho voltasse, embora ele tivesse morrido afogado mais de um século antes. Mas a Old House não era assombrada de maneira tão comovente. Era infestada por um espírito barulhento que, juntamente com a umidade e um problema não resolvido dos esgotos, explicava, em parte, a dificuldade para a venda da propriedade. O corretor da casa não estava, de forma alguma, legalmente obrigado a mencionar o fantasma, embora, algumas vezes, aludisse a ele com a expressão *uma atmosfera antiga incomum*.

Os *poltergeists*, em Hardborough, eram chamados de batedores. Podiam manifestar-se durante anos a fio e, de uma hora para outra, parar, mas ninguém que ouvisse o barulho, com seus sinais de furiosa frustração física — como se o que estava por trás daquilo, fosse lá o que fosse, não conseguisse sair —, teria a menor probabilidade de confundi-lo com qualquer outra coisa.

— Seu batedor pegou minha chave-inglesa — disse o bombeiro, sem rancor, quando ela foi ver como ia o trabalho.

A sacola de instrumentos do homem fora revirada, e seu conteúdo, todo espalhado; azulejos azul-claros, com um bonito desenho de nenúfares, haviam sido violentamente atirados pelo corredor do andar de cima. O banheiro, com seu abastecimento de água meio ligado, tinha o ar atento de quem havia testemunhado alguma coisa. Quando o bem-intencionado bombeiro foi tomar seu chá, ela fechou a porta do banheiro, esperou alguns minutos, depois tornou a olhar bruscamente lá para dentro. Qualquer pessoa que a observasse, refletiu, pensaria que estava louca. A expressão que se usava em Hardborough, quando se queria dizer "louco", era "não muito bem", da mesma forma que se usava "em estado razoável", em lugar de "muito doente".

— Talvez eu acabe não muito bem, se isso continuar assim — disse ela ao bombeiro, esperando que ele não fosse chamar o fenômeno de "seu batedor". O bombeiro, de nome Wilkins, achou que ela resistiria.

Era nessas ocasiões que ela sentia uma falta muito grande dos bons amigos de seus primeiros tempos na Müller. Quando entrou e tirou sua luva de camurça, para mostrar seu anel de noivado, que carregava uma pedrinha de diamante, houve uma lista calorosamente longa de nomes para presenteá-la, e a lista fora quase a mesma quando Charlie morrera de pneumonia, num improvisado campo de acolhimento, no início da guerra. Ela perdera o contato com quase todas as moças dos departamentos de Remessa Postal,

Correio Expresso e Balcão; e, mesmo quando ainda tinha seus endereços, descobriu-se sem vontade de admitir que haviam envelhecido tanto quanto ela.

Não que lhe faltassem relações em Hardborough. Na Rhoda's Dressmaker, por exemplo, gostavam muito dela. Mas seus segredos dificilmente eram respeitados. Rhoda — ou seja, Jessie Welford —, a quem encomendara um vestido novo, não hesitava em falar a respeito dele e até em mostrar o tecido a todos.

— É para a festa do general e da Sra. Gamart, em The Stead. Não sei por quê, eu mesma escolhi vermelho. Eles têm convidados que vêm de Londres.

Florence, embora conhecesse a Sra. Gamart apenas de acenar com a cabeça e de sorrisos da outra após várias coletas beneficentes, jamais esperara ser convidada para The Stead. Então, tomou esse fato, embora seu estoque ainda não tivesse chegado de Londres, como uma homenagem ao poder dos próprios livros.

Assim que Sam Wilkins ficou satisfeito com o conserto do banheiro e os azulejos foram novamente afixados ao teto, Florence Green mudou-se do seu apartamento, passando ousadamente a residir na Old House, com seus poucos pertences. Mesmo com os azulejos de nenúfares seguramente presos, aquele não era um lugar tranquilizador para se viver. Aqueles sons curiosos associados a assombrações continuavam à noite, muito tempo depois de os canos de água haverem silenciado. Mas coragem e resistência são inúteis se nunca as colocamos à prova. Ela só esperava que não houvesse nenhuma interrupção quando Jessie Welford trouxesse o vestido novo para ser experimentado. Mas esse suplício em particular jamais aconteceu. Chegou um recado, pedindo-lhe para ir experimentar o vestido na Rhoda's, que ficava na vizinhança.

— Acho que talvez essa cor não me caia bem. Chama esse tom de vermelho-rubi? — Foi um consolo para ela quando Jessie afirmou que estava mais para granada ou ferrugem-escuro. Mas havia algo insatisfatório no vermelho, ou ferrugem, um reflexo que parecia movimentar-se, de modo relutante, no espelho.

— Parece que não ficou nada bem nas costas. Talvez, se eu tentar ficar encostada na parede a maior parte do tempo...

— Vai ficar bem quando o usar — respondeu com convicção a costureira.

— Precisa de alguns enfeites para realçar o vestido.

— Tem certeza? — perguntou Florence. Aquilo parecia transformar-se numa conspiração para impedir que qualquer pessoa notasse seu vestido novo.

— Depois de tudo que já foi falado, eu ousaria acrescentar que estou mais acostumada do que a senhora a me vestir formalmente e sair à noite — comentou a Srta. Welford. — Sou jogadora de bridge, sabe? Não há muito jogo por aqui. Vou duas vezes por semana a Flintmarket. Pela manhã, um centavo por cem; à noite, dois centavos por cem. Nessas ocasiões, usamos vestidos longos, claro.

Ela recuou alguns passos, lançando uma sombra sobre o espelho, depois voltou para alfinetar e ajustar. Florence sabia que nenhuma mudança a faria parecer menos baixa.

— Gostaria de não ir a essa festa — declarou.

— Ora, eu bem que gostaria de ir em seu lugar. É uma pena que a Sra. Gamart tenha decidido encomendar tudo em Londres, mas será tudo bem feito, nada de ficar contando migalhas. E, quando chegar lá, a senhora não vai precisar se preocupar com sua aparência. Ninguém a observará e, de qualquer jeito, vai perceber que conhece todo mundo na sala.

Florence teve certeza de que não seria assim, e não foi. The Stead, de qualquer jeito, não era o tipo de lugar onde se deixassem chapéus e casacos jogados no saguão, permitindo que a pessoa adivinhasse, antes de se comprometer com uma entrada, quem já estava lá. O saguão, com assoalho de olmo encerado, exalava o profundo calor de uma casa que jamais fora fria. Ela teve uma rápida visão de si mesma, num espelho muito mais brilhante que o da Rhoda's, e desejou não ter usado vermelho.

Já na porta da frente, ouviam-se vozes desconhecidas, vindas de uma bela sala pintada no tom verde-pálido que a Georgian Society daquele tempo ainda recomendava. Porta-retratos de prata, em cima do piano e de mesinhas, permitiam uma olhada na rede de relações da família, que conferiam a Violet Gamart acesso ao poder muito além da própria Hardborough. Seu marido, o general, abria gavetas e armários sem o objetivo de encontrar alguma coisa; apenas queria uma desculpa para perambular de sala em sala. Na década de 1950, havia nos palcos londrinos muitas peças em que os personagens faziam entradas e saídas constantes pelas várias portas, e eram vistos novamente no

segundo ato, três horas depois. O general se encaixaria muito bem numa dessas peças. Ele circulava muito atento por entre as bebidas, sorrindo de uma forma ensaiada, à espera de que logo precisassem dele, mesmo que apenas por alguns momentos, pois abrir champanhe não era uma tarefa destinada a mulheres.

Não havia nenhum gerente de banco ali, nenhum vigário, nem mesmo o Sr. Thornton, o advogado de Florence, ou o Sr. Drury, que não era seu advogado. Ela reconheceu as costas do deão, apenas isso. Era uma festa para o condado e para os visitantes que vinham de Londres. Adivinhou corretamente que, na hora certa, descobriria o motivo de ter sido convidada.

O general, aliviado por ver uma mulher discreta, que não parecia ser intimidadora nem pertencer ao círculo de amigos de sua esposa, ofereceu-lhe uma taça de champanhe, de uma das garrafas que acabara de abrir. Se ela não era do rol de amigos de sua mulher, não havia gafes elementares que pudessem ser cometidas, mas só Deus sabia quem ela era exatamente, embora ele tivesse certeza de que já a vira em algum lugar. Florence acompanhou seus pensamentos, que, na verdade, eram transparentes, em seu pertinaz progresso de uma dificuldade para outra, até revelarem a ele que ela era a pessoa prestes a abrir uma livraria.

— É isso, claro. Já entendi tudo. A senhora está pensando em abrir uma livraria. Violet ficou interessada nisso e queria dizer à senhora algumas palavrinhas a esse respeito. Espero que ela tenha a oportunidade mais tarde.

Como a Sra. Gamart era a anfitriã, poderia ter essa oportunidade em qualquer ocasião, mas Florence não se iludia quanto à sua própria importância. Bebeu um pouco do champanhe, e os pequenos aborrecimentos do dia pareceram fluir para o alto, como minúsculas alfinetadas, através dos goles dourados, partindo-se inofensivamente e desaparecendo logo em seguida.

Ela esperara que o general se sentisse desobrigado de seus deveres, mas ele permaneceu ali.

— Que tipo de livros terá em sua loja? — perguntou.

Ela teve dificuldade para responder.

— Não se vendem muitos de poesia atualmente, não é? — insistiu ele. — Vejo pouquíssimos por aí.

— Terei um pouco de poesia, claro. Não vende tão bem quanto algumas outras coisas. Mas levará algum tempo até eu conhecer o estoque inteiro.

O general pareceu surpreso. Nunca lhe tomara muito tempo, como subalterno, conhecer todos os seus homens.

— "É fácil estar morto. Diga apenas isso, eles estão mortos." Sabe quem escreveu isso?

Ela gostaria muito de dizer que sim, mas não pôde. A luz vacilante de expectativa nos olhos do general se apagou. Claramente, ele já tentara engatar essa conversa, talvez muitas vezes. Numa voz tão baixa que ela mal pôde ouvir, em meio ao barulho da festa, com todos bebendo e conversando ruidosamente em torno, ele prosseguiu:

— Charles Sorley...

Imediatamente, ela percebeu que Sorley devia estar morto.

— Quantos anos ele tinha?

— Sorley? Tinha vinte. Estava nos Swedebashers — os Suffolk, sabe? Nono Batalhão, Companhia B. Foi morto na batalha de Loos, em 1915. Estaria com sessenta e quatro anos se estivesse vivo. Eu tenho sessenta e quatro. Isso me faz pensar no pobre Sorley.

Arrastando os pés, o general se afastou em direção à crescente balbúrdia. Florence ficou ali sozinha, cercada de pessoas que falavam de uma forma familiar umas com as outras, e algumas delas podiam ser vistas, em réplicas, nos porta-retratos de prata. Quem seriam todos eles, ela não se importava, pois, se fossem parar no setor de Remessa Postal da Müller, seria a vez de eles se sentirem perdidos. A voz suave de um jovem disse, bem atrás dela:

— Eu sei quem é a senhora. Não é a Sra. Green?

Ele não diria isso, pensou a mulher, a menos que tivesse certeza de ser também reconhecido, e de fato ela o reconheceu. Todos em Hardborough podiam dizer-lhe quem ele era, de certa forma com orgulho, porque se sabia que ele ia de carro para Londres, para trabalhar, e que fazia alguma coisa na TV. Era Milo North, do Nelson Cottage, na esquina da Back Lane. Exatamente o que ele fazia, não se sabia ao certo, mas Hardborough estava acostumada a não ter muita certeza quanto ao que as pessoas faziam em Londres.

Milo North era alto e levava a vida de uma forma singular, com muito pouco esforço. Dizer "Eu sei quem é a senhora, não é a Sra. Green?" representou uma emissão pouco habitual de energia. Nele, o que parecia delicadeza era habitualmente uma maneira de fugir dos problemas; e o que parecia simpatia representava o instinto de impedir que os problemas começassem a acontecer. Era difícil prever o que significaria envelhecer para uma pessoa assim. Suas emoções, por falta de exercício, haviam desaparecido

quase por completo. Ele havia descoberto que adaptabilidade e curiosidade funcionavam igualmente bem.

— Claro que eu sei quem é o senhor, Sr. North — disse ela —, mas nunca tinha sido convidada para The Stead. Creio que o senhor venha aqui com relativa frequência.

— Sou frequentemente convidado para cá — disse Milo, oferecendo-lhe outra taça de champanhe. Tendo imaginado que a deixariam indefinidamente sozinha, após a retirada do general, ela se sentiu grata.

— O senhor é muito generoso.

— Não muito — disse Milo, que raramente dizia algo que não fosse verdadeiro. Gentileza não é generosidade. Sua personalidade fluida testava os outros e se introduzia sub-repticiamente em seus pontos fracos, até descobrir que podia estabelecer-se neles, com vantagem própria. — A senhora vive sozinha, não é? Acabou de se mudar para a Old House inteiramente só? Nunca pensou em voltar a se casar?

Florence se sentiu confusa. Parecia estar parada com aquele rapaz numa calmaria, em algum tipo de remanso, enquanto as vozes mais altas, à frente, tornavam-se cada vez mais incoerentes. O tempo parecia mover-se mais depressa lá. Os pratos, que, quando ela entrou, estavam cheios de sanduíches e enfeitados com salsa, agora continham apenas farelos.

— Já que pergunta, fui muito feliz em meu casamento, sim — disse ela. — Meu marido trabalhava no mesmo lugar que eu. Depois, ele ingressou na antiga Junta Comercial, antes de ela se tornar um Ministério. Quando chegava em casa, à noite, ele costumava conversar comigo sobre o trabalho.

— E a senhora era feliz?

— Eu o amava e tentava entender seu trabalho. Algumas vezes, me chama a atenção o fato de homens e mulheres não serem exatamente o tipo de pessoa certa um para o outro. Algo deve ser, é claro.

Milo olhou-a mais atentamente.

— Tem certeza de que está sendo prudente ao assumir a direção de um negócio? — indagou.

— Não nos conhecíamos pessoalmente, Sr. North, mas achei que, por causa do seu trabalho, o senhor poderia receber bem uma livraria em Hardborough. Deve encontrar escritores na BBC, pensadores, gente assim. Espero que venham até aqui, algumas vezes, para vê-lo e também para respirar um pouco de ar puro.

— Se viessem, eu não saberia ao certo o que fazer com eles. Os escritores vão para qualquer parte, e não tenho certeza quanto aos pensadores. Mas minha expectativa seria a de que Kattie cuidasse deles.

Kattie devia ser, com certeza, a moça morena, de meia sete oitavos vermelha — ou talvez meia-calça, do tipo que se podia comprar em Lowestoft ou em Flintmarket, embora não em Hardborough —, que morava com Milo North. Eles eram o único casal não casado que morava junto na cidade. Mas Kattie, que também se sabia trabalhar para a BBC, só ia ali três noites por semana — nas segundas, quartas e sextas — e achava que isso tornava a situação um pouco mais respeitável.

— É uma pena Kattie não poder estar aqui esta noite.

— Mas é quarta-feira! — exclamou a Sra. Green, à sua própria revelia.

— Não disse que ela não está aqui, só lamentei o fato de não ter vindo. Ela não pôde vir porque eu não a trouxe. Achei que poderia causar problemas e que não valeria a pena.

A Sra. Green achou que ele deveria ter a coragem de se comportar à altura de suas convicções. Sua ideia era a de um casal jovem desafiando o mundo. Ela, sendo mais velha, tinha direito a se mostrar ansiosa.

— De qualquer jeito, deve ir à minha livraria — disse. — Conto com o senhor.

— Não se deve contar comigo — retrucou Milo.

Pegou-a pelos cotovelos, o toque mais leve possível, e sacudiu-a, para enfatizar suas palavras.

— Por que está usando vermelho esta noite? — perguntou.

— Não é vermelho! É granada, ou melhor, ferrugem!

A Sra. Violet Gamart, a patronesse natural de todas as atividades públicas de Hardborough, aproximou-se deles. Embora estivesse de costas, ela notou a sacudidela, mas achou que isso sugeria a liberdade das artes, não estando, portanto, deslocada em sua sala de estar. Chegara, porém, o momento de trocar algumas palavras com a Sra. Green. Explicou que tentara fazer isso a noite inteira, mas sempre vinha alguém e a arrastava. Parecia que um número imenso de pessoas fora até ali, mas ela podia encontrar a maioria delas a qualquer momento. O que queria dizer, de fato, era que todos deveriam sentir-se gratos por esse novo empreendimento, tanta percepção e espírito arrojado.

A Sra. Gamart falava com uma espécie de urgência generosa. Tinha olhos

escuros e brilhantes, que pareciam abertos até o máximo possível, como se por meio de um mecanismo desconhecido.

— Bruno! Já foi apresentada ao meu marido? Venha dizer à senhora... senhora... como todos estamos encantados.

Florence teve um sentimento confuso de vocação, como se desejasse dedicar sua vida a servir à Sra. Gamart.

— Bruno!

O general tentava chamar a atenção para um ferimento em sua mão, causado pelo fio retorcido de uma das rolhas de champanhe. Encaminhou-se, sucessivamente, até cada grupo de convidados, esperando provocar um sorriso, ao se referir a si mesmo como um ferido ambulante.

— Rezávamos todos para que surgisse uma boa livraria em Hardborough, não é mesmo, Bruno?

Satisfeito por ter sido solicitado, ele foi mancando em direção a ela.

— Claro, querida, rezar não faz mal nenhum. Seria provavelmente uma boa coisa se todos fizéssemos sempre isso.

— Só há uma questão, Sra. Green, mas não tão séria: a senhora ainda não se mudou definitivamente para a Old House, não é?

— Claro que sim; estou lá há mais de uma semana.

— Ah, mas lá não tem água...

— Sam Wilkins consertou os canos para mim.

— Não se esqueça, Violet — disse o general, com ansiedade —, de que você tem ido muito a Londres, ultimamente, e não pode ficar de olho em tudo.

— Por que não deveria ter me mudado? — perguntou Florence, da maneira mais leve que pôde.

— Por favor, não ria de mim, mas, por sorte, tenho uma espécie de dom, ou talvez seja um instinto, para identificar os lugares e as pessoas que combinam. Por exemplo, bem recentemente... só tenho medo de que não signifique muito para a senhora, se não conhece as duas casas a que me refiro...

— Talvez se puder me dizer que casas são essas em que está pensando — falou o general —, poderei explicar tudo com bastante vagar à Sra. Green.

— De qualquer jeito, voltando à Old House, é exatamente o tipo de coisa que quero dizer. Creio que poderia poupar-lhe muita decepção e talvez até mesmo certa despesa. Na verdade, desejo ajudá-la, e essa é a minha desculpa para dizer tudo isso.

— Tenho certeza de que não é preciso desculpar-se — disse Florence.

— Há tantos prédios mais adequados para uma livraria em Hardborough, tantos mais convenientes, sob todos os aspectos. Sabia, por exemplo, que a Deben está fechando?

Claro que ela sabia que a peixaria Deben estava prestes a fechar as portas. Todos na cidade sabiam quando havia prédios desocupados, quem estava em aperto financeiro, quem precisaria, dentro de nove meses, de acomodações mais amplas para a família e quem estava prestes a morrer.

— Nós nos acostumamos tanto, eu acho, a ver a Old House vazia que fomos adiando de um ano para o outro; a senhora quase nos faz sentir vergonha com tanta pressa, Sra. Green, mas a verdade é que estamos um pouco preocupados com a repentina transformação da nossa Old House em loja, pois muitos de nós temos a ideia de transformá-la numa espécie de centro... quero dizer, um centro de artes... para Hardborough.

O general, tenso, ouvia com atenção.

— Podíamos rezar para isso também, Violet.

— ... música de câmara no verão, não podemos deixar tudo para Aldeburgh, palestras no inverno...

— Já temos palestras — disse Florence. — A série do vigário sobre a Suffolk Pitoresca só volta a cada três anos. — Eram noites deliciosas, pois não havia necessidade nenhuma de ouvir atentamente e, diante das fileiras sonolentas, os slides coloridos se seguiam sem nenhum tipo de ordem, desobedecendo à voz do vigário.

— Deveríamos ter muito mais ambição, especialmente com os visitantes de verão, que podem vir de alguma distância. E, simplesmente, não há nenhuma outra casa antiga que tenha a atmosfera certa. Você me faria o favor de repensar o assunto?

— Negociei essa compra por mais de seis meses e não posso acreditar que houvesse alguém em Hardborough que não soubesse disso. Na verdade, tenho certeza de que todos sabiam. — Ela olhou para o general, em busca de confirmação, mas ele olhava fixamente para os pratos vazios dos sanduíches, a distância.

— E, certamente — prosseguiu a Sra. Gamart, com ênfase ainda mais acentuada —, uma grande vantagem, que parece um equívoco desperdiçar, é que agora temos exatamente a pessoa certa para assumir. Quero dizer, assumir a direção do centro e nos pôr em dia quanto a livros, filmes e música;

encorajar as coisas e fazer com que avancem, e tomar as medidas adequadas no sentido de manter tudo no caminho certo.

Lançou à Sra. Green um sorriso com inconfundível significado e esplendor. O momento de constrangedora intimidade voltara, embora a Sra. Gamart, fazendo acenos com a cabeça e gestos encorajadores, se retirasse, no curso de sua última frase, para o meio de sua protetora roda de convidados.

Florence, deixada inteiramente sozinha, saiu para o pequeno quarto contíguo ao saguão, a fim de começar a busca por seu casaco. Enquanto examinava metodicamente as pilhas, refletiu que, afinal, não era velha demais para ocupar dois cargos. Talvez pudesse conseguir um gerente para a loja, enquanto fizesse algum tipo de curso de história da arte e de apreciação musical — a música sempre era apreciada, enquanto a arte tinha uma história —, o que, supunha ela, significaria algumas viagens a Cambridge.

Do lado de fora, a noite estava clara, e, para além dos pântanos, era possível ver o Laze, marcado pelas luzes dos barcos de pesca ancorados, à espera da maré baixa. Mas estava frio, e o ar fez seu rosto arder.

"Foi muita bondade deles me convidarem", pensou. "Acho que me consideram um tanto desajeitada para alguém conversar comigo."

Assim que ela foi embora, os grupos de convidados organizaram-se de um modo diferente, como o gado fizera quando Raven conduziu para longe o velho cavalo. Agora, eles eram todos do mesmo tipo, voltados na mesma direção, pastando juntos. Podiam acertar muitos assuntos entre si, embora o que acertassem fosse, muitas vezes, uma questão de oportunidade. Quando se aproximou a hora de pensarem em ir para casa, a Sra. Gamart ainda estava um pouco preocupada com o que parecia uma verificação do seu plano para a Old House. Aquela Sra. Green, embora bastante modesta, não concordara com suas ideias de imediato. Mas isso não tinha muita importância. Um pouco mais de champanhe, porém, servida a ela por Milo, fez seus pensamentos girarem na frivolidade de seu círculo mais elevado, e ela passou a falar do Centro para a Música e as Artes de Hardborough com o segundo marido de sua prima, que tinha a ver com o Conselho Artístico; com seu próprio primo, outrora afastado, mas que logo estaria nos altos escalões da Diretoria de Planejamento; com seu brilhante sobrinho, membro da Sociedade para Proporcionar Acesso Público a Locais de Interesse e Beleza; e com Lorde Gosfield, que se arriscara a ir até ali, deixando seu estagnado castelo nos Fens, porque, se houvesse um novo surto de febre aftosa, ele não poderia aparecer durante meses. E, na

cabeça de seu brilhante sobrinho, primo etc., formou-se uma fraca resolução no sentido de que talvez fosse preciso fazer alguma coisa; do contrário, Violet poderia tornar-se um tanto desagradável. Até Lorde Gosfield sentia-se afetado, embora nada tivesse dito durante toda a noite e, na verdade, houvesse dirigido por todos aqueles duzentos quilômetros e tanto para não dizer absolutamente nada, em companhia de seu velho amigo Bruno. Todos foram gentis com sua anfitriã, porque isso facilitava as suas respectivas vidas.

Era hora de partir. Não estavam certos de onde eles, ou suas esposas, tinham posto as chaves do carro. Demoraram-se na porta da frente, dizendo que não deveriam deixar entrar o ar frio, enquanto o velho cão do general, que vivia na obsessiva expectativa de que a porta se abrisse, batia fracamente a cauda no chão reluzente; depois, seus carros não queriam pegar, e a perspectiva de que alguns voltassem para passar a noite tornou-se perigosamente próxima; afinal, a última centelha falseou, e eles saíram rugindo, gritando e acenando, e, no silêncio que se seguiu, o vento do pântano foi novamente ouvido.

3

Na manhã seguinte, Florence preparou para si mesma um arenque — não fazia muito sentido morar em East Suffolk, quando não se sabia fazer isso — e mais duas fatias de pão com manteiga e um bule de chá. Seu fogão ficava numa casinha, nos fundos. Aquele era o cômodo mais simpático da Old House, caiado, sem muito barulho além do suspiro do velho poço tampado, no piso, com tijolos. Os moradores mais antigos haviam se considerado afortunados por não terem de sair para bombear, e ainda mais afortunados quando foi instalada a grande pia vitrificada em amarelo, funda como um sarcófago. Uma torneira de latão, quando orgulhosamente acionada, descarregava água fria como gelo, vinda de grande altura.

Às oito horas, ela desligou a chaleira elétrica e ligou o rádio, que começou imediatamente a falar de Chipre e de Niassalândia e depois disse, com uma leve mudança de entonação, que a expectativa de vida era agora de 68,1 anos para os homens e de 73,9 para as mulheres, em contraste com o início do século, quando era de 45,8 anos para os homens e de 52,4 para as mulheres. Ela tentou achar esse fato encorajador. Mas o Aviso aos Navegantes — "Mar do Norte, ventos ciclônicos variáveis e fortes, tornando-se fortes a nordeste", ou "mar sob fortes ventos, revolto ou muito revolto" — levou-a a sentir vergonha. Sentia-se envergonhada por estar acomodada em sua casinha dos fundos, com seu saboroso arenque, e também pela inutilidade de se sentir assim. Pela janela voltada para o leste, podia ver o aviso de tempestade içado sobre a Guarda Costeira contra um céu verde-pálido, meio amarelado.

Por volta do meio-dia, clareou. O céu se iluminou de um horizonte a outro, e as altas nuvens brancas refletiram-se em quilômetros e quilômetros na

reluzente água da represa, de modo que os pântanos pareceram ficar entre uma nuvem e outra. Após seus encargos matinais, ela voltou por um atalho pelo pasto. A Escola Primária estava em seu segundo período de recreio externo. Os meninos ficavam separados das meninas, a não ser na turma mais adiantada, com quase onze anos ou mais, que circulavam uns em torno dos outros. Inteiramente sozinha, uma criança pequena gritava. Fora mandada para fora adequadamente, com um cachecol cruzado em cima do peito e preso atrás com uma presilha e luvas de lã amarradas com um pedaço de elástico que passava por baixo da gola de seu casaco. Evidentemente, era uma criança muito mais nova, não qualificada para estar com os meninos ou as meninas do primário. Tentou acalmá-la.

— Você é do jardim da infância; não devia estar brincando do lado de fora agora. Está perdida? Qual é o seu nome?

— Melody Gipping.

Florence tirou da bolsa um lenço limpo e limpou o nariz de Melody. Uma figura que parecia uma criança de rua, o cabelo fino como capim seco, destacou-se do grupo das meninas.

— Está tudo bem, senhora. Sou Christine Gipping; deixe que eu a levo. Temos Kleenex. São mais higiênicos.

As duas afastaram-se juntas. Os meninos brincavam de atirar uns nos outros, enquanto as meninas, formando um grande círculo, faziam velhas bolas de tênis ricochetearem, enquanto cantavam:

Um, dois, Pepsi-Cola,
Três, quatro, Casanova,
Cinco, seis, sem despentear,
Sete, oito, faça rolar,
Nove, dez, mais uma vez.

Florence olhou para o sul, onde o horizonte estava demarcado pela negra extensão de um bosque de pinheiros. Ali ficava o Viveiro das Garças, mas, em 1953, quando o mar inundou os bosques com sua água salgada, as garças voaram e foram embora, deixando de fazer ninhos naquele local.

No portão estreito que era a saída do pasto, ela avistou o Sr. Deben, da peixaria, aproximar-se quase rastejando, de olhos baixos, com um aspecto de

comerciante falido. Devia tê-la seguido até ali, e ele, de fato, praticamente admitiu isso.

— É sobre a minha loja, Sra. Green. Vai ser leiloada, mas isso não ocorrerá antes de abril, ou talvez até mesmo um pouco depois disso. Eu preferiria chegar a um acerto particular antes que isso acontecesse. E, como a senhora manifestou interesse na propriedade... — Ele não fez uma pausa suficientemente longa para ela ter tempo de dizer que não fizera nada parecido com isso, e apressou-se em observar: — Se não vai ficar na Old House e se não vai embora definitivamente da região, estou ocupado demais para prestar atenção em todos os boatos, então é lógico que terá de fazer uma oferta para outro prédio.

"Ele deve estar confuso por causa de seus problemas com os negócios", pensou ela. Saíra diretamente de sua loja trazendo ainda na cabeça seu chapéu de palha de peixeiro e usando um macacão terrivelmente velho. Nesse ínterim, porém, o dissimulado e confuso discurso do homem trouxe-lhe uma ideia em sua cabeça, repentina, mas não estranha, pois ela a reconheceu imediatamente como verdadeira. Era a verdade sob a forma de uma advertência, pela qual ela devia estar agradecida.

— Houve um mal-entendido, Sr. Deben. Mas isso não tem a menor importância, e eu gostaria de ajudá-lo. A Sra. Gamart teve a gentileza de me falar do plano dela de um centro de arte, que, com certeza, beneficiaria a todos nós aqui em Hardborough. Ela está procurando um prédio, creio, e qual outro lugar seria melhor do que uma peixaria desocupada?

Sem se dar tempo para refletir, ela afastou-se do local por um portão estreito, que ficou desajeitadamente preso, como de costume, enquanto ela e Deben trocavam cortesias, depois atravessou a High Street, virou à direita pelo Corn and Seed Merchant's, e novamente à direita, até chegar ao Nelson Cottage. Milo North podia ser visto através da janela do térreo, sentado a uma mesa com uma toalha de patchwork, sem fazer absolutamente nada.

— Por que não está em Londres? — perguntou ela, batendo de leve na vidraça. Sentiu-se um tanto irritada pela imprevisibilidade do cotidiano dele.

— Mandei Kattie trabalhar esta manhã. Entre, por favor.

Milo abriu a minúscula porta da frente. Era alto demais para a casa, que parecia uma cabana de pescador, alcatroada e pintada de preto.

— Gostaria de um pouco de Nescafé?

— Nunca experimentei — disse ela. — Já ouvi falar a respeito. Me

disseram que não é preparado com água fervendo. — Sentou-se numa delicada cadeira de balanço de madeira recurvada. — Essas coisas são todas pequenas demais para você — observou.

— Eu sei, eu sei. Estou satisfeito com sua presença aqui, esta manhã. Ninguém mais me faz encarar a verdade.

— Isso é bom, porque vim para lhe fazer uma pergunta. Quando a Sra. Gamart falou, na festa dela, sobre a pessoa ideal para dirigir um centro de arte, era em você que ela estava pensando, não é?

— A festa de Violet?

— Ela esperava que eu me mudasse, provavelmente para outro lugar, completamente diferente, sabendo que você iria para a Old House, a fim de administrar tudo. Não é isso?

Milo ficou encarando-a com seus límpidos olhos cinzentos.

— Se ela se referia a mim, não creio que fosse usar a palavra "administrar".

Florence acusou a si mesma de vaidade, autoengano e erro proposital de interpretação. Ela era uma mulher de negócios: por que alguém esperaria que tivesse algo a ver com artes? Curiosamente, durante os dias que se seguiram, ela esteve à beira de se oferecer para deixar a Old House. Era insuportável a suspeita de que se agarrava à ideia simplesmente porque sua vaidade fora ferida. "Claro, Sra. Gamart, a quem nunca vou me referir ou chamar de Violet, era em Milo North que a senhora pensava. Instale-o imediatamente. Meu pequeno negócio com livros pode encaixar-se em qualquer lugar. Só lhe peço para não deixar as convenções serem desafiadas depressa demais... East Suffolk não está acostumado a isso. Kattie terá que viver no depósito das ostras, pelo menos nos primeiros anos."

Em momentos mais tranquilos, ela refletia que, se a Sra. Gamart e seus simpatizantes pudessem conseguir algum tipo de financiamento do governo e se fossem capazes de pagar pelo imóvel o preço pedido por ela, mais as despesas com a mudança e um lucro justo, ela estaria aberta a novas oportunidades, talvez não mais em Suffolk, ou nem mesmo na Inglaterra; mas, com essa preciosa disposição para recomeçar, tão rara em sua idade, sem dúvida, era absurdo imaginar que a expulsariam e que a mão do privilégio a estava empurrando para a peixaria de Deben.

Em suma, ela cegou a si mesma, fingindo, por algum tempo, que os seres

humanos não estão divididos em exterminadores e exterminados, com os primeiros predominando o tempo inteiro. Força de vontade é inútil sem senso de direção. E a dela estava numa maré tão baixa que não lhe dava mais instruções para sobreviver.

Mas sua força de vontade ressurgiu, sem qualquer esforço de sua parte e no espaço de dez minutos, numa terça-feira pela manhã, no fim de março. O tempo estava estranho e a fazia lembrar-se do dia em que vira a garça tentando engolir a enguia em pleno voo. Embora a roupa lavada nos varais fosse soprada para oeste, com a brisa da costa, o moinho no pantanal tinha pegado a brisa da terra e rodava no sentido leste. As gralhas faziam círculos nas correntes contrárias de ar. Ela deixou seu pequeno carro no estacionamento que ficava nas cercanias da Guarda Costeira, o mais próximo que podia chegar da Old House, e seguiu pela curta vereda que começava na praia e a conduzia até a porta dos fundos de sua casa.

O caminho era muito estreito, e, quando o vento soprava forte, as pequenas casas de tijolos e telhas pareciam agarrar-se umas às outras, como criancinhas desamparadas. A porta dos fundos tinha de ser aberta com cuidado; do contrário, a corrente de ar apagava a chama piloto do fogão. Virou a chave no cadeado, mas a porta não quis abrir.

Perdeu apenas um minuto pensando em dobradiças enferrujadas, madeira empenada etc. A força hostil, empurrando contra seu empurrão, ia e vinha, sempre um pouco à frente dela, com a astúcia dos loucos. A trêmula porta esperou que ela tentasse de novo. De dentro da casa dos fundos, veio um pipocar de batidas leves. Aquilo não soava como uma coisa batendo na outra, e mais como uma série de minúsculas explosões. Depois, quando ela se encostou na porta, tentando recuperar o fôlego, a porta se abriu repentinamente e ficou se balançando para a frente e para trás, como mãos batendo palmas para um espetáculo cômico, enquanto ela caía de joelhos do lado de dentro, no chão de tijolos.

Todos em Score Lane devem ter visto sua queda de ponta-cabeça em sua própria cozinha. Porém, mais forte que o embaraço, o medo e a dor foi a sensação de injustiça. O batedor era familiar no banheiro e no corredor do andar de cima. Nos fundos da casa, ela nunca ouvira ou vira quaisquer sinais de malignidade. Existem acordos subliminares até mesmo com o metafísico, e o batedor os infringira. Sua força de vontade, que ela sentiu como indignação, ergueu-se para enfrentar a injúria. O Invisível, como as moças sempre o

chamaram na Müller, também não conseguia deixar de se intrometer, da mesma forma que o Visível. Nenhum dos dois a impediria de abrir uma livraria.

Em consequência, o Sr. Thornton fora instruído a concluir o negócio assim que possível, o que significava que ele seguia no mesmo ritmo de antes. A Thornton & Co. estava estabelecida havia muitos anos. O trabalho no tribunal talvez fosse, em grande parte, deixado para Drury, o advogado que não era Thornton, mas Thornton era um profissional completamente confiável. Ele ouvira dizer, claro, que sua cliente fora vista caindo pela rua, segurando uma cabeça de cavalo para aquele velho patife Raven, e visitando Milo North, a quem Thornton condenava. Por outro lado, ela fora convidada para uma festa em The Stead, para onde jamais o haviam chamado, embora ele ainda tivesse esperança de que os Gamart, algum dia, recuperassem o bom senso e tirassem seus negócios de Drury, que simplesmente não estava à altura de cuidar de importantes questões de família. Ora, então a Sra. Green conhecia os Gamart. Mas, mesmo assim, acreditava ele, havia reservas.

Pegando seu arquivo sobre a Old House, ele explicou que havia algumas pequenas dificuldades referentes ao depósito das ostras. Podia-se sustentar que a comunidade pesqueira, por um direito imemorial, estava autorizada a passar diretamente por ali, ao seguir para a praia, e possivelmente até mesmo secar suas velas no sótão.

— Não se chega à praia atravessando o armazém — comentou ela. — Chega-se, sim, ao escritório do encarregado do gás. E não se pode secar nada ali, pois a umidade escorre pelas paredes. O sótão caiu em pedaços, e nenhum dos pescadores locais, que não se afastam muito da praia, sai com velas. Sem dúvida, não tardará para essa questão ser resolvida.

O advogado explicou que os direitos não eram absolutamente afetados pela impossibilidade de serem postos em prática. Aprontar escrituras, no caso de compra e venda de imóveis, não era uma coisa tão simples quanto imaginava o público em geral.

— Estou de fato satisfeito por ter vindo aqui hoje, Sra. Green. Uma coisa que ouvi, inteiramente por acaso, me fez imaginar se não estaria revendo toda a transação. — Ele parecia tremer de curiosidade.

— Quando fala em rever, quer dizer desistir, não é? — perguntou ela.

— Quero dizer que está pensando melhor a respeito, minha cara senhora. Sempre é triste perder um membro de uma comunidade pequena como

Hardborough, mas só se pode aplaudir e compreender quando há oportunidades melhores em outros lugares.

— Quer dizer que pensou que eu talvez mudasse de ideia e fosse para outro lugar? — Ela desejaria poder crescer e ficar muito mais alta, pelo menos durante meia hora, a fim de poder olhar de cima para baixo, e não de baixo para cima, em conversas como aquela. — Quer dizer que achou que eu queria sair da Old House... que, a propósito, é meu único lar... enquanto o senhor ainda se deixa perturbar pelo direito de passagem dos pescadores?

— Existem muitas outras propriedades vazias em Hardborough, e por acaso tenho uma lista de algumas outras mais afastadas, em Flintmarket e até mesmo em Ipswich. Não sei se já considerou...

Era o mês de maio, e haviam chegado bandos de andorinhas-do-mar, que se elevavam e caíam a cada batida de asa e se instalavam às centenas nas extensões de areia próximas da praia. O estoque da Müller chegou em dois furgões da Carter Paterson, seguido, uma semana depois, por instruções dos atacadistas. Quanto ao restante, os títulos novos, ela teria de esperar pelos vendedores, caso se aventurassem a ir tão longe, pelos pântanos, até um ponto de venda inteiramente desconhecido. Como se revelara impossível usar o depósito, tudo teve de ser empilhado no espaçoso armário embaixo da escada, enquanto Florence decidia sobre a arrumação.

Certa manhã, ela voltou de Flintmarket em seu carro e encontrou a casa cheia de meninos na faixa de doze ou treze anos, com camisetas de malha azul.

— Somos Escoteiros do Mar — disseram-lhe.

— Como foi que vocês entraram?

— O Sr. Raven conseguiu a chave com o bombeiro — disse uma das crianças, atarracada como um fardo de palha.

— Ele não é o capitão de vocês, é?

— Não, mas ele nos disse para vir até a sua casa. O que quer que a gente faça?

— Quero que todas as prateleiras sejam presas na parede — disse ela, com igual objetividade. — Podem fazer isso?

— Quantas furadeiras manuais a senhora pode arranjar para nós?

Ela saiu, comprou furadeiras manuais e quilos de parafusos. Os escoteiros trabalharam por duas horas, foram para suas casas almoçar e, em seguida,

tornaram a aparecer. Depois que as prateleiras foram pregadas, o chão inteiro e a maioria dos livros estavam cobertos com uma camada de quase um centímetro de serragem.

— Podemos arrumar e limpar tudo isso mais tarde — disse Wally.

— Eu mesma vou arrumar — disse ela. Sentia-se cheia de amor por eles. — Gostaria de dar alguma coisa a vocês, para seu quartel-general. — O quartel-general dos escoteiros eram os destroços de uma velha escuna de três mastros encalhada no estuário.

— A senhora tem algum código Morse ou o *Pears Medical Dictionary?*

— Infelizmente, acho que não. — Ficaram ambos na incerteza. — Já sei, Wally. Quero que levem essas furadeiras manuais. Não me servem de nada, não sei como usá-las corretamente. Se precisar de um buraco em qualquer coisa, mandarei um aviso para você.

— Obrigado. Acho que vão ser úteis para nós — disse Wally —, mas, a cada trabalho que fazemos, somos obrigados a contribuir com o valor de doze tijolos para a nova Casa de Baden-Powell, que estão construindo em South Kensington.

Ela lhe deu cinco libras, e ele fez uma saudação.

— South Kensington é uma área de Londres — explicou.

Os escoteiros, sobre os quais Raven exercia uma influência misteriosa, mas direta, voltaram para fazer a pintura branca, e, depois, ela recusou qualquer nova oferta e ficou livre para arrumar o estoque sozinha. Os livros novos vinham em séries de dezoito, embrulhados em fino papel marrom. Enquanto os separava, eles foram encaixando-se em sua própria hierarquia social. Os pesados e luxuosos livros sobre casas de campo, os livros sobre as igrejas de Suffolk, as memórias de estadistas, em vários volumes, ocuparam o lugar que era seu por direito de nascimento, na vitrine da frente. Outros, indispensáveis, mas não tão aristocráticos, ocupariam as prateleiras do meio. Era o lugar para os Livros do Automóvel — do Austin ao Wolseley —, obras técnicas sobre polimento de seixos, navegação à vela, pôneis, flores e pássaros selvagens, mapas locais e guias. Entre estes, as populares reminiscências da guerra, com sobrecapas em tons cáqui e vermelho-sangue, encaravam-se como rivais, com eriçada hostilidade. Lá atrás, nas sombras, estavam os Encalhados, em grande parte de filosofia e poesia, que ela nutria pouca esperança de vender até o último. Os Eternos — dicionários, livros de referência etc. — iriam direto para a parte de trás, junto com as Bíblias e livros premiados que, segundo suas

esperanças, a Sra. Traill do Primário daria de presente aos alunos bem-sucedidos. Finalmente, vinham os surrados engradados remanescentes da Müller. Uns poucos eram até de segunda mão. Embora ela fosse treinada para nunca olhar dentro dos livros enquanto estivesse trabalhando, abriu dois deles — antigas edições da coleção Everyman, com uma desbotada capa cartonada verde-oliva, estampada a ouro. Havia a caprichada guarda, que examinara cheia de perplexidade quando era menina. *Um bom livro é a preciosa força vital de um espírito superior, embalsamado e entesourado para que alcance vida além da vida.* Depois de alguma hesitação, ela o colocou entre Religião e Medicina Doméstica.

A parede à direita foi deixada para as brochuras. A 1 xelim e 6 centavos cada, alegremente coloridas, animadamente democráticas, entulharam as prateleiras em fileiras bem-disciplinadas. Sua saída seria rápida, e teve de aprová-las; mas lembrava-se de um mundo no qual apenas os estrangeiros se satisfaziam em ter seus livros encapados com papel. As edições Everyman, com sua dignidade surrada, pareciam confrontá-la com um olhar de reprovação.

Na cozinha dos fundos, já que não existia absolutamente espaço para eles na loja, havia duas gavetas fundas separadas para os Livros dos Livros — o Livro Razão, Encomendas Repetidas, Compras, Retorno das Vendas, Caixinha. Ainda em branco, com colunas duplas intocadas, esses livros indesejados ameaçavam a silenciosa comunidade que estava nas prateleiras da sala vizinha. Não muito hábil em contabilidade, Florence preferiria que eles ficassem sem leitores. Mas isso era um ponto fraco, e ela pediu à inteligente sobrinha de Jessie Welford, que trabalhava num escritório de contabilidade em Lowestoft, para aparecer uma vez por mês, a fim de checar tudo. "Um pequeno Balancete de Verificação, de vez em quando", disse Ivy Welford, com certa condescendência, como se aquilo fosse um tônico para os débeis mentais. Sua sabedoria mundana, numa moça de vinte e um anos, era alarmante, e ela precisaria ser paga, claro; mas tanto o Sr. Thornton quanto o gerente do banco, ao saberem que havia um acordo com Ivy, pareceram aliviados. A moça tinha a cabeça no lugar, disseram.

4



A inauguração da Livraria Old House deveria acontecer na manhã seguinte, mas Florence não pretendia fazer nenhum tipo de comemoração, porque não tinha certeza quanto a quem convidar. O estado de espírito, porém, é tudo. A partir disso, é possível ter uma festa muito satisfatória inteiramente a sós. Estava pensando nisso quando a porta da rua se abriu e Raven entrou.

— A senhora fica muito sozinha — comentou ele.

Desculpou-se por estar com suas galochas e olhou em torno para ver se os escoteiros haviam pregado corretamente as prateleiras.

— Alguns centímetros fora do alinhamento ali, junto do armário.

Mas Florence não queria ver nenhum defeito. Além disso, agora que os livros estavam no lugar, bem na frente (ela não poderia suportar que deslizassem para trás, como se estivessem derrotados), dificilmente qualquer irregularidade seria perceptível. Assim como o vestido vermelho, as prateleiras se ajustariam a ela, quando as usasse.

— E aquele reboco está com péssimo aspecto — prosseguiu Raven. — A senhora pode chamar a atenção deles da próxima vez que os encontrar.

Ela não estava segura se reconheceria qualquer dos escoteiros sem o seu uniforme, mas estava enganada, pois Wally apareceu vestindo seu *blazer* da escola e um par de resistentes calças da Agricultural Outfitters, e ela o identificou de imediato.

Ele disse ter um bilhete para a Sra. Green.

— Quem o entregou a você? — perguntou Raven.

— Foi o Sr. Brundish, Sr. Raven.

— O quê? Ele saiu da Holt House e lhe deu o bilhete?

— Não, ele só se encostou um pouco na janela e fez um estalo.

— Com a língua?

— Não, com os dedos.

— E você conseguiu ouvir, através da janela?

— Não, apenas percebi.

— Qual era o aspecto dele? Estava pálido?

Wally pareceu em dúvida.

— Pálido e moreno. Não se pode realmente dizer qual é o aspecto dele. Está com a cabeça meio afundada nos ombros.

— Você ficou assustado?

— Senti que precisava entrar em ação.

— Um Escoteiro do Mar sempre deve entrar em ação — respondeu Raven, maquinalmente. — Acho que não o vejo há mais de um mês, apesar do bom tempo, e não escuto a voz dele há bem mais tempo. Ele não lhe disse nada, não foi?

— Ah, sim, ele pigarreou um pouco e me disse para entregar isso à Sra. Green.

Wally tinha na mão um envelope branco, com uma tarja preta. Embora ela o olhasse o tempo inteiro, quase não conseguia acreditar em sua existência. Jamais falara com o Sr. Brundish. Até mesmo na festa, em The Stead, ela não tivera nenhuma expectativa de encontrá-lo. Sabia muito bem que a Sra. Gamart, como anfitriã de todos os eventos importantes em Hardborough, gostaria de tê-lo como amigo; mas, como ela estava em The Stead havia apenas quinze anos e não nascera em Suffolk, seus desejos foram em vão. Talvez a presença dela ainda não tivesse chamado a atenção do Sr. Brundish. Além disso, nos últimos anos, ele ficara tão confinado em sua casa que era de causar perplexidade o fato de saber o nome de Florence.

— Não vejo como isso possa ser destinado a mim.

Não ocorreu a Raven nem a Wally ir embora até o envelope ser aberto.

— Não se preocupe com a tarja preta — disse Raven. — Ele mandou fazer esses envelopes por volta de 1919, quando todo mundo tinha voltado da Primeira Guerra Mundial. Eu ainda era garoto, e a Sra. Brundish tinha morrido.

— Do que ela morreu?

— Foi uma coisa estranha, Sra. Green. Ela se afogou ao atravessar o pântano.

Dentro do envelope, havia uma folha de papel, também com uma tarja preta.

Cara Senhora,

Desejo-lhe felicidades. No tempo do meu bisavô, havia um livreiro na High Street que, segundo consta, derrubou um dos clientes com um in-fólio quando ele se queixou demais. Foi por causa de um atraso na chegada do último fascículo de um novo romance — acho que o *Dombey and Son*. Desde aquele dia, até hoje, ninguém mais teve coragem suficiente para vender livros em Hardborough. A senhora nos homenageia. Sem dúvida, irei à sua loja se algum dia sair; mas, atualmente, faço questão de ficar em casa. Terei, contudo, o maior gosto em me tornar assinante de sua biblioteca itinerante.

Cordialmente,

Edmund Brundish

Uma biblioteca! Ela não havia pensado nisso e não havia espaço suficiente.

— É evidente que ele não está satisfeito com a atual — disse Raven.

O furgão da biblioteca pública vinha de Flintmarket uma vez por mês. Os livros, por causa do uso excessivo, haviam adquirido um odor particular. Todos que gostavam de ler em Hardborough os haviam lido várias vezes.

Ela acompanhou Wally até a porta da rua, enquanto ele fazia sinais de reconhecimento com a cabeça, em resposta aos seus agradecimentos. Parecia um mensageiro-chefe. Sua bicicleta estava carregada de compras e, no guidão — aparafusado de cabeça para baixo, a fim de ficar mais parecido com o de uma bicicleta de corrida —, estava pendurada uma cesta de vime contendo uma galinha.

— Está choca, Sra. Green. Estou levando a galinha da nossa casa para a da meia-irmã do meu primo. Ela quer criar pintos.

Florence pôs a mão de leve naquela volumosa massa de penas. A velha ave estava afundada num macio montão amarelo-castanho, mal abrindo os olhos, que pareciam fendas. Toda a sua energia estava absorvida na produção de calor. A própria cesta pulsava, num ritmo lento e deliberado.

— Obrigada por trazer o bilhete, Wally. Vejo que tem uma porção de coisas para fazer. — Ela trouxera sua bolsa e contribuiu, tranquilamente, para a compra de outro tijolo.

Raven não saiu logo. Explicou que tinha vindo, em primeiro lugar, para sugerir que ela precisava de alguém jovem e esperto para ajudá-la, talvez depois da escola.

— Estava pensando em Wally?

— Não, nele não. Não ficaria à vontade com livros. Gosta é de matemática. Se fosse um grande leitor, daria uma olhada em sua carta, a caminho daqui, mas a senhora viu que ele não fez isso.

Raven estava pensando numa das meninas Gipping. Ele não revelou quantas elas eram, nem pareceu achar que tivesse alguma importância qual seria. A reputação de competência lhes era atribuída por sua mãe, Sra. Gipping. A família morava naquela casa entre a igreja e a velha estação ferroviária, com um bom pedaço de terra. O Sr. Gipping era estucador, mas era possível vê-lo com frequência escorando pés de ervilha ou arrancando seus pés de tomate. A Sra. Gipping saía para trabalhar um pouco. Ela ajudava Milo, nos dias em que Kattie estava em Londres, e ia regularmente à casa do Sr. Brundish.

— Vou falar com ela — disse Raven. — Ela pode mandar uma menina até aqui, depois da escola. As aulas terminam às três e vinte e cinco.

Ele partiu. As pegadas molhadas de suas galochas pareciam a trilha deixada por algum anfíbio amistoso nas tábuas do assoalho, enceradas mais de uma vez para a abertura da livraria no dia seguinte. A sensação de que organizavam algo para ela era agradável. Sozinha, não teria coragem de visitar a populosa casa da Sra. Gipping.

Seus pensamentos se voltaram relutantemente para a questão da biblioteca itinerante. Seria um problema e poderia até mesmo fracassar. Era razoável esperar, por exemplo, que a Sra. Gamart se inscrevesse? Não tivera mais nenhuma notícia de The Stead, mas Deben lançara-lhe um olhar meio de repreensão, meio de astúcia, enquanto arrumava os arenques em cima de seu balcão de mármore, mostrando-lhe que a controvérsia ainda estava viva. Quanto mais modestamente ela administrasse seu negócio, pelo menos no primeiro ano, melhor. Mas, após ler outra vez toda a carta do Sr. Brundish, ela disse, em voz alta: "Vou ver o que posso fazer para ter uma biblioteca".

Se pensara que o *poltergeist* reduziria seus esforços após a abertura da livraria, estava enganada. Em várias ocasiões, durante a noite, atrás de cada parafuso que os escoteiros haviam enterrado, ocorria uma delicada e estridente batida, como se alguém os numerasse para alguma referência futura. Durante o dia, os clientes comentavam que era muito barulhento na vizinha Rhoda's e que

jamais tinham ouvido uma máquina de costura fazer um ruído assim. Florence respondia, certa de estar dizendo a exata verdade, que nunca se sabia o que poderia acontecer naquelas casas antigas. Instalou uma caixa registradora com uma sineta, um som capaz de desviar a atenção de quase todo o resto.

Seu dia de abertura atraiu apenas uma leve atenção em Hardborough. Não havia curiosidade alguma quanto à Old House em si. Ela ficara vazia durante tanto tempo, com vidraças quebradas e portas destrancadas, que todas as crianças da região tinham brincado lá. A movimentação de dinheiro na primeira semana foi entre 70 e 80 libras. A Sra. Traill, da Escola Primária, abriu um crédito para a compra do *A rotina na Bretanha Antiga*, o Sr. Thornton comprou um livro sobre observação de pássaros e o gerente do banco, um pouco inusitadamente, adquiriu outro livro sobre boa forma física. O Sr. Drury, o advogado que não era o Sr. Thornton, e um dos médicos da Cirurgia compraram ambos um livro com depoimentos de antigos soldados do SAS, que caíram de paraquedas na Europa e influenciaram muito o curso da guerra; também encomendaram livros de comandantes Aliados que haviam menosprezado os soldados do SAS e questionaram suas credenciais. Isso foi na terça-feira. Na quarta, quando a chuva veio para ficar, as meninas do internato feminino local, que tinham saído para uma caminhada, refugiaram-se na livraria, e esta ficou inteiramente cheia, como um cercado para carneiros, com os corpos úmidos bem apertados uns contra os outros e fumegando levemente. As meninas reviraram os cartões com cumprimentos, que haviam relutantemente recebido um espaço próximo das brochuras, e compraram três. Foi preciso encontrar envelopes, e a gaveta da caixa registradora ficou travada quando instada a somar 9,5 centavos, 6,5 centavos e 3,5 centavos. Na quinta-feira — dia em que o fechamento deveria ser cedo, embora Florence tivesse decidido que aquela primeira semana seria uma exceção —, Deben apareceu para mostrar que não havia ressentimentos e investigou tudo pacientemente, passando pelos móveis as mãos bem-lavadas. Pediu uma partitura vocal do *Messias*.

— Quer que eu deixe anotada uma encomenda? — perguntou ela, tentando um tom amistoso.

— Quanto tempo demorará para vir?

— É difícil marcar uma data. As editoras não gostam de mandar apenas uma coisa de cada vez. Para fazer uma encomenda, tenho de reunir mais ou menos doze títulos da mesma editora.

— Pensei que a senhora teria uma coisa como essa no estoque. O *Messias*, de Handel, é cantado em todos os Natais, sabe, tanto em Norwich como no Albert Hall, em Londres.

— É difícil ter em mente os interesses de todo mundo quando se tem espaço apenas para um pequeno estoque.

— Mas não é como se a senhora tivesse que depender da pesca do dia — disse Deben. — Não há nada aqui que se deteriore. — Ele ainda não conseguira encontrar comprador para sua loja.

Às noites, ela fechava as portas, anotava as encomendas, punha a correspondência em dia em sua velha máquina de escrever e lia *The Bookseller* e *Smith's Trade News*. Completamente exausta quando ia para a cama, ela não sonhava mais com a garça e a enguia, nem com mais nada, até onde se lembrava.

Talvez sua luta para se estabelecer na Old House estivesse terminada, ou talvez se enganasse quando pensava que ocorrera alguma luta ou que alguma fosse ocorrer. Mas, se não tinha certeza em qual dessas alternativas acreditava, dificilmente essa luta poderia ter sido decisiva.

Quando a livraria já estava aberta havia três semanas, o general Gamart entrou discretamente. Com repentina angústia, ela temeu que ele fosse pedir os poemas de Charles Sorley; mas ele também queria as reminiscências dos antigos soldados do SAS.

— Muitas vezes sinto vontade de escrever alguma coisa eu mesmo, agora que tenho algum tempo livre. Do ponto de vista da Infantaria, sabe, do sujeito que simplesmente vai caminhando e leva os tiros.

Ela embrulhou com cuidado o livro que ele comprou. Gostaria de ter papel na aprovação de uma lei impondo que ele jamais voltasse a ser infeliz. Mas, na verdade, talvez ele não devesse nunca ter ido à livraria. Estava ali, no mínimo, sofrendo. Deu uma olhada em torno, como se estivesse em condicional, e retirou-se com seu pacote.

A sobrinha inteligente de Jessie Welford ficou um tanto surpresa quando foi até lá de carro pela primeira vez, para ajudar com os livros. A movimentação de dinheiro era mais alta do que ela previra. Devia haver muito interesse no novo empreendimento.

— Vamos dar apenas uma olhada nas transações? — perguntou, fazendo estalar sua Eversharp prateada e usando o tom que dobrava seus patrões. — Foram abertas três contas: da Escola Primária e de dois médicos. Onde estão

seus fundos para cobrir as dívidas sérias?

— Não sabia que tinha contraído nenhuma dívida séria — disse a Sra. Green.

— Deveria constar no livro razão 5% do total que lhe é devido. E, depois, há a desvalorização, que deveria ser mostrada como débito *aqui* e como crédito na conta de propriedade. Todo débito deve ter seu crédito. É essencial que a senhora seja capaz de verificar, com uma olhada apenas e a qualquer momento, exatamente quanto deve e quanto lhe é devido. É por isso que os livros devem ser bem organizados. Está interessada, não é?

Cheia de culpa, desejou estar. Muitas vezes achava que, se conhecesse precisamente a sua posição financeira, até o último tostão, como Ivy Welford pregava, não teria coragem de continuar com o negócio nem sequer por mais um dia. Não queria nem mencionar que vinha pensando em abrir uma biblioteca itinerante.

O tempo melhorara, transformando-se em início de verão.

— Há uma entrega para a senhora! — gritou Wally, de sua bicicleta, com um pé repousando na calçada. — Ele perguntou duas vezes qual era o caminho, uma vez no gasômetro e outra no presbitério. Agora, está com problemas para dar a volta. Tentando virar para o lado contrário, assim vai passar direto pela sua casa dos fundos.

Em tempos vindouros, esse furgão particular, elegante, com sua pintura vermelha e creme, iria tornar-se um dos mais familiares em Hardborough. Era da Brompton's, a livraria de Londres que oferecia um serviço de biblioteca para livreiros de província, não importava quão distantes estivessem. Feito o pedido por Florence, ele lhe trouxera os primeiros livros e exigiu que ela assinasse um compromisso e lesse as condições estabelecidas pela Brompton's.

Essas condições lembravam mais uma filosofia moral, ou leis para um estado ideal, do que uma transação comercial. Os volumes disponíveis para empréstimo eram divididos em classes A, B e C. Os de classe A eram os mais solicitados, B eram aceitáveis, e C, claramente velhos e sem procura. Para cada A que ela tomasse emprestado, tinha de ficar com três Bs e um grande número de Cs para seus assinantes. Se pagasse mais, podia ficar com maior número de As, mas também com uma crescente pilha de Bs e dos indesejados Cs, e nada de novo seria enviado até devolverem o último livro emprestado.

A Brompton's não dava nenhuma sugestão sobre a maneira como os assinantes deveriam ser induzidos a tomar emprestado o livro certo. Talvez em

Knightsbridge eles tivessem seus próprios métodos.

Quando foi anunciada a abertura da biblioteca itinerante, simplesmente por um aviso escrito à mão na janela, trinta dos moradores de Hardborough se inscreveram no primeiro dia. O Sr. Brundish poderia ser considerado uma certeza. Mas, enquanto ele não dava qualquer indicação do que gostaria de ler, os outros trinta estavam inteiramente decididos. Aposentados confortavelmente, ou prósperos nos negócios, gostando de olhar para imagens da realeza, glorificadores das coisas do passado, todos queriam pegar a recente *Life of Queen Mary*. Isto é, embora a maioria deles parecesse possuir um conhecimento interno da corte — maior, na verdade, que o do biógrafo. A Sra. Drury disse que a Rainha-mãe não fizera todos aqueles bordados sozinha; os pedacinhos difíceis tinham sido preenchidos para ela por suas damas de honra. O Sr. Keble disse que nunca mais a veríamos da mesma maneira.

Queen Mary era, claro, um livro A. Quanto à ordem temporal, a Sra. Thornton fora a primeira a colocá-lo em sua lista; e Florence, confiante na justiça do seu método, pôs no livro o cartão dos Thornton. Cada assinante tinha um cartão cor-de-rosa, e os livros eram enfileirados em ordem alfabética, à espera de serem levados. Essa era uma grave fraqueza do sistema. Todos sabiam, com uma olhada, o que os demais tinham recebido. Não deviam remexer e revirar tudo, no espaço penosamente pequeno que fora aberto para a biblioteca, mas não estavam acostumados com disciplina.

— Acho que houve algum erro. Pensei que tinha deixado minha escolha bem clara. Esse parece um romance policial, e não muito novo. — A Sra. Keble acrescentou que voltaria dentro de meia hora. Ela sempre pensava que tudo demorava cerca de meia hora. — Também não estou interessada em *A história do pensamento chinês* — disse.

A biblioteca deveria ficar aberta das duas às três horas, nas segundas-feiras. Normalmente, era o horário mais folgado. A Sra. Keble não tinha nada que aparecer assim tão cedo; mas, pouco antes das duas horas, vários assinantes entraram ao mesmo tempo, e a atmosfera, na atravancada parte dos fundos da loja, começou imediatamente a se parecer com a das grandes corridas históricas ao Banco da Inglaterra. Durante o ano de 1945, lembrava-se a Sra. Green, o banco fora forçado a manter os clientes acuados, a derreter os tinteiros para fazer balas e a pagar em xelins. Se, pelo menos, a Sra. Thornton aparecesse para levar seu *Queen Mary* — mas, talvez satisfeita com sua incontestável aquisição da regalia, ela deixou de ir, embora fosse esperada a cada vez que a

porta se abria. Todos podiam ver seu cartão. "Isso, eu acho, significa que ela tem permissão para ficar com o *Queen Mary* primeiro. Já me disseram que ela é uma leitora muito lenta, mas não é essa exatamente a minha queixa."

— A Sra. Thornton pediu o livro primeiro. Foi a única coisa que levei em consideração.

— Sra. Green, permita-me dizer que, se tivesse um pouco mais de experiência de trabalho em grupo, perceberia como é precipitado chegar a uma decisão resultante apenas de uma consideração. Que pena!

"Numa cidade pequena, não podemos deixar de saber alguma coisa uns dos outros. Alguns de nós podem estar mais ligados do que outros ao conceito de realeza. Alguns podem sentir que têm o *direito* de ler primeiro sobre a falecida Rainha-mãe. Talvez seja um espírito de lealdade de longa data."

— A Sra. Thornton foi bem clara a respeito.

A atmosfera da tarde de verão ficou desconfortavelmente quente. Dois outros assinantes contribuíram para atravancar o local, e um deles disse a Florence, em segredo, que se sabia que a Sra. Thornton votara com o Partido Liberal na última eleição. A casa dos fundos e a porta da rua estavam agora obstruídas por senhoras. Às quatro horas — pois o horário dos escritórios era reduzido em Hardborough —, seus maridos vieram unir-se a elas.

— Eu não imaginaria que fosse possível entender mal minha lista. Veja, está escrita de uma forma perfeitamente clara. Parece que é uma falha na rotina de trabalho. Se todos queriam esse *Life of Queen Mary*, por que não pediram mais exemplares?

A biblioteca itinerante da Livraria Old House foi temporariamente fechada, para reabrir dentro de um mês, quando a proprietária esperava contar com mais ajuda. Foi uma espécie de admissão de fraqueza. Wally levou um bilhete formal ao Sr. Brundish para explicar a situação. Ele não conseguiu ver o velho cavalheiro em parte alguma; então, deu o bilhete ao leiteiro, que o deixou, junto com o leite, debaixo da aniagem que cobria a pilha de batatas, local onde o Sr. Brundish — cuja caixa de correspondência se deteriorara havia muito com a ferrugem — recebia sua correspondência.

5



"Preciso de ajuda", pensou Florence. "Foi loucura pensar que poderia dar conta de tudo isso sozinha." Pediu uma ligação telefônica para o escritório do *Flintmarket, Kingsgrave and Hardborough Times*.

— Pode ligar o mais rápido possível, Janet? — pediu. Vira a bicicleta motorizada de Janet em frente à central telefônica e teve certeza de que estaria em boas mãos.

— Está tentando falar com a seção de anúncios, Sra. Green?

— Sim. É o mesmo número.

— Não vale a pena gastar esse dinheiro se quer pôr um anúncio procurando uma ajudante. Uma das Gipping vai aparecer aí na sua casa, depois da escola.

— Uma possibilidade, Janet, mas não uma certeza.

— Raven falou com elas há cerca de uma semana. Ele gostaria de conseguir a mais velha para ajudar a senhora, mas ela teria de ficar em casa quando a Sra. Gipping fosse para a colheita de ervilhas. Mas tem a segunda ou talvez a terceira.

Ela lembrou Janet de que outras pessoas podiam estar querendo telefonar, mas a outra lhe disse que não havia ninguém.

— A maioria das pessoas foi para Aldeburgh, para ouvir o concerto, e as outras estão na lanchonete nova. A inauguração é hoje à noite.

— Bom, Janet, pode haver um incêndio lá. Acho que usam óleo de cozinha. Deveríamos deixar a linha desocupada, para o caso de alguma emergência. O Sr. Deben está administrando a lanchonete?

— Ah, não, Deben acha que será o golpe fatal para o negócio dele. Ele

tenta levar o vigário para o próprio lado, dizendo que o cheiro de fritura pode ser soprado para dentro da igreja na hora da Oração da Tarde. Mas o vigário não gosta de se envolver nessas brigas, como disse a Deben.

Ela ficou imaginando o que diriam as telefonistas quando falassem sobre a sua livraria.

Na hora do chá, no dia seguinte, uma menina de dez anos, muito pálida, muito magra e incrivelmente loura apresentou-se na Old House. Usava calça jeans e um cardigã de malha de lã cor-de-rosa, trabalhado em ponto fantasia. Florence reconheceu-a como a criança que vira no recreio da escola.

— Você é Christine Gipping, não é? Pensei que sua irmã mais velha...

Christine respondeu que, como os entardeceres estavam mais longos, sua irmã mais velha costumava ficar lá pelo meio do mato, com Charlie Cutts. Na verdade, ela acabara de ver as bicicletas dos dois escondidas embaixo das samambaias, na encruzilhada.

— A senhora não precisa se preocupar com nada disso, no meu caso — acrescentou ela. — Só completo onze anos no próximo mês de abril. Meu incômodo ainda não chegou.

— E sua outra irmã?

— Ela gosta de ficar em casa e cuidar de Margaret e Peter. São os menores. Foi bobagem pôr esses nomes neles; nunca houve nada entre ele e a princesa.

— Por favor, não imagine que não quero considerar você apta ao emprego. Mas é que não parece ter idade nem força suficientes.

— Não julgue pela aparência. A senhora tem idade, mas não parece forte. Desde que alguém da nossa família fique com o emprego, não faz muita diferença. Somos todos jeitosos.

Sua pele era quase transparente. O cabelo sedoso parecia não ter substância, arrepiando-se à menor corrente de ar e descobrindo a testa. Quando Florence, ainda ansiosa para não magoá-la, sorriu de uma forma encorajadora, a menina retribuiu o sorriso e mostrou dois dentes da frente quebrados.

Foram quebrados no inverno anterior, de maneira um tanto estranha, quando a roupa lavada no varal congelara, e ela levara uma pancada no rosto com um colete gelado. Tal como todas as crianças de Hardborough, aprendera a resistir. Correndo como acrobatas da corda bamba pelos estreitos corrimãos das pontes do pântano, eles caíam e sofriam fraturas ou quase se afogavam.

Jogavam pedras ou beterrabas uns nos outros, tiradas dos sulcos. Disseram a um menino que os gusanos usados como isca seriam bons para ele, deixando-o menos estúpido, e ele comeu um jarro cheio. A própria Christine parecia perigosamente magra, embora a Sra. Gipping fosse conhecida como uma boa provedora.

— Amanhã vou à sua casa, para falar com a sua mãe, Christine, e acertar tudo.

— Se quiser... Mas ela vai dizer que eu posso vir todos os dias, depois da escola, e nos sábados o dia inteiro, e que a senhora não deve me dar menos de doze xelins e seis centavos por semana.

— E seus deveres de casa?

— Vou dar um jeito de fazer tudo depois do chá, quando já estiver em casa.

Christine mostrou sinais de impaciência, pois evidentemente tinha decidido começar a trabalhar logo. Guardou seu cardigã na casa dos fundos.

— Você tricotou isso sozinha? Parece muito difícil.

— Estava na *Woman's Own* — disse Christine —, mas as instruções eram para mangas curtas. — Ela franziu a testa, sem querer admitir que estava com suas melhores roupas, a fim de causar boa impressão na primeira entrevista. — A senhora não tem nenhum filho, Sra. Green?

— Não. Mas gostaria de ter tido.

— Então, a esse respeito, a senhora ficou para trás.

Sem esperar explicações, começou a andar às pressas de um lado para o outro da loja, abrindo gavetas e descobrindo vários defeitos na arrumação, com seu cabelo fino esvoaçando. Não havia número suficiente de cartões expostos, declarou — providenciaria para mais alguns serem arrumados. E, na verdade, havia grandes pacotes de amostras, ainda em seus invólucros, na parte de trás das gavetas, porque a Sra. Green os detestava.

De início, os métodos da criança pareciam excêntricos. Com um talento para a organização havia muito sufocado, por conta de sua posição como terceira filha da família, ela tentou colocar os cartões primeiro de uma maneira, depois de outra. Ignorando as mensagens, arrumou-os principalmente a partir da cor, de modo que rosas e pores do sol foram colocados ao lado de um cartão representando uma lagosta vermelho-viva, que usava um boné escocês e erguia até os lábios um copo com as seguintes palavras: "Só mai' um copim antes da ida!". Este, sem dúvida, fora uma amostra.

— Na verdade, esses cartões deveriam ser divididos nas categorias Românticos e Humorísticos — disse Florence. Estas, de fato, eram as duas únicas atitudes que os fabricantes dos cartões consideravam perante as etapas da jornada da vida. A lagosta assumia uma visão humorística da despedida. O cartão do pôr do sol tinha impressa uma mensagem triste.

— O que quer dizer, aqui, "por cima" e "por baixo"? — perguntou Christine, repentinamente.

Essa primeira admissão de que havia algo que ela não sabia encorajou um pouco sua empregadora. Christine viu, imediatamente, que perdera terreno.

— Há uma porção de outras coisas que a senhora nem chegou a desembrulhar — disse ela, em um tom de reprovação.

Examinaram juntas uma série nova em folha, homens e mulheres nus entrelaçados, com a legenda *Outra coisa que não nos esquecemos de fazer hoje*.

— Vamos jogar esses aqui fora — disse Florence, de uma forma decidida. — Alguns representantes não têm a menor ideia do que é conveniente.

Christine se dobrou de tanto rir e disse que poucas pessoas em Hardborough não gostariam de receber aqueles cartões. Ela estava bem-preparada, pensou Florence. Seria de grande utilidade quando fosse reaberta a biblioteca itinerante.

Parecia que praticamente não havia nada para discutir naquela noite com a Sra. Gipping, que permaneceu, de uma forma bem tolerante, de pé diante de seu portão entreaberto, quando Florence acompanhou Christine até a casa dela.

O pequeno Peter pregava estacas entre as fileiras de feijão, que já estavam ali.

— Por que Christine está chegando tão tarde? — perguntou ele.

— Ela está trabalhando para essa senhora.

— Para quê?

— Ela tem uma loja cheia de livros para as pessoas lerem.

— Para quê?

Agora, furgões e caminhonetes começavam a aparecer em número crescente no horizonte luminoso dos pântanos, algumas vezes ficando presos nos cruzamentos e sempre na faixa litorânea, quando tentavam fazer o retorno; todos traziam os vendedores das editoras. Mesmo no verão, era uma viagem árdua. Os que a faziam mostravam pouca vontade de se separar de suas preciosidades, o que Florence de fato queria, a menos que ela ficasse também

com uma pilha de romances que, com suas sobrecapas levemente gastas, tinham um jeito de mulheres a quem ninguém nunca pedira nada. Seu sentimento de parceria, tanto pelos vendedores quanto pelos livros que envelheciam, tornava-a uma compradora pouco sensata. Por outro lado, tinham vindo de tão longe que mereciam tomar um chá feito especialmente para eles, na casa dos fundos. Ali, com a esperança de passarem muito tempo sem ter de voltar àqueles confins, eles punham o açúcar, mexiam o chá e relaxavam um pouco.

— O que vale é que a competição não é muito grande. Não existe nenhum outro ponto de venda entre este local e Flintmarket.

Ficavam desanimados ao tomarem consciência de que não havia qualquer serviço ferroviário e de que todas as futuras encomendas teriam de chegar até ali pela estrada. Quando sentiam que era hora de ir, o vento já começara a soprar mais forte, e seus furgões, sem a carga que os mantivera estáveis, avançavam em zigue-zague, incapazes de se manter na estrada. Os novilhos, os mais inquisitivos entre todos os animais, aproximavam-se, por entre as touceiras de capim, para olhá-los atenta e meigamente.

"Não sei por que comprei isso", refletiu Florence, depois de uma dessas visitas. "Por que será que fiquei com eles? Ninguém me forçou. Ninguém me aconselhou." Ela olhava para duzentos marcadores de livros chineses, com pinturas à mão sobre seda. A cegonha simbolizando a longevidade; as flores de ameixeira, a felicidade. Seu fraco pela beleza a enganara. Era inconcebível que alguém mais em Hardborough os desejasse. Mas Christine a consolou: os visitantes os comprariam quando chegasse o verão, pois não saberiam com que gastar seu dinheiro.

Em julho, o carteiro trouxe uma carta com o carimbo de Bury St. Edmund's, mas longa demais para ser um pedido, como facilmente se via pela espessura do envelope.

Prezada Senhora,

Talvez lhe interesse, ou seja motivo de divertimento para a senhora, saber como foi que ouvi falar do seu estabelecimento. Um primo da minha falecida esposa (eu deveria, talvez, chamá-lo de ex-primo) está ligado, por meio de um segundo casamento, a um jovem promissor, o parlamentar que representa o Distrito Longwash. Esse, por sua vez, me contou que, numa reunião na casa da tia dele (Sra. Violet Gamart, a quem não conheço pessoalmente), houve comentários de que,

finalmente, Hardborough teria uma livraria.

Ela ficou imaginando de que maneira isso podia ser considerado divertido. Mas não devia ser impiedosa.

Talvez aumente seu divertimento saber que não lhe escrevo, absolutamente, para tratar do assunto "livros"!

Havia várias páginas de fino papel de escrever, através das quais se verificava que o escritor se chamava Theodore Gill, vivia em alguma parte perto de Yarmouth, era um aquarelista que não via motivos para abandonar o agradável estilo da virada do século e gostaria de organizar, ou melhor, de ter organizada para ele, na Old House, uma pequena exposição do seu trabalho. Os nomes da Sra. Gamart e de seu brilhante sobrinho seriam, ele tinha certeza, recomendação suficiente.

Florence ficou olhando para as prateleiras à sua volta, atrás das quais mal se viam alguns centímetros de espaço de parede. Sempre havia o depósito das ostras, mas, mesmo agora, no auge do verão, ele estava úmido. Guardou a carta numa gaveta, que já continha várias outras do mesmo tipo. O final da meia-idade, para a classe média alta de East Suffolk, costumava marcar uma crise após a qual, em sua maioria, eles se tornavam aquarelistas e pintavam paisagens. Não teria tanta importância se pintassem mal, mas o fato é que eles pintavam muito bem. Todos os seus quadros se pareciam muito uns com os outros. Emoldurados, acabavam em paredes de salas de estar, enquanto a paisagem vazia, lavada, desarrumada, do lado de fora das janelas, estendia-se até o céu transparente.

O desejo de expor em algum lugar mais ambicioso que o salão da paróquia acompanhava essa crise, e Florence o relacionava com as cartas que também recebia de "escritores locais". Os títulos das pinturas eram "Crepúsculo sobre o Laze", os livros se chamavam "A pé pelos pântanos", ou "Rodando pela Ânglia Oriental", pois o que mais se pode fazer com planícies senão atravessá-las? Ela não tinha a menor ideia de onde colocaria os escritores locais se fossem até ali, como sugeriam, a fim de autografar exemplares de seus livros para ansiosos compradores. Talvez uma mesa embaixo da escada, se uma parte do estoque pudesse ser deslocada. Ela imaginava vividamente a desilusão deles, enfiados atrás da mesa, com livros e uma caneta bem à sua frente, enquanto as

horas se passavam e ninguém aparecia. "Terça-feira é sempre um dia muito tranquilo em Hardborough, senhor... particularmente quando o tempo está bom. Não sugeri segunda porque seria ainda mais tranquilo. As quartas-feiras também são tranquilas, a não ser pela feira, e quinta é dia de fechar cedo. Os clientes entrarão e pedirão seu livro em breve — claro que sim, pois já ouviram falar do senhor, e o senhor é um escritor local. Claro que desejarão seu autógrafo; virão pelos pântanos, a pé ou sobre rodas." O pensamento de tanta dor e constrangimento era difícil de suportar, mas, pelo menos, ela estava numa posição que lhe permitia garantir que aquilo nunca ocorresse. Engavetou a carta do Sr. Gill.

Ficara quase ocupada demais até para perceber que a estação das férias tinha chegado. Agora, notava que, em todas as janelas das casas na beira da praia, havia toalhas de banho penduradas, balançando ao vento. A balsa atravessava o Laze várias vezes por dia, e a lanchonete ampliou suas instalações com peças de ferro ondulado, trazidos do aeroporto desativado. Wally apareceu para perguntar a Christine se gostaria de acampar, e Florence se perguntou se ele não se tornara um frequentador um tanto insistente da livraria. Christine, porém, rejeitou seu convite, com uma dignidade imitada de suas irmãs mais velhas.

— Esse Wally está atrás de sua esfregadeira de roupas para o grupo musical dele. Ele estava espiando, eu vi, na sua casa dos fundos.

— Então é melhor ele ficar com ela — disse Florence. — Nunca soube mesmo o que fazer com aquilo. Ele pode ficar também com a calandra se quiser.

Ela devia ir até a praia. Era uma quinta-feira, dia de fechar cedo, e parecia uma ingratidão morar tão perto do mar e nunca o olhar, por semanas a fio. Na verdade, ela preferia a praia no inverno; mas, repreendendo-se, tomou um banho e depois ficou no sol, no final do comprido vale de seixos multicoloridos. As crianças se agachavam para decidir quais desses seixos colocariam em seus baldes; homens adultos selecionavam outros, para jogar no mar. Os jornais que tinham levado para ler eram arrancados de suas mãos pelo vento. Para se proteger do ar cortante, as mães refugiavam-se em cabanas de praia, reunidas num simpático acampamento, tão longe quanto possível da gélida intromissão do Mar do Norte. Mais para o norte, coisas inaceitáveis

haviam sido trazidas à praia pelas ondas. Ossos misturavam-se com a fímbria de lixo, na maré alta. Os restos apodrecidos de uma foca ficaram encalhados ali.

Os habitantes de Hardborough misturavam-se destemidamente com os visitantes. Florence viu o gerente do banco, quase irreconhecível com calção de banho listrado, em companhia de sua esposa e do chefe dos caixas. Ele gritou e foi fragmentariamente entendido quando disse que trabalhar demais faz mal à saúde e que aquela era a primeira vez em que conseguira pôr os pés na praia aquele ano. Não foi preciso responder. Outra voz, que vinha da terra firme, gritou que tinha resistido bem. Raven examinava seu furgão novo. Na semana seguinte, levaria a Londres alguns escoteiros do mar, no dia anual de passeio deles. Iriam verificar o progresso da Casa de Baden-Powell e, depois, à Estação Ferroviária de Liverpool, espiar a partida dos trens, como fora unanimemente decidido numa votação.

Avançando pela praia, Florence parecia afundar a cada passo. A areia e os seixos molhados cediam, como se não quisessem sustentar seu peso, embora não fosse muito, depois tornavam a subir, gotejando, e enchiam suas pegadas de água cintilante. Deixar uma marca de qualquer tipo era estimulante. Mais adiante da foca morta e da extensão de seixos onde, oitenta anos antes, um homem encontrara um pedaço de âmbar do tamanho de sua cabeça — mas desde então ninguém voltou a encontrar âmbar —, ela alcançou um trecho ermo, no qual os veranistas não se aventuravam. Um caminho tosco subia e levava de volta à área pública. Figuras humanas, isoladas e em pares, exercitavam seus cachorros. Ela ficou surpresa ao descobrir quantos deles agora eram conhecidos, como clientes eventuais. Eles acenavam a certa distância, e depois, como a terra era tão plana e a aproximação lenta, tinham de tornar a acenar, à medida que se aproximavam, reservando seus sorrisos para o último momento. Com sorrisos, a maioria dos que se exercitavam, satisfeitos por uma pausa momentânea, perguntavam quase a mesma coisa: quando tornaria a abrir a biblioteca itinerante? Tinham muita expectativa com relação a ela. Os cães, rígidos de indignação, esticavam para um lado suas correias. Florence ouviu-se fazendo muitas promessas. Sentia-se em desvantagem, sem seus sapatos, e desejaria tê-los calçado novamente, antes de trocar a praia pela área pública.

Nas tardes chuvosas, quando o mau tempo explodia, a Old House ficava cheia de desgarrados e de desconsolados grupos de visitantes. Christine, queixosa por eles levarem areia para dentro da loja, mostrava-se severa, pressionando-os para decidir logo o que queriam.

— Espiar os livros faz parte da tradição de uma livraria — disse-lhe Florence, em certa ocasião. — Deve deixar que fiquem aí mexendo em tudo.

Christine perguntou o que Deben faria se todos revirassem seus peixes recém-pescados. Também havia marcas de dedos em alguns dos seus cartões.

Ivy Welford fez sua visita para examinar os livros um pouco antes da data prevista. Seu jeito inquisitivo era a medida do sucesso da livraria, além de sua fama fora de Hardborough.

— Onde estão suas devoluções?

— Não há nenhuma — respondeu Florence. — Os editores não querem receber nada de volta. Não gostam de acertos de vendas ou de devoluções.

— Mas a senhora aceitou devoluções dos clientes. Como me explica isso?

— Algumas vezes, os clientes não gostam dos livros depois de comprá-los. Ficam chocados, ou dizem que detectaram um nítido toque de socialismo.

— Nesse caso, o preço deveria ser creditado em sua conta pessoal e debitado como devoluções. — Era uma acusação de fraqueza. — Agora, o livro das compras. Cento e cinquenta marcadores de livros chineses de seda, a cinco xelins cada... está mesmo certo isso?

— Havia um tipo diferente de pássaro, ou borboleta, em cada um deles. Alguns eram papa-arrozes. Eram lindos. Foi por isso que comprei os marcadores.

— Não questiono isso. Não me cabe perguntar à senhora como o negócio é administrado. Minha preocupação é o fato de terem sido listados, no livro de vendas, como se fossem vendidos a cinco centavos cada. Como explica isso?

— Foi um erro da parte de Christine. Ela pensou que fossem feitos de papel e leu o preço errado. Não se pode esperar que uma criança de dez anos aprecie uma arte oriental que vem de séculos.

— Talvez não, mas a senhora deixou de mostrar a perda de quatro xelins e sete centavos em cada artigo. Assim, como posso preparar um balancete de verificação?

— Não podemos colocar isso na caixinha? — implorou Florence.

— A caixinha deve ser reservada para somas muito pequenas. Eu ia exatamente perguntar-lhe isso. O que é esse desembolso de 12 xelins e 11 centavos?

— Acho que é o dinheiro do leite.

— Tem certeza absoluta? A senhora tem gato?

Em setembro, os veranistas, juntamente com os pássaros marinhos

migrantes, mostraram a inquietação da partida próxima. A Escola Primária reabrira, e Florence ficava sozinha na loja a maior parte do dia.

Milo entrou e disse que gostaria de comprar um presente de aniversário para Kattie. Escolheu um livro de colorir de Povos Bíblicos, o que Florence considerou simples afetação.

— Então, Violet não vai conseguir o que quer — disse ele. — Ela já esteve aqui?

— A loja foi aberta há pouco tempo.

— Seis meses. Mas ela virá. Tem amor-próprio demais para deixar de fazer isso.

Florence sentiu-se aliviada, mas obscuramente insultada.

— Espero reabrir muito em breve minha biblioteca — disse. — Talvez a Sra. Gamart...

— Você está lucrando com isso? — perguntou Milo.

Havia apenas duas ou três outras pessoas na loja, e uma delas era um escoteiro do mar que aparecia todo dia, depois da escola, para ler outro capítulo de *Voei com o Führer*. Ele marcava o lugar onde tinha parado com um pedaço de barbante com um doce amarrado na ponta.

— A senhora realmente precisa de um livro desses — disse Milo, sem a menor urgência. Debaixo do braço, um livro fino, coberto com o papel verde-folha da Olympia Press. — Este é o volume um.

— Há um volume dois?

— Sim, mas eu o emprestei a alguém, ou o deixei em alguma parte.

— Deveria manter os dois juntos, como uma série — disse Florence, com firmeza. Olhou o título: *Lolita*. — Só guardo em estoque bons romances, você sabe. Não saem muito depressa. Esse é bom?

— Ganhará uma fortuna com ele, Florence.

— Mas é bom?

— Sim.

— Obrigada por sugerir que eu o peça. Sinto necessidade de conselhos, às vezes. Você é muito generoso.

— Comete sempre esse erro — respondeu Milo.

A verdade era que Florence Green não fora criada para entender naturezas como a de Milo. Da mesma forma como ainda pensava na gravidade como uma força que puxava as coisas em sua direção e não simplesmente como uma questão de menos resistência, ela também estava certa de que caráter era uma

luta entre boas e más intenções. Era difícil demais para acreditar que ele, simplesmente, só embarcava no que lhe parecia menos problemático do que qualquer outra coisa.

Ela tomou nota do título, *Lolita*, e do nome do autor, Nabokov. Soava estrangeiro — russo, talvez, pensou.

6



Christine gostava de fechar tudo. Com a idade de dez anos e meio, ela sabia, talvez pela última vez na vida, exatamente como tudo devia ser feito. Aquele seria seu último ano na Escola Primária. Já se fazia sentir a sombra do seu exame de admissão para o próximo ciclo escolar, no fim do verão seguinte.- Talvez, na verdade, ela devesse deixar o emprego e se concentrar nos estudos, mas Florence, com medo de não ser entendida, não podia sugerir à sua ajudante que talvez fosse hora de ela ir embora. As duas, durante os meses passados, não haviam deixado de se influenciar mutuamente: enquanto Florence parecia mais animada, Christine tornara-se mais sensível.

Na primeira noite de setembro que poderia verdadeiramente ser chamada de fria, após serem levantados os postigos, elas se sentaram na sala da frente, em duas cadeiras confortáveis, como damas. Depois, a menina foi colocar a chaleira no fogo, na casa dos fundos, e Florence escutou o tamborilar da água da torneira, seguido por uma nota metálica, como se a lata de biscoitos vermelha Coronation fosse batida em cima da mesa da cozinha.

— Temos uma azul em nossa casa. Também é com a Abadia de Westminster, mas o cortejo passa pela lata inteira.

— Vou acender o aquecedor — disse Florence, desabituada a ficar sem fazer nada.

— Minha mãe acha que esses aquecedores de parafina não são seguros.

— Não há perigo, desde que se tenha o cuidado de limpá-los direito e não deixar que o vento sopre ao mesmo tempo de dois lados diferentes — respondeu Florence, pressionando bem para baixo a tampa do recipiente. Algumas vezes, deviam permitir que ela tivesse razão.

Mas, naquela noite, parecia que o aquecedor não funcionava direito. Não havia nenhuma corrente de ar, na medida em que se pudesse dizer isso algum dia, em Hardborough; a chama azul disparou para cima por um instante, como se buscasse alcançar alguma coisa, depois desceu de novo, ficando mais baixa do que antes. O nome algo extravagante da marca do aquecedor era Nevercold, que significava "nunca frio". Ela acabara de conseguir ajustá-lo quando Christine entrou muito séria, com as coisas do chá arrumadas numa grande bandeja preta e dourada.

— Gosto dessa bandeja velha— disse ela. — Bem que podia deixar isso para mim, no seu testamento.

— Ainda não sei o que vou fazer com o meu testamento, Christine. Sou uma mulher de negócios na meia-idade.

— Essa bandeja veio do Japão?

A peça tinha a imagem de dois velhos pescando tranquilamente ao luar.

— Não, é laca chinesa. Meu avô a trouxe de Nanquim. Ele era um grande viajante. Não tenho certeza se ainda sabem fazer laca como essa na China.

Àquela altura, a chama do Nevercold parecia mais forte. A chaleira, diante dele, emanava calor, o que tornava a sala mais aconchegante, e a diferença de idade entre Christine e Florence parecia menor, como se estivessem apenas em duas etapas diferentes da vida da mesma mulher. Em Hardborough, uma noite como aquela, quando mal se escutava o mar, era considerada silenciosa. Elas tinham, portanto, calor e silêncio; mas, aos poucos, Christine, que antes estava recostada em sua cadeira, inteiramente solta, como uma boneca de trapo, começou a se enrijecer, de repente irrequieta. Claro, não se poderia esperar que uma criança de sua idade ficasse sentada quieta por muito tempo.

Depois de um instante, ela se levantou e disse que iria até a casa dos fundos. "Para ver se a porta de trás está bem fechada", explicou. Florence teve um impulso de impedi-la de sair da sala, que logo se provou meio ridículo, pois ela voltou quase de imediato. Um fraco sussurro, um som de alguém que, raspando e batendo, podia ser ouvido agora, vindo do corredor do andar de cima; algo que parecia estar sendo arrastado de um lado a outro, como um pesado gatinho de brinquedo puxado por um cordão. Florence não fingiu para si mesma, como não fingira antes, que não havia nada de errado.

— Você está bem, não é, Christine?

A menina respondeu que sim. Inexplicavelmente, usou sua "melhor" voz, a que a professora de sua turma insistia que fosse usada, quando alguém

precisava fazer o papel de Florence Nightingale ou da Virgem Maria. Ela escutava com algum esforço, como se suas orelhas estivessem esticadas, ou levantadas.

— Tenho pensado se poderia ajudar você, de alguma maneira, no seu exame de admissão — disse Florence, em um tom de bate-papo comum. — Algo preparatório, quero dizer, podíamos ler alguma coisa juntas.

— Não há nenhuma leitura para fazer. Eles dão algumas imagens, e a gente tem de dizer qual deve ser tirada. Ou então dão números, como 8, 5, 12, 9, 22, 16, e a gente tem de dizer qual é o próximo.

Da mesma forma como não conseguira entender Milo, Florence também não soube dizer que número vinha a seguir. Tinha nascido há tempo demais. Apesar do Nevercold, a temperatura parecia perceptivelmente mais fria. Ela pôs o aquecedor no ponto mais alto do seu marcador.

— Não está com frio, está?

— Estou sempre pálida — respondeu Christine, orgulhosamente. — Não precisa aumentar esse negócio por minha causa. — Ela tremia. — Meu irmão menor também é pálido. Acham que nós dois somos muito parecidos.

Nenhuma das duas estava disposta a dizer que uma desejava proteger a outra. Isso corresponderia a admitir o medo na sala. O medo pareceria mais natural se o lugar estivesse escuro, mas a clara iluminação da livraria brilhava em todos os cantos. O barulho abafado, no andar de cima, transformou-se em tumulto.

— Está aumentando, Sra. Green.

Christine desistira de sua voz de Florence Nightingale. A Sra. Green pegou sua mão esquerda, que era a mais próxima. Uma leve corrente parecia passar através dela, transmitindo uma pulsação fria, como se a eletricidade pudesse transformar-se em gelo.

— Tem certeza de que está bem?

A mão da menina ficou na sua, sem peso e imóvel. Talvez fosse perigoso pressionar Christine, mas Florence teve um sentimento forte de que deveria fazê-la falar e de que algo deveria ser admitido entre elas.

— Isso está descendo pelo meu braço, como um dedo caminhando — disse Christine, devagar. — Para no alto da minha cabeça. Posso sentir que os cabelos estão inteiramente em pé, ali.

Era uma espécie de admissão. Meio rígida, meio sonolenta, ela se balançava para a frente e para trás na cadeira, numa posição curiosa. O barulho parou por

um instante no andar de cima e, logo em seguida, voltou, dessa vez no andar de baixo e, aparentemente, bem próximo da janela, do lado de fora, fazendo-a sacudir-se violentamente. A janela parecia pronta a implodir. As xícaras de chá das duas sacudiram-se e giraram nos pires. Houve um louco matraquear, como se punhados sucessivos de cascalhos ou seixos fossem atirados contra o vidro, por um idiota.

— É o batedor. Mamãe diz que há um batedor nesta velha casa. Ela achou que não aconteceria comigo, porque o meu incômodo ainda não veio.

As batidas na janela diminuíram e se transformaram num silvo; depois, como se o batedor ganhasse forças, ouviu-se, repetidas vezes, um longo grito animal.

— Não ligue, Christine — gritou Florence, com repentina energia. — Sabemos o que ele não consegue fazer.

— Essa coisa não quer que a gente vá embora — murmurou Christine. — Essa coisa quer que a gente fique aqui e seja atormentada.

Estavam cercadas. O cerco durou pouco mais de dez minutos, período no qual Florence não conseguiu sentir a mão da menina presa na sua e nem mesmo as pontas dos seus próprios dedos. Após dez minutos, Christine adormeceu.

Florence não esperava que sua ajudante voltasse; mas a menina voltou, logo na tarde seguinte, com a sugestão de que, se ambas tivessem mais algum problema, deveriam ajoelhar-se e rezar o pai-nosso. Sua mãe tinha dito que era perda de tempo consultar o vigário. Os Gipping não eram anglicanos e não frequentavam a St. Edmund's, mas o padre também não ajudaria em nada porque, enquanto os fantasmas podiam ser expulsos por meio de leitura e oração, os batedores não. Enquanto isso, era hora de lavar os espanadores.

Florence lamentou o que parecia uma desfeita àquela graciosa igreja, cuja torre protegia os pântanos e cujo famoso pórtico, ao sul, entre seus pilares angulosos, tinha desenhos no sílex, com um padrão axadrezado, em tons de cinza-prateado e cinza-escuro, sem dúvida traçados por algum ancestral do Sr. Brundish. Ela desejava que, ao falar com o vigário, o assunto não fosse obrigatoriamente dinheiro. Ficara satisfeita em doar uma parte do seu estoque para o festival da colheita, embora tivesse algumas dúvidas de que *Every Man His Own Mechanic* e uma pilha de romances pudessem ser considerados frutos

da terra e do mar. Devia ser um fardo — percebia muito bem isso — para o cônego ter de dedicar tanto tempo ao levantamento de fundos. Desejou poder vê-lo por um momento simplesmente para lhe perguntar: Será que William Blake teria razão ao dizer que tudo em que se podia acreditar era uma imagem da Verdade? E, supondo-se que fosse algo impossível de se acreditar, será que ele acreditava em batedores? Enquanto isso, foi à cerimônia que acontecia bem cedo na St. Edmund's, notando, à saída, que, na semana seguinte, seria sua vez de arrumar as flores. A lista olhava-a fixamente do pórtico: Sra. Drury, Sra. Green, Sra. Thornton, Sra. Gamart, por duas semanas, por ter um jardim maior.

A Sra. Gipping, cuja casa ficava entre a velha estação ferroviária e a igreja, estava na labuta. Ao ver a patroa de Christine sair da cerimônia das primeiras horas do dia, fez sinal para que ela entrasse na casa dos fundos. Gipping, que fora visto em meio a fileiras de folhas verdes, cuidava dos primeiros aipos, que ficariam bons até o Natal.

No úmido calor da cozinha, em dia de lavar roupa, a Sra. Gipping mostrava-se tranquilizadora. Tinha sido informada da visita do batedor, mas, em sua opinião, nenhum emprego era perfeito.

— Espero que queira beber alguma coisa antes de abrir a loja.

Florence esperava um pouco de Nescafé, ao qual se acostumara, mas foi encaminhada para uma grande abóbora pendurada em cima da pia. Uma torneira e canos de madeira haviam sido empurrados para dentro dos lados redondos e reluzentes dela, que era ousadamente listrada de verde e amarelo. Xícaras e copos estavam enfileirados embaixo dela, e, sendo aberta a torneira, um líquido escuro filtrava-se gota a gota e caía pesadamente na xícara mais próxima. A Sra. Gipping explicou que não estava pendurada havia muito tempo e que ainda não era capaz de provocar embriaguez, mas já vira um homem forte chegar, tomar um drinque de uma abóbora de quatro semanas e desabar direto no chão de pedra, de tal forma que espirrou sangue para todos os lados.

— Talvez a senhora possa me dar a receita — disse Florence de um modo cortês, mas a Sra. Gipping respondeu que nunca dava; caso contrário, o Instituto das Mulheres, do qual parecia ter alguma queixa, a colocaria em sua coleção de Antigos Saberes do Campo.

Abrir a loja lhe dava, todas as manhãs, a mesma sensação de promessa e oportunidade. Os livros, dispostos em fileira, estavam tão bem arrumados

quanto as verduras dos Gipping, prontos para todos os que chegassem.

Milo entrou na hora do almoço.

— E, então, vai encomendar *Lolita*?

— Ainda não decidi. Pedi um exemplar para exame. Estou confusa com o que os jornais americanos disseram a respeito do livro. Um dos resenhistas disse que ele não traz nada de bom para o comércio nem para o público, porque é monótono, pretensioso, vulgar e repulsivo. Mas houve também um artigo de Graham Greene dizendo que é uma obra-prima.

— Não me perguntou o que eu acho dele.

— De que adiantaria? Você perdeu o segundo volume, ou o deixou em alguma parte. Conseguiu acabar de ler o livro?

— Não me lembro. Não confia em seu próprio julgamento, minha cara?

Florence refletiu por um instante e disse:

— Confio em meus julgamentos morais, sim, mas sou uma varejista; não fui instruída para entender as artes e não sei quando um livro é uma obra-prima ou não.

— O que seu julgamento moral lhe diz a meu respeito?

— Não é difícil — disse Florence. — Me diz que você deveria casar-se com Kattie, pensar menos em si mesmo e trabalhar com mais empenho.

— Mas não tem certeza quanto a *Lolita?* Teme que a menina Gipping leia o livro?

— Christine? De jeito nenhum. Ela nunca lê os livros. Sob esse aspecto, é uma ajudante ideal. Só lê as revistinhas da *Bunty*.

— Ou que os Gamart não gostem do livro? Violet ainda não esteve aqui, não é?

Milo acrescentou que o general lhe dissera, quando os carros dos dois estavam parados à espera na passagem de nível de Flintmarket, que sua esposa achava que *Lolita* não seria vendido nunca num lugarzinho adorável e sonolento como Hardborough.

— Não quero levar em conta nenhuma dessas coisas. Se *Lolita* é um bom livro, quero vendê-lo em minha livraria.

— Se tudo der errado, renderia um bom dinheiro.

— Não é essa a questão — respondeu Florence, e realmente não era. Imaginou por que sempre voltava à baila a questão de dar tudo errado. Apenas alguns dias antes, nos pântanos, Raven lhe mostrara uma extensão de ervas verdes e suculentas que, disse ele, eram consideradas um petisco em Londres e

alcançariam alto preço se fossem enviadas para lá. — Poderia ajudá-la, Sra. Green, se tudo der errado.

— Estamos indo muito bem, no momento — disse a Milo. — Aceitarei bons conselhos sobre *Lolita* quando chegar a hora.

Milo parecia vagamente insatisfeito.

— Gostaria de ler *Bunty* — falou. Florence disse-lhe que havia uma grande pilha das revistinhas na casa dos fundos, mas não poderia vender nenhuma sem a permissão de Christine, e a escola só terminava às três e meia.

Após três meses de comércio, Florence calculou que tinha em seu poder um estoque de 2.500 libras, deviam-lhe 80 em contas a receber e tinha um atual saldo bancário, com o Sr. Keble, de pouco mais de 400 libras — um capital de giro de 3 mil libras. Vivia, em grande parte, de chá, biscoitos e arenques, e não gastara quase nada com anúncios, exceto na revista da paróquia, porque não podia fazer desfeita ao vigário. Sua conta de salários ainda era de 12 xelins e 6 centavos por semana, 30 xelins durante os feriados. Ela não dava descontos, exceto para a Escola Primária. A remessa postal não era mais, de forma alguma, o que fora na Müller. Os moradores locais estavam todos acostumados a deixar as coisas quando passavam por algum lugar. Todos que andavam em duas ou quatro rodas, e não apenas o prestativo Wally, eram transportadores em potencial. Ela própria, como aquele era dia de fechar mais cedo, ia tomar a balsa que atravessava o Laze para entregar trinta *Guias Completos para o Reconhecimento de Flores Silvestres* ao Instituto das Mulheres. Lembrando-se disso, tirou um livro de cima da pilha bem-arrumada e examinou as ilustrações, em busca da planta verde do pântano que Raven lhe mostrara. Mas não havia menção alguma.

7



Finalmente, a Sra. Gamart foi de fato à livraria Old House. Aconteceu duas semanas após a reabertura da biblioteca, dessa vez em um ritmo muito mais calmo, como se os assinantes agora estivessem contidos e a atmosfera fosse mais amena, à medida que o ano avançava.

Christine entendera rapidamente o sistema e fizera um rápido trabalho de memorização dos nomes dos assinantes que ela não conhecia, ou seja, os que moravam fora de Hardborough. Classificou-os por atributos — Sra. Sinal de Nascença, Major Asmático etc. —, exatamente como Raven fazia para identificar as cabeças de gado; de outra forma, ele jamais saberia quais eram os perdidos. Seguiam-se seus nomes corretos e, ao lembrar os livros que eles haviam pedido e o que, de fato, conseguiriam, Christine era infalível. A imparcialidade tornava-a severa. A biblioteca, agora, só abria quando a escola terminava, e, sob a direção dela, ninguém tinha permissão para olhar a seleção de livros dos outros.

O clima do outono tardio tornava a pequena expedição até a biblioteca mais ou menos o percurso certo para os aposentados, tanto para os que dirigiam como para os que caminhavam ou vagueavam. Eles pareciam dispostos a aceitar sem muitas queixas os livros B e até mesmo os C.

Certa tarde, a Sra. Gamart abriu a porta da rua, no fim do mês de outubro. O sol dera a volta, e, enquanto ela descia os degraus, sua sombra precedeu-a. Usava um casaco de camelo Jaeger, com o comprimento de três quartos. Florence reconheceu aquela ocasião como um abalo em sua maré de sorte. Andava ocupada demais, ultimamente, para pensar na pressão exercida sobre ela, seis meses antes, para que saísse da Old House — ou melhor, para ser

honesta, mantivera-se ocupada a fim de que o pensamento não pesasse demais. Mas agora pesava. A loja se transformara num silencioso campo de batalha, em estado de trégua. Ela estava no poder, em seu próprio território e com algum tipo de apoio, já que Christine tinha chegado e estava guardando suas botas de cano alto e seu cardigã na casa dos fundos. Por outro lado, a Sra. Gamart, como cliente, deveria ser tratada com deferência; e, como cliente, ela estava na posição inatacável de ter perdoado tudo. Fizera um pedido, em nome das Artes, e ele lhe fora negado; a Old House ainda era uma loja, mas ela continuava a se comportar com sorridente dignidade.

O setor da biblioteca estava cheio de assinantes que flanavam amenamente. Havia também clientes na parte da frente da loja.

— Vejo que está muito ocupada. Por favor, fique à vontade. Vim apenas dar uma olhada em sua biblioteca, só para ver como funciona. Há muito tempo pretendia fazer isso.

Christine, segundo o combinado, cuidava dos assuntos referentes à biblioteca e aos seus cartões, especialmente quando havia várias pessoas à espera. Satisfeita de ser indispensável, ela penteava seu cabelo claro, puxando-o quando havia nós, energicamente pronta a assumir suas funções. Depois, mais ou menos arrumada, saltava da casa dos fundos com o entusiasmo de um cão terrier ao qual tivessem atribuído, por uma tarde, poderes para agir como cão pastor. Com dedos rápidos, começou a folhear os cartões cor-de-rosa.

— Só um instantinho, Sra. Keble. Vou dar um jeito de atender a todos, mas um de cada vez.

Isso não bastava para a primeira visita da Sra. Gamart, e Florence deixou a caixa para acompanhá-la e explicar-lhe pessoalmente o sistema. Nesse momento, sentiu-se agarrada com força pelo cotovelo. E algo com uma ponta afiada a atingiu nas costas, na altura da cintura.

Era a quina da moldura de um quadro. Foi detida por uma mão inoportuna e abordada por um homem que não era jovem, usando um casaco de veludo cotelê e sorrindo como um sapo, sem nenhuma expressão. O sorriso talvez não fosse "lá muito certo". Ele movimentara um quadro grande pelos degraus. Outros quadros menores estavam embaixo do seu braço.

— Com certeza, a senhora se lembra da minha carta. Sou Theodore Gill, o pintor de aquarelas. A possibilidade de uma exposição... uma pequena seleção do meu trabalho; coisas sem valor, madame, mas minhas.

— Não respondi à sua carta.

Havia molduras e esboços por toda parte. Como poderia tudo aquilo ter invadido tão rapidamente a loja?

— Mas quem cala consente. Não há tanto espaço quanto eu imaginava, mas posso conseguir emprestados alguns biombos de um excelente amigo meu, ele próprio destacado aquarelista.

— Espero que ele também não vá querer expor.

— Mais tarde; sei que a senhora me entende rápido, porém só mais tarde.

— Sr. Gill, esta não é a melhor hora para conversar sobre seus quadros. Minha loja está aberta a todos, mas no momento estou ocupada e, agora que já viu a Old House, certamente percebeu que não tenho espaço absolutamente para sua exposição ou para a de qualquer outra pessoa.

— O pôr de sol visto da praça de Hardborough, do outro lado do Laze — interrompeu o Sr. Gill, elevando a voz. — De interesse local! No sentido oeste, veja, a terra está iluminada!

Todo esse tempo, para além do campo de interesse de sua atenção imediata, um murmúrio de constrangimento e até alguma coisa que parecia um grito elevavam-se dos fundos da sala. Quando tentou, com uma luta vil, impedir que o Sr. Gill pregasse seu pôr de sol, ela percebeu, pela primeira vez, um movimento de dispersão e avanço na massa. A Sra. Gamart, com o rosto muito vermelho, uma mão estranhamente agarrada pela outra e dominada por alguma emoção forte, atravessou rapidamente a loja e foi embora, sem dizer uma palavra.

— O que é isso? O que aconteceu?

Christine chegou logo em seguida, ainda mais corada. Na verdade, suas bochechas estavam vermelhas como fogo, e lágrimas começavam a escorrer por elas.

— É que a Sra. Gamart, de The Stead, não queria esperar sua vez, pegou os livros das outras pessoas e ficou olhando todos, como se fossem dela. Mas não tinha permissão para fazer isso. E misturou meus cartões cor-de-rosa!

— O que você fez, Christine?

— A senhora mandou que eu mantivesse tudo em ordem! Dei uma boa pancada nas juntas dos dedos dela!

Ainda segurava sua régua escolar, enfeitada com uma série de patos Donald. Em meio àquela onda de indignação, o Sr. Gill conseguiu pendurar vários outros de seus pequenos quadros. Os assinantes clamavam contra a falta de bom senso demonstrada. Sempre tinham achado que era loucura confiar tanta

coisa a uma criança de dez anos. Vejam, ela estava em prantos, a Sra. Gamart sofrera uma verdadeira violência física, e um dos clientes tentava escapar com um cartão e um envelope. Disse que perdera a esperança de ser atendido. Florence cobrou-lhe 6 xelins e 3/4 de centavos e fez soar a sineta da caixa registradora — seu único lucro naquela tarde.

Se ela saísse imediatamente para a High Street e se desculpasse, talvez a situação fosse reparada. Mas achou mais importante consolar Christine. Claro que os assinantes tinham razão: a menina recebera autoridade em demasia, um veneno, como qualquer outro excesso. O único remédio, porém, naquele caso, era dar-lhe mais.

— Não quero que você torne a pensar no assunto.

— Mas — balbuciou Christine, por entre soluços e lágrimas — eles foram embora com seus cartões cor-de-rosa e sem os livros deles. — Ela estava pranteando a destruição de um sistema.

— Mas ainda há um livro para o Sr. Brundish. Ele deve estar esperando. Dependo de você para levá-lo à casa dele, como de costume.

Christine vestiu seu cardigã e um casaco com capuz.

— Vou deixar o livro para ele onde sempre deixo, junto das garrafas de leite. O que a senhora vai fazer com todos esses quadros velhos?

O Sr. Gill fora em busca, como tinha dito, de uma xícara de chá, que não encontraria em nenhum lugar mais próximo do que o Ferry Café. E este, também, possivelmente estaria fechado, em outubro. Talvez ele sofresse uma cruel decepção, quem sabe após uma vida inteira de decepções. Florence teria de encontrar tempo para se importar com isso e, na verdade, com várias coisas; mas tudo que ela queria, naquele momento, era pensar em algo que conferisse mais dignidade à tarefa de Christine.

— Espere um instante. Há uma carta que eu quero que você leve também, uma carta para o Sr. Brundish. Não demorarei muito para escrevê-la.

Naquela manhã, chegara pelo correio o exemplar de *Lolita* para exame. Ela tirou a sobrecapa e olhou a capa negra, estampada em prateado.

Caro Sr. Brundish:

A carta que me enviou, logo que abri esta loja, representou um grande encorajamento para mim e, agora, ouso pedir seu conselho. Sua família, afinal, vive em Hardborough há muito mais tempo do que a de qualquer outra pessoa. Não sei se já ouviu falar do romance que Christine Gipping leva junto com este bilhete, *Lolita,* de Vladimir Nabokov. Alguns críticos dizem que é

pretensioso, monótono, vulgar e repulsivo; outros o chamam de obra-prima. Será que teria a gentileza de lê-lo e me dizer se acha que eu agiria corretamente se o pedisse e recomendasse aos meus clientes?

Muito cordialmente,

Florence Green.

— Então, haverá uma resposta? — perguntou Christine, em tom de dúvida.

— Hoje, não. Mas, dentro de alguns dias, talvez em uma semana, tenho certeza de que sim.

A biblioteca itinerante não fechou na semana seguinte, mas continuou seus negócios de maneira silenciosa e contida. Theodore Gill, com suas reservas aparentemente intermináveis de aquarelas, fora evacuado. A manobra fora ousada. A casa vizinha, a Rhoda's, certamente não era velha, e talvez fosse uma pena que lhe tivessem dado uma nova fachada, de argamassa misturada com cascalho, e pintado com um tom de malva as molduras das janelas, mas ali havia uma excelente sala de exposições, bem-iluminada.

— Você tem paredes tão bonitas e claras, Jessie — começou Florence, diplomaticamente. — Será que já sentiu a necessidade de alguns quadros?

— Uma exposição semipermanente — interpôs o Sr. Gill, que vagueava em torno, como de costume. Ele arruinaria tudo.

— Não, apenas algumas aquarelas, por enquanto. Talvez uma ou duas, de cada lado do seu Calendário das Lembranças Silenciosas — disse Florence, que fornecera o calendário a preço de custo.

Jessie Welford não respondeu diretamente, mas virou-se para o próprio artista.

— Na verdade, nunca acho que uma parede precise de nada, mas estou disposta a servi-lo se está em dificuldade.

Ele ficou martelando e estrondeando a tarde inteira; o barulho era quase tão irritante quanto o do *poltergeist.* Também era possível ouvir a risada suplicante de Jessie. Um cartão anunciando a exposição foi colocado na janela da Rhoda's. Jessie continuou a rir e disse que, até então, jamais se relacionara com um artista, mas há sempre uma primeira vez para tudo.

Florence não considerara como poderia vir a resposta para o seu bilhete. Sem dúvida, não esperava que fosse transmitida pela Sra. Gipping. Mas a mãe de Christine, de pé diante dela, no dia seguinte, na mercearia, disse-lhe de forma repentina e muito franca que estava comprando meio quilo de frutas

secas porque o Sr. Brundish lhe dissera que deixasse um bolo para ele, no domingo. Ele decidira, e ela podia muito bem transmitir isso naquele momento e evitar problemas, convidar Florence para tomar chá, nesse dia. Assim, aquilo que, presumivelmente, fora um artifício para conseguir certa privacidade tornou-se público em toda Hardborough. Era tão improvável a ponto de ser quase assustador. Ninguém, exceto algum eventual e misterioso velho amigo de Cambridge, ou de Londres, recebia jamais um convite desses. Era o motivo para a Sra. Gipping não querer desperdiçar sua notícia com um público menos categorizado.

Ir até lá representaria aumentar o mal-entendido com a Sra. Gamart, ainda não conhecido na Holt House. Mas talvez isso fosse vaidade. O que importaria aonde ela ia? Um instinto, talvez instinto de lojista, disse-lhe que importaria, sim. Ela hesitou. Mas uma resposta do Sr. Brundish, expressa em termos estranhos e transmitida por Wally, mencionando honra e conveniência, às quinze para as cinco, pontualmente, no domingo à tarde, a fez decidir. Ele lhe dizia que tinha examinado cuidadosamente o que ela lhe perguntara e esperava que ficasse satisfeita com sua resposta.

O início de novembro era uma das pouquíssimas ocasiões do ano em que não havia vento algum. Na noite do dia 5, uma grande fogueira foi acesa em terra firme, perto dos ancoradouros do estuário. A pilha de material combustível tinha ficado ali durante dias, como um gigantesco ninho de garça. Era um evento comum, sobre o qual todos os pais de Hardborough estavam dispostos a dar conselhos. O óleo diesel, embora se dissesse que no ano anterior queimara por completo as sobrancelhas de alguém, as quais não haviam voltado a crescer, foi usado para atear fogo. Em seguida, os gravetos se inflamaram. Reunidos de um lado a outro da praia, revestidos de sal marinho, explodiram numa chama azul, luminosa. As lontras e os ratos-almiscarados fugiram pelos diques logo acima; as crianças se aproximaram, provenientes de todas as direções da área pública. Algumas batatas foram assadas para elas, na fogueira, e saíam com uma grossa camada de cinzas. As batatas também tinham gosto de óleo diesel. Quando tudo estava em curso, os organizadores da fogueira recuaram um pouco, afastando-se daquele brilho cavernoso, e ficaram conversando sobre as questões do dia. Até o diretor da Escola Técnica, que vigiava o fogo em missão semioficial, e também a Sra. Traill, da Escola

Primária, ou a Sra. Deben, com seu costumeiro ar abatido, sabiam que Florence iria ao chá, no domingo.

Ela nem sabia ao certo como entrar na Holt House. Havia um cordão com um sino de ferro, na porta da frene, à direita, disse a si mesma. Notara-o muitas vezes. Era decorativo e maciço, e tinha o aspecto de que poderia ser arrancado com um puxão, deixando um pedaço de corrente na mão do visitante. Nesse caso, a pessoa pareceria uma autêntica idiota.

Mas a porta da frente, quando ela lá chegou, não estava trancada. Abria-se, dois andares acima, para um saguão obscuramente iluminado por uma abóbada. A luz se refletia no vidro indolente de um grande espelho veneziano, que ficava sobre o papel de parede vermelho-escuro, com desenhos em vermelho mais escuro. Do lado de dentro da porta, havia uma estátua de bronze de um cão fox-terrier, um pouco maior do que o tamanho real, sentado sobre as duas patas traseiras e mendigando com uma correia na boca. A correia era de couro legítimo. Em cima da arca no saguão, havia jarros de porcelana, bolas de cordão e um vaso com cartões de visita amarelados. O forte cheiro de cânfora talvez viesse dessa arca, que ficava encostada na parede à esquerda.

— Antigamente, ficava guardado ali um jogo de croqué — disse uma voz, na penumbra —, mas atualmente não há muitas oportunidades para jogar.

O Sr. Brundish avançou, olhando criticamente o saguão à sua volta, como se fosse uma província remota do seu território, que ele raramente visitava. Em seu pescoço curto, a cabeça virava-se aos poucos, de forma suspeita, de um lado para o outro. Uma camisa branca, limpa, era tudo que podia ser adequadamente divisado na penumbra. O colarinho parecia a entrada de uma toca, na qual seu rosto moreno se refugiava, enquanto seus olhos escuros observavam ansiosamente.

— Entre aqui na sala de jantar.

A sala de jantar ficava logo em frente, e tinha janelas envidraçadas até o chão, fechadas, que davam para o jardim. A vista do lado de fora era bloqueada por uma sebe de faia, ainda com folhas castanhas penduradas, que a umidade de novembro deixava pesadas. Uma mesa de mogno estendia-se de uma extremidade a outra da sala. Florence ficou triste ao imaginar alguém comendo sozinho numa mesa daquelas. Estava posta, evidentemente para a ocasião, com

uma variedade de grandes pratos de cerâmica em azul e branco, parecendo prêmios num recinto de feira. Perdidos entre eles, um bolo inglês, uma garrafa de leite e um presunto desagradavelmente rosado, ainda na lata.

— Deveríamos ter uma toalha — disse o Sr. Brundish, tirando de uma gaveta a roupa branca engomada e tentando varrer para um lado a louça gigantesca. Mas Florence o impediu, sentando-se ela própria. Seu anfitrião imediatamente tomou seu lugar, encolhendo-se dentro de uma *bergère* e abrindo de cada lado do seu prato as mãos grandes, bem-feitas e cheias de pelos. Mesmo andrajoso, quase inapresentável, ele não era o tipo de figura que pudesse algum dia perder a dignidade. Esperava, com certa humildade, que ela se servisse de chá. O bule de prata era do tamanho de uma pequena pia batismal, difícil de levantar, e estava quase inteiramente frio. Contornando a parte superior, havia o seguinte ditado: *Não ser bem-sucedido em uma coisa é o mesmo que falhar em todas*.

Felizmente, como havia apenas uma faca na mesa e os garfos haviam sido esquecidos, o Sr. Brundish não fez nenhuma tentativa de forçar sua convidada a comer o bolo, ou o presunto. Tampouco bebeu seu chá frio. Florence ficou imaginando se ele, em regra, fazia qualquer refeição regular. Desejava recebê-la bem, mas estava mais acostumado a ameaçar, e a mudança de atitude era-lhe difícil. Ela sentiu a sedução disso. Após um período de absoluto silêncio, que não foi constrangedor, porque ele, evidentemente, estava por demais acostumado com isso, o Sr. Brundish disse:

— A senhora me fez uma pergunta.

— Sim, fiz. Foi sobre um novo romance.

— A senhora me prestou uma homenagem, ao fazer uma pergunta séria — repetiu o Sr. Brundish, vagarosamente. — Acreditou que eu seria imparcial. Sem dúvida, pensou que eu estivesse inteiramente sozinho no mundo. Mas acontece que isso não é verdade. Se fosse, eu seria um caso interessante, uma espécie de teste para ver se existe alguma ação que não prejudique mais ninguém além da própria pessoa. Esses problemas me interessavam quando eu era mais jovem. Mas, como digo, não sou sozinho. Sou viúvo, mas tive irmãos e uma irmã. Ainda tenho parentes e descendentes diretos, embora estejam espalhados por todo o planeta. Claro, podemos nos cansar desse tipo de coisa. Talvez se surpreenda com o fato de o chá não estar muito quente.

Florence deu pequenos goles, elegantemente.

— Deve sentir falta dos seus netos.

O Sr. Brundish considerou cuidadosamente essas palavras.

— Se eu gosto de crianças?

Ela percebeu que a pergunta resultava, simplesmente, da falta de prática. Ele conversava tão raramente que se esquecera das formas convencionais de fazê-lo.

— Eu até acharia que não — disse ela —, mas *eu* gosto.

— Uma das meninas Gipping, a terceira, ajuda a senhora em sua loja, creio. E essa é toda a ajuda com que conta.

— Tenho uma contadora, que aparece de vez em quando, e também meu advogado.

— Tom Thornton. Não conseguirá muita coisa da parte dele. Em vinte e cinco anos de prática, jamais ouvi dizer que levasse um único caso ao conselho de advogados ou mesmo ao tribunal. Sempre concilia. Jamais concilie!

— Não está em questão nenhum procedimento legal. Não era isso absolutamente que eu queria perguntar ao senhor.

— Até me arrisco a dizer que Thornton se recusaria, em qualquer hipótese, a ir à sua casa. É assombrada, e ele não iria gostar disso. A propósito, talvez a senhora queira lavar as mãos. Há um toalete do lado direito do saguão, com várias bacias. No tempo do meu pai, era especialmente útil quando havia festas com caçadas.

Florence inclinou-se para a frente.

— Sabe, Sr. Brundish, há certa responsabilidade quando se tenta administrar uma livraria.

— Creio que sim, é verdade. Nem todos aprovam, sabe? Acho que existem certas pessoas que não aprovam. Refiro-me a Violet Gamart. Ela tem outros planos para a Old House e, agora, parece que, de alguma forma, foi insultada.

— Tenho certeza de que ela sabe que foi um acidente. — Era difícil, na Holt House, dizer algo que não fosse verdadeiro, mas Florence acrescentou: — Tenho certeza de que as intenções dela são boas.

— Boas intenções! Pense bem! — Ele deu uma batida na mesa, com uma pesada colher de chá. — Ela quer um Centro de Artes. Como é possível as artes terem um centro? Mas ela acha que têm, e deseja desalojar a senhora.

— Mesmo que o fizesse — disse Florence —, isso não me afetaria, de forma nenhuma.

— Tenho a impressão de que a senhora talvez confunda força com poder. A Sra. Gamart, por causa de suas ligações e conhecimentos, é uma mulher

poderosa. Isso não a assusta?

— Não.

O Sr. Brundish ignorou, ou talvez jamais lhe tivessem ensinado, a convenção cortês de nunca olhar fixamente para alguém. E ele fez exatamente isso. Encarou Florence como se estivesse surpreso até mesmo com o fato de ela se achar ali, mas ela se sentiu encorajada pela obsessiva concentração dele.

— Posso voltar para a minha primeira pergunta? Estou pensando em fazer um primeiro pedido, de duzentos e cinquenta exemplares, de *Lolita*, o que representa um risco considerável; mas claro que não o consulto de um ponto de vista comercial; seria completamente errado. Tudo que eu gostaria de saber, antes de fazer o pedido, é se o senhor acha que é um bom livro e se é certo eu vendê-lo em Hardborough.

— Ouso dizer que não dou tanta importância quanto a senhora às noções de certo e errado. Li *Lolita*, como pediu. É um bom livro; portanto, a senhora deve tentar vendê-lo aos habitantes de Hardborough. Não o entenderão, mas é preferível assim. Entender torna a mente preguiçosa.

Florence suspirou de alívio, diante de uma decisão da qual não participara. Depois, para reafirmar sua independência, pegou a única faca, cortou dois pedaços de bolo e ofereceu um deles ao Sr. Brundish. Profundamente preocupado, ele colocou a fatia em seu prato com tanta delicadeza como se recolocasse uma tampa. Tinha algo a dizer, algo mais próximo de suas intenções, quando a convidara para ir à sua casa, do que qualquer outra coisa conversada até aquele momento.

— Bom, eu lhe dei a minha opinião. Por que a senhora imagina que um homem seria melhor juiz dessas coisas do que uma mulher?

Com essas palavras, um elemento diferente entrou na conversa, tão perceptível quanto uma mudança no vento. O Sr. Brundish não fez nenhuma tentativa de impedir isso; pelo contrário, parecia aliviado porque fora alcançado algum ponto predeterminado.

— Não sei se os homens julgam melhor do que as mulheres — disse Florence —, mas eles perdem muito menos tempo lamentando suas decisões.

— Tive tempo suficiente para tomar a minha. Mas nunca achei difícil chegar a conclusões. Deixe que eu lhe diga o que admiro nos seres humanos. Valorizo sobretudo a única virtude que eles partilham com os deuses e com os animais, e que não precisa, portanto, ser chamada de virtude. Refiro-me à coragem, Sra. Green, qualidade que a senhora possui de sobra.

Ela sabia muito bem, ali sentada à luz mortiça da tarde, tendo diante de si a risível série de pratos para restos e terrinas, que a solidão falava com a solidão e que ele lhe fazia um apelo direto. As palavras saíram vagarosamente, como se entre cada uma delas lhe fosse dada a oportunidade de uma resposta. Mas, enquanto o momento permanecia incerto, e ela lutava para pôr algum tipo de ordem no que sentia, ou mais ou menos adivinhava, o Sr. Brundish suspirou profundamente. Talvez ele a achasse deficiente, sob algum aspecto. Seu olhar direto desviou-se progressivamente dela e, em seguida, baixou a vista para seu prato. Voltou, então, a necessidade de puxar uma conversa qualquer.

— Esse bolo seria um veneno para a minha irmã — comentou ele.

Não muito tempo depois, e sem ousar oferecer-se para lavar os pratos, Florence foi embora. O Sr. Brundish acompanhou-a novamente através do saguão. Estava bastante escuro, e ela imaginou se ele ficaria sentado sozinho na escuridão ou se logo acenderia as luzes. Ele lhe desejou boa sorte em seu empreendimento, como fizera antes.

— Não devo deixar que as preocupações me dominem — disse ela. — Enquanto há vida, há esperança.

— Que pensamento aterrorizante! — murmurou o Sr. Brundish.

A British Railways trouxe os exemplares de *Lolita* da estação de Flintmarket, a cinquenta quilômetros de distância. Ao chegar, o furgão de transporte provocou, como de costume, vivas entusiasmados por parte dos transeuntes. Algo novo chegava a Hardborough. Na frente de cada estabelecimento público, havia pacotes esperando para serem levados, e Raven, para economizar gasolina, queria uma carona para a parte mais afastada dos pântanos.

Christine estava horrorizada com o tamanho do pedido. Não tinham vendido tantos exemplares assim de livro algum, nem mesmo do *Construa o seu próprio barco a remo*. E o livro era grosso — quatrocentas páginas. Mas ela admirou a integridade e o aparente excesso de sua empregadora. Florence disse-lhe que o livro já era famoso.

— Com certeza, todo mundo já ouviu falar dele. Talvez não esperassem poder comprá-lo aqui em Hardborough.

— Não vão esperar encontrar duzentos e cinquenta exemplares. A senhora perdeu a cabeça com relação a isso.

Fecharam mais cedo que de costume, a fim de modificar a vitrine. Atrás das persianas, arrumaram os *Lolita* em pirâmides, como latas na mercearia. Todos os velhos Mais Vendidos foram guardados junto com os Eternos, e os majestosos livros ilustrados, bem como os prosaicos, foram mudados de lugar e perturbados sem o menor respeito.

— Por que todo esse dinheiro em caixa? — perguntou Christine. — A senhora tem aí uma entrada de quase cinquenta libras. — Mas Florence tinha tirado o dinheiro do banco especialmente para a ocasião, com a certeza de que precisaria de tudo. A caixa a olhara com uma animação em suspenso, à espera de que ela saísse do banco para ver o que o Sr. Keble pensava de tudo aquilo.

8

4 de dezembro de 1959

Cara Sra. Green:

Estou de posse de uma carta de John Drury & Co, que representa sua cliente, Sra. Violet Gamart, de The Stead, queixando-se de que a atual mostra de sua vitrine atrai tanta atenção indesejável por parte de clientes em potencial e já existentes que provoca uma obstrução indevida para o uso da estrada, tanto em termos de quantidade como de duração, e informando que sua cliente alega haver um dano particular para si própria, por ser necessário que ela, como juíza de paz e diretora de numerosos comitês (lista em anexo), faça suas compras rapidamente. Além disso, os usuários regulares de sua biblioteca itinerante, que estão legalmente na posição de convidados, como deve lembrar, foram alvo de abusos, em alguns casos sendo empurrados ou acotovelados e, em outros, chamados por pessoas estranhas à cidade de velhinhos, vovozinhos, matusaléns e até mesmo de galinhas velhas. A ação cível, que permanece independente do curso de qualquer futura ação policial para reprimir o dito inconveniente, pode resultar em decisão contra nós, atribuindo-nos consideráveis danos.

Atenciosamente,

Thomas Thornton,
Advogado e Tabelião.

5 de dezembro de 1959

Caro Sr. Thornton:

O senhor é meu advogado há vários anos, e interpreto "agir em meu favor" como "agir energicamente em minha defesa". Já veio ver com seus próprios olhos o que está exposto na vitrine? De fato, estamos muito atarefadas neste momento com as vendas, mas o senhor poderia percorrer duzentos metros de estrada, vir até a loja e me dizer o que pensa a respeito.

Cordialmente,

Florence Green.

5 de dezembro de 1959

Cara Sra. Green:

Em resposta à sua carta de 5 de dezembro, que me deixou algo surpreso por seu tom, digo-lhe que me esforcei, em duas ocasiões distintas, para me aproximar da vitrine da frente da sua livraria, mas achei impossível. Parece que os clientes vêm de lugares tão distantes quanto Flintmarket. Creio que teremos de admitir a exorbitância da obstrução, pelo menos em termos de volume. Quanto aos seus outros comentários, consideraria que seria bom para a senhora, bem como para mim mesmo, mantermos um cuidadoso registro do que se passou entre nós.

Atenciosamente,

Thomas Thornton,
Advogado e Tabelião.

6 de dezembro de 1959

Caro Sr. Thornton:

O que aconselha, então?

Cordialmente,

Florence Green.

8 de dezembro de 1959

Cara Sra. Green:

Em resposta à sua carta de 6 de dezembro, acho que deveríamos reduzir a obstrução, querendo, com isso, dizer que é preciso impedir que o público em geral se aglomere na parte mais estreita da High Street, antes que surja qualquer iniciativa referente a processo, e também acho que deveríamos parar de oferecer à venda o romance de V. Nabokov, que tem causado tantas queixas e é indevidamente sensacionalista. Não podemos citar, nesse caso, o exemplo de Herring vs. Metropolitan Board of Works, em 1863, já que o grupo não se aglomera por causa de uma crise de fome coletiva ou da escassez de produtos necessários.

Atenciosamente,

Thomas Thornton,
Advogado e Tabelião.

9 de dezembro de 1959

Caro Sr. Thornton:

Um bom livro é a preciosa força vital de um espírito superior, embalsamado e entesourado para que alcance vida além da vida; como tal, deve indubitavelmente ser considerado um produto necessário.

Cordialmente,

Florence Green.

10 de dezembro de 1959

Para: Sra. Florence Green

Cara Madame:

Posso apenas repetir meu conselho anterior e talvez acrescentar que, em minha opinião, embora esta seja uma questão pessoal e, portanto, esteja fora dos meus parâmetros de referência, a senhora faria bem se apresentasse desculpas formais à Sra. Gamart.

Atenciosamente,

Thomas Thornton,
Advogado e Tabelião.

11 de dezembro de 1959

Caro Sr. Thornton:

Covarde!

Cordialmente,

Florence Green.

★ ★ ★

Se Florence era corajosa, era-o de uma maneira completamente diferente, por exemplo, do general Gamart, cujo comportamento permanecera igual, estando ele ou não sob fogo cruzado; ou do Sr. Brundish, que desafiava o mundo ao se recusar a admitir que entrassem em suas terras. A coragem dela, afinal, era

apenas uma questão de sobrevivência. A polícia, porém, não instaurou processo, nem mesmo considerou a possibilidade de fazê-lo, e a queixa foi cancelada, após Drury avisar à Sra. Gamart que não havia evidências nem de longe suficientes para uma ação penal. A aglomeração se reduziu, a loja, na primeira semana de dezembro, teve um lucro, apenas com *Lolita,* de 82 libras, 10 xelins e 6 centavos, e os novos clientes voltaram para comprar os livros pedidos para o Natal e os calendários. Pela primeira vez na vida, Florence teve a alarmante sensação de prosperidade.

Talvez se sentisse menos segura se revisasse o estado de suas alianças. Jessie Welford e o aquarelista, que, àquela altura, tornara-se inquilino permanente da Rhoda's, mostravam-se hostis. O comentário de Christine de que ela preferiria ir para a cama com um sapo a ir com aquele Sr. Gill, e de que estava surpresa por ele não causar verrugas na Srta. Welford, não tinha a menor importância; mas a verdade era que os dois se uniram. Ninguém da multidão da High Street entrara na casa de costura, e menos ainda comprara uma aquarela. Tampouco olharam para os peixes oferecidos pelo Sr. Deben. Agora, todos os comerciantes se mostravam hostis à Livraria Old House, fosse de uma forma sutil ou enfática. E ficou decidido que Florence não seria convidada para ingressar no círculo íntimo de Hardborough nem no Rotary Club do Distrito.

À medida que se aproximava o Natal, ela foi ficando eufórica. Tirou seus negócios das mãos vacilantes do Sr. Thornton e confiou-os a um escritório de advogados de Flintmarket. Por intermédio da nova firma, contratou a Wilkins, uma empresa de construções, que também instalava encanamentos, para derrubar o úmido depósito das ostras — trabalho, era preciso admitir, que marchava um tanto vagarosamente. Mais tarde, ela decidiria o que fazer com o local. Depois, a fim de abrir espaço para o novo estoque, desfez-se, num impulso, das pilhas empoeiradas de material de exposição deixado pelos vendedores das editoras. Stalin e Roosevelt em papelão, tamanho natural, um Winston Churchill ainda maior, um tanque nazista em avanço, em três peças, que deveriam ser coladas suavemente na linha pontilhada, Stan Matthews, com sua bola de futebol, para ser pendurado no teto com o cordão fornecido, anúncios em cartolina com quase dois metros, exibindo pegadas manchadas de sangue, um cavalo com globos oculares que se mexiam e que pulava uma cerca, facilmente posto a funcionar com a ajuda de uma pilha, ameaçadoras fotografias de Somerset Maugham e Wilfred Pickles. Todo o material seria dado a Christine, que o desejava para sua fantasia do desfile de Natal.

Era um evento organizado pelas instituições de caridade locais.

— Fico grata à senhora por me dar isso, Sra. Green — disse Christine. — Se não fosse isso, eu teria de me fantasiar de pacote de Omo. — As firmas de detergente estavam dispostas a enviar material gratuito, e também o *Daily Herald* e o *Daily Mirror.* Mas todos em Hardborough estavam cansados dessas fantasias. Florence imaginou por que a menina não queria ir vestida com alguma coisa bonita, talvez uma Colombina. Mas, costurando e colando aqueles materiais pouco promissores, Christine fez um traje estranho, embora surpreendente: Adeus, 1959. Uma das sobrecapas de *Lolita* deu um último toque, e Florence, cujos pés eram quase tão pequenos quanto os de sua assistente, emprestou um par de sapatos. Eram baixos, de couro de crocodilo, com fivelas cobertas com o mesmo material. Christine, que jamais os vira, embora já tivesse dado uma boa remexida no andar de cima, imaginou se não seriam de Christian Dior.

— A senhora sabe, Dior conheceu uma cigana e ela lhe disse que ele teria dez anos de boa sorte e depois morreria — falou ela.

Florence sentiu que dificilmente poderia permitir-se falar do sobrenatural em tom de brincadeira.

— Devia ser uma cigana francesa, claro — acrescentou Christine, em tom consolador, patinhando de um lado para o outro com os sapatos de couro de crocodilo.

A patronesse do desfile à fantasia era a Sra. Gamart, de The Stead. O juiz, em sinal de deferência, por causa de sua ligação com a BBC e, portanto, com as Artes, era Milo North, que protestou, simpaticamente, que jamais deveria ter sido convidado, pois tentava evitar, em quaisquer circunstâncias, julgamentos definitivos. Seus comentários foram recebidos com explosões de risadas. O desfile se realizava no Coronation Hall, nunca inteiramente terminado, como pretendera Hardborough, de modo que o telhado ainda era de ferro ondulado. A chuva batia forte nele, e o barulho só diminuiu quando ela se transformou em um chuvisco. Christine Gipping, empurrando Melody em um carrinho de bebê enfeitado com arame farpado, que havia sido enviado para divulgar *Escape or Die*, seria uma fácil vencedora da categoria de fantasia mais original. Estava fora de discussão.

A Peça da Natividade, que se seguiu uma semana depois, aconteceu numa tarde de sábado, quando a loja estava movimentada demais com as vendas de Natal para Florence tirar uma folga. Mas ouviu falar da encenação por

intermédio de Wally e Raven, que fizeram rápidas visitas, e da Sra. Traill, que foi fazer seus pedidos para o próximo período letivo.

A peça foi recebida com críticas boas e más. Tentou-se, talvez, chegar a um realismo excessivo, quando Raven levou para o palco um pequeno rebanho de carneiros dos pântanos. Por outro lado, ninguém se esqueceu de seus papéis, e a dança de Christine fora o sucesso da noite. Como resultado do seu êxito com a fantasia, ela recebera o cobiçado papel de Salomé, o que significava que estava qualificada para aparecer com o biquíni de sua irmã mais velha.

— Ela tinha de dançar para conseguir a cabeça de São João Batista — explicou Wally.

— Qual foi a música que tocaram? — perguntou Florence.

— Foi um disco de Lonnie Donegan, *Putting on the Agony*, *Putting on the Style*. Não sei se gostou muito, Sra. Traill.

A Sra. Traill respondeu que, depois de muitos anos na Escola Primária, acostumara-se com tudo.

— Infelizmente, a Sra. Gamart não exibia um aspecto de quem tenha aprovado.

— Se não aprovou, não havia nada que ela pudesse fazer a respeito — disse Raven. — Estava impotente. — Ele porejava uma cálida irradiação de bem-estar, tendo tomado um ou dois copinhos no Anchor, no trajeto até ali.

Florence ainda estava ansiosa com relação às perspectivas de Christine no exame de admissão.

— Ela é uma assistente tão boa que não posso deixar de sentir que, ao terminar os estudos, talvez faça disso sua carreira. Tem jeito para classificar, e isso não pode ser ensinado.

O olhar que relampejou através dos óculos da Sra. Traill sugeria que tudo podia ser ensinado. Não obstante, um senso de responsabilidade pesava sobre Florence. Ela sentia que devia ter feito mais. Tinha considerado definitivo o fato de que a criança não gostava de ler, à exceção de *Bunty*, nem de que lessem para ela em voz alta, mas será que não haveria outras possibilidades? Ela pediu a Wally que ficasse, depois que os outros foram embora, e disse que estava mesmo interessada em saber da peça, mas será que ele, seus amigos ou Christine já tinham estado, algum dia, num teatro de verdade? Podiam ir ao Maddermarket, em Norwich, quando passasse algo bom por lá.

— Nenhum de nós esteve lá — respondeu Wally, com um tom de dúvida —, mas fomos da escola até Flintmarket, no ano passado, para ver uma

companhia de teatro ambulante. Foi muito interessante ver como eles instalaram a amplificação.

— Que peça eles encenaram? — perguntou Florence.

— No dia em que fomos lá, era *João e Maria*. Tinha canto. Não fizeram tudo, só a parte em que o menino e a menina se deitam e tiram a roupa, e os anjos se aproximam e cobrem os dois com folhas.

— Você não entendeu a peça, Wally. João e Maria são irmãos.

— Não faz nenhuma diferença, Sra. Green.

Janeiro, como sempre, trouxe seu único dia em que as pessoas disseram que parecia primavera. O céu estava de um azul manchado, desigual, e o pântano, com seus milhares de ervas e capins, exalava um leve odor de ressurreição.

Florence foi dar sua caminhada numa direção que habitualmente evitava, talvez não de forma deliberada, mas ela, sem dúvida, não seguia por aquele caminho havia muito tempo. Dando as costas para o estuário do Laze, caminhou sobre terra não lavrada em direção ao norte. Um cartaz, num portão com correntes, dizia: PARTICULAR — FAZENDA. Sabia que o caminho dava direito de passagem, então escalou para o outro lado e continuou a caminhar. Pouco depois, a trilha virava bruscamente em direção ao mar, seguindo preguiçosamente até sua praia pedregosa uns dez metros abaixo. A relva estava flexível, como se fosse um fino cabelo verde. Estendendo-se até a beirada do penhasco, via-se o fantasma de uma velha estrada e, de cada lado, havia ruínas, de bangalôs e de pequenas vilas mais ambiciosas. Uma propriedade inteira fora construída ali, cinco anos antes, sem levar em conta a erosão provocada pelo mar. Antes de qualquer pessoa ir morar ali, o penhasco arenoso cedera, e as casas começaram a oscilar e a deslizar. Alguns dos anúncios IMÓVEIS À VENDA ainda estavam no lugar. Uma das vilas menores tinha sido deixada bem na beirada. Metade dos alicerces e da parede da frente se fora, enquanto a sala de estar, exposta a todos os pássaros do ar, agitava sobre o vazio seus últimos farrapos de papel de parede.

Durante cerca de dez minutos — como parecia primavera —, Florence sentou-se num abandonado degrau da soleira da porta da frente, coberto com azulejos ornamentais. O Mar do Norte emitia um brutal cheiro de sal, ao mesmo tempo limpo e podre. A maré escorria rapidamente, fazendo uma pausa nos rochedos submersos e espalhando-se numa espuma amarelada, como

se decidisse o que vomitaria em seguida, ou o que deixaria para trás, quantos destroços de navios e homens, quantas garrafas plásticas. Aborreceu-a o fato de não conseguir lembrar com exatidão, embora já lhe tivessem dito com frequência suficiente, que extensão do litoral sofria erosão a cada ano. Wally forneceria imediatamente a informação. Igrejas com sinos a repicar estavam debaixo daquelas ondas, bem como as cercanias de uma propriedade imobiliária especulativa. Historiadores desmentiam a lenda, alegando que haveria tempo bastante para salvar os sinos, mas talvez não conhecessem Hardborough. Por quantos anos deixaram a Old House abandonada, quando todos sabiam que estava caindo aos pedaços?

Milo e Kattie — alguém jovem, de qualquer jeito, com uma malha de ginástica vermelho-viva, de modo que dificilmente poderia ser outra pessoa — desciam pela trilha do penhasco. Ao se aproximarem, Florence viu que Kattie parecia ter chorado, portanto o passeio não devia ter sido muito bom.

— Por que está sentada num degrau, Florence? — perguntou Milo.

— Nem sei de verdade por que saio para caminhar. Isso é coisa para aposentados, e eu vou continuar a trabalhar.

— Há espaço em seu degrau para eu também me sentar? — perguntou Kattie. Comportava-se de uma forma simpática, tentando agradar e conciliar. Talvez quisesse mostrar a Milo com que rapidez ela era capaz de seduzir outras pessoas ou provar-lhe quão simpática podia ser para uma tediosa mulher de meia-idade, simplesmente porque Milo parecia conhecê-la. Fosse o que fosse, Florence sentiu uma simpatia profunda. Abriu imediatamente espaço na soleira da porta, e Kattie sentou-se com elegância, puxando a saia curta por cima de suas compridas pernas vermelhas.

— Kattie não queria acreditar que há ruínas em Hardborough, então eu a trouxe para ver — disse Milo, olhando as duas e, depois, as lastimáveis casas. — Estavam inteiramente prontas para as pessoas morarem nelas, não? Fico imaginando se ainda têm água. — Caminhou para cima de uma pilha de tijolos, entrou no que restava de uma pequena cozinha e abriu as torneiras. Esguichou uma água enferrujada, cor de sangue. — Kattie poderia muito bem viver aqui. Ela não para de dizer que não gosta da nossa casa.

Florence, desejando mudar de assunto, perguntou a Kattie sobre seu trabalho na BBC. Foi um tanto decepcionante descobrir que ela nada tinha a ver com televisão, mas apenas checava as folhas de despesas do Departamento de Programas Gravados, ao qual se referia como DPG. Claro que não podia

ser um trabalho gratificante para aquela moça com ar inteligente.

— Fomos almoçar com Violet Gamart — disse Milo, equilibrando-se descontraidamente bem na beirada do penhasco. — Foi uma oportunidade para ela não nos desaprovar.

— Por que você nunca diz nada agradável sobre ninguém? — perguntou Florence. — Ela ainda quer que você administre, ou pareça administrar, um Centro de Artes em Hardborough?

— Para ela, é coisa de temporada. Todo verão ela tem uma crise séria, quando Glyndebourne e o Festival de Aldeburgh aparecem no noticiário. Agora é janeiro. A vontade é pouca.

— A Sra. Gamart foi muito gentil — disse Kattie, às vezes abraçando a si mesma, mais ou menos como Christine fazia.

— Não gosto de pessoas gentis, à exceção de Florence.

— Isso não me impressiona — disse Florence. — Acho que você está trabalhando cada vez menos. Precisa lembrar que a BBC é uma corporação, e seu salário, em última instância, é pago com orçamento público.

— Isso é assunto para Kattie — respondeu Milo. — É ela quem faz minhas folhas de pagamento. Vamos voltar juntos?

— Obrigada, vou ficar aqui mais um pouquinho.

— Por favor, venha conosco — disse Kattie. Parecia estar imaginando algo. — Não faria a gentileza de me explicar como embrulha os livros? Sou sempre tão desajeitada com papel e barbante...

Florence sempre usava sacolas de papel e não se lembrava de ter visto Kattie na loja, algum dia, mas concordou em acompanhá-los de volta a Hardborough. Kattie não parava de arrancar pedacinhos das plantas e de lhe perguntar, cheia de deferência, quais eram. Florence teve de lhe dizer que não estava certa quanto ao nome de nenhuma delas, a não ser do tomilho e da banana-da-terra, enquanto as flores não apareciam, e isso ainda levaria alguns meses.

Um dia, quando a classe mais graduada da Escola Primária estava no recreio, o que, em tempo frio, significava, em boa parte, ficarem sentados em suas carteiras e dizerem uns aos outros, amavelmente, todos os palavrões que tinham aprendido ultimamente, um estranho apareceu à porta.

— Não precisam levantar-se de suas cadeiras, crianças. Sou o inspetor.

— Não é, não — disse o monitor.

A Sra. Traill tinha acabado de checar o registro de presenças e voltou para a sala de aula.

— Acho que não o conheço — disse.

— Sra. Traill? Meu nome é Sheppard. Talvez queira olhar meu certificado de indicação, pelo Departamento de Educação, que me capacita, segundo o decreto referente às lojas, de 1950, a entrar em qualquer escola na qual tenha motivos razoáveis para acreditar que estejam sendo educadas, no momento, crianças empregadas no comércio, exercendo qualquer função.

— Empregadas?! — exclamou a Sra. Traill. — Acho que gostariam de estar empregadas, mas, fora dos negócios da família e de entregas de jornais, gostaria que o senhor me dissesse o que podem fazer. Talvez queira tentar de novo, na época de transportar a batata. Aliás, não me lembro de ter visto o senhor por aqui, algum dia.

— Por causa da escassez de pessoal, nossas visitas não têm sido tão regulares quanto gostaríamos.

— Quem sugeriu que o senhor deveria vir aqui agora? — perguntou a diretora da escola. Não recebendo nenhuma resposta, ela acrescentou: — Há apenas Christine Gipping trabalhando regularmente depois da escola.

— Em que endereço?

— Na Livraria Old House. Levante-se, Christine.

O inspetor deu uma olhada em seu caderninho.

— Como espero que saiba, tenho o direito de interrogar essa menina sobre o que achar adequado, no que diz respeito a questões regidas pelo Decreto do Comércio.

Uma tempestade de assobios irrompeu da turma.

— Trouxe uma colega do sexo feminino — disse sombriamente o inspetor. — Ela está aí fora, verificando se o carro está bem trancado.

— Não haverá interferência criminosa, então — disse placidamente o monitor.

Christine parecia imperturbável. Acompanhou a inspetora, que veio às pressas do pátio, com gestos explicativos, até a pequena sala atrás do piano, onde era contado o dinheiro do lanche.

Para: Sra. Florence Green, Livraria Old House.

Os inspetores do Departamento de Educação interrogaram Christine Gipping e exigiram que assinasse uma declaração de que são verdadeiras as respostas que deu no seu interrogatório. Embora não haja nenhuma sugestão de irregularidade no seu comparecimento à escola, parece que, em consequência da chegada de um best-seller, ela trabalhou mais de 44 horas em seu estabelecimento, durante uma semana de suas férias. Além disso, a segurança de sua saúde e bem-estar está em risco em seu prédio, inconvenientemente assombrado. Cito palavras da própria Christine Gipping: "O batedor agora não vem mais tão alto, mas não conseguimos nos livrar inteiramente dele." Quero avisar-lhe que, segundo as cláusulas do Decreto do Comércio, o sobrenatural seria classificado juntamente com cortadores de bacon e outras máquinas às quais os jovens não devem ser expostos, pois há risco de acidentes e lesões.

De: Sra. Florence Green

O Decreto do Comércio que o senhor cita só se aplica a jovens entre as idades de catorze e dezesseis anos. Christine Gipping tem apenas onze; caso contrário, o que estaria fazendo na Escola Primária?

Para: Sra. Florence Green, Livraria Old House

Se Christine Gipping, como diz, tem onze anos de idade, ela não tem permissão, segundo a lei, para trabalhar em nenhum negócio a varejo, à exceção de uma banca ou estrutura móvel, consistindo em uma tábua apoiada por cavaletes, destinada a ser desmontada no final do dia.

De: Sra. Florence Green

Não há espaço na calçada da High Street, de Hardborough, para tábuas apoiadas por cavaletes, a serem desmontadas no final do dia. Christine, como uma grande parte da população da Escola Primária de Suffolk, está "ajudando", como o senhor sabe muito bem. Ela fará seu exame de admissão escolar em julho, e espero que vá para a Escola Secundária de Flintmarket, onde não terá tempo algum para trabalhos avulsos depois da escola.

Nada mais se ouviu dos inspetores do Departamento, e essa queixa, fosse qual fosse sua origem, acabou por ser silenciosamente afastada, como as anteriores. Chegou da parte do Sr. Brundish um curto bilhete de parabéns. Como ele teria tomado conhecimento de tal coisa? Ele lembrava que, nos tempos do seu avô, o inspetor sempre visitava as escolas com um furão no bolso, pronto para ser usado quando era preciso livrar-se de ratos.

Mas a Livraria Old House, como um paciente cuja crise termina, mas que não consegue recuperar as forças, apresentava um faturamento menos encorajador. Era de se esperar isso nos meses após o Natal. Haveria mais capital disponível depois que o depósito fosse demolido e ela pudesse vender o local. Mas Wilkins trabalhava muito vagarosamente. Nunca fora um homem rápido, e era claro que o frio estava contra ele. Aquelas construções antigas pareciam prestes a cair com um toque, mas podiam ser teimosas. Florence foi obrigada a repetir isso ao gerente do banco, que a convidara para uma conversa e lhe perguntara se tinha notado como era reduzido o capital de giro de que ela dispunha naquele momento.

— Está transformando o depósito das ostras de bem fixo em ativo circulante?

— Não é uma coisa nem outra, neste momento — respondeu Florence. — Wilkins diz que a argamassa é mais dura do que a pedra.

O Sr. Keble observou que talvez não fosse um momento muito favorável para vender um pequeno local de construção que sempre se soubera alagado. Florence não se lembrava de ele ter mencionado isso quando seu empréstimo fora discutido pela primeira vez.

— A atividade diminuiu um pouco em seu negócio, hein? Mas talvez esteja tão bem como sempre. A certa altura, parecia que a senhora nos daria uma sacudida e nos tiraria de vez dos nossos antigos hábitos. Mas todos os pequenos negócios têm seus altos e baixos. É outra coisa mais fácil de entender quando se ocupa uma posição como a minha, de onde é possível ter uma visão mais ampla.

Mais tarde, naquela primavera, o sobrinho da Sra. Gamart, membro do Parlamento pelo Distrito Longwash, um jovem brilhante, bem-sucedido e estúpido, conseguiu que seu projeto de lei fosse aprovado na primeira e na segunda leituras. Era um projeto admirável, do ponto de vista de sua carreira. As cláusulas eram aceitáveis para todas as partes — humanitárias, democráticas, uma contribuição para o crescente problema do lazer, e improváveis de serem postas algum dia em prática. Chamado de Projeto de Acesso a Lugares de Valor e de Interesse Educativo, dava poderes a conselhos locais para comprar compulsoriamente e submeter, a uma compensação combinada, quaisquer prédios construídos, inteira ou parcialmente, antes de 1549, e não utilizados com finalidade residencial, no caso de não haver nenhum prédio de data similar em visitação pública na mesma área. Os prédios comprados deveriam

ser utilizados para recreação cultural do público. Florence notou um pequeno parágrafo sobre o assunto em *The Times*, mas sabia que aquilo não poderia atingi-la. Nem o conselho de Hardborough nem o de Flintmarket tinham dinheiro para projetos de qualquer tipo, e, além disso, a Old House estava em uso para "finalidades residenciais" — ela ainda morava lá, embora essas palavras desviassem seus pensamentos para o problema dos gastos com a manutenção. O inverno arrancara um grande número de telhas do telhado da Old House, e uma mancha úmida já ia se espalhando pelo teto do quarto de dormir, centímetro por centímetro, exatamente como o mar vai devorando o litoral. Havia mais umidade no armário embaixo da escada. Mas a casa era seu lar, e também de seus livros, e ali eles ficariam juntos.

O assunto do projeto não fora sugerido ao seu sobrinho pela Sra. Gamart, embora ela tenha ficado satisfeita quando ele lhe contou, durante um almoço no Parlamento, que a ideia lhe viera naquela festa oferecida por ela, na primavera anterior. Como uma fonte de energia, num lugar como Hardborough, que precisava de muito pouco, e uma energia também muitas vezes gasta em queixas, ela estava destinada a criar um amplo círculo de efeitos posteriores, indo muito além do impulso original. Sempre que percebia isso, ela ficava contente, tanto por si mesma como pelos outros, porque sempre agia da maneira que considerava correta. Não sabia que a reflexão moral raramente é um guia seguro para a conduta humana.

Sorriu para seu sobrinho, por cima da mesa de almoço, e disse que não comeria o peixe.

— Acho que viver em Hardborough impede a pessoa de comer peixe em qualquer outro lugar — disse. — Temos um peixe bastante fresco lá. — Era uma mulher muito sedutora, bem-conservada também, e tinha ido a Londres, naquele dia, para defender algum projeto de caridade, nada absolutamente a ver com a Livraria Old House. Seu sobrinho não conseguia lembrar exatamente o que era, mas seria lembrado.

9



Na Escola Primária de Hardborough, as notas para o exame de admissão ao novo ciclo escolar não eram atribuídas da maneira habitual, pela própria diretora, depois que as crianças iam para casa. As provas eram trocadas com a Escola Primária Saxford Tye. Isso dava a necessária garantia de imparcialidade, na pequena cidade em que tudo era observado de tão perto; ou, como dizia a Sra. Traill, isso a salvava de se sentir despedaçada quando o exame terminava. Mas, na divulgação dos resultados, talvez ela não fosse tão sensível. As aceitações para a Escola Secundária de Flintmarket chegavam em envelopes brancos, quadrados. As da Escola Técnica vinham em outros tantos envelopes, estes compridos, em uma tonalidade amarelo-clara. Ao chegar à escola, naquela manhã de verão, cada criança da última série olhava para sua carteira, via seu envelope e sabia imediatamente o seu destino. E todas as demais da turma também sabiam.

Olhando em retrospecto, numa vida já longa, as crianças de Hardborough não se lembrariam de nada mais doloroso, ou mais decisivo, do que aqueles envelopes à sua espera nas carteiras. Lá fora, o tempo estava bom. O tojo amarelo floria de uma extremidade a outra da área pública. O verão também invadira a sala de aula. Os alunos haviam sido solicitados a levar um pouco da natureza para a aula de biologia elementar. Havia potes de geleia com candelárias brancas, rosas-de-cão e pega-moscas; palha solta fora espalhada em cima da escrivaninha da professora, e, no peitoril da janela, uma enguia nadava desconfortavelmente num tanque de vidro.

Tudo terminou em um minuto. Christine foi uma das últimas a chegar à escola. Olhou para sua carteira e logo soube que o resultado era o que sempre

previra. O envelope era comprido, amarelo-claro.

A Sra. Gipping foi visitar a Livraria Old House — concessão digna de nota porque, com todo o seu dia ocupado, ela só saía quando era estritamente necessário. Fora dizer a Florence que Christine não trabalharia mais para ela, mas percebeu imediatamente que Florence já sabia e que não havia necessidade de transmitir o recado. Em vez disso, sentaram-se juntas na casa dos fundos. A loja estava fechada, e, de longe, do lado da praia, ouviam-se os gritos dos veranistas daquele ano.

— Parece que o velho batedor não se manifesta quando estou aqui — comentou a Sra. Gipping. — Arrisco dizer que ele sabe que seria perda de tempo.

— Não o tenho escutado muito, ultimamente — disse Florence e, depois, lembrando-se da abóbora, sugeriu que tomassem juntas uma bebida. — Vamos tomar uma taça de licor de cereja, Sra. Gipping. Nunca bebo, principalmente à tarde, mas talvez só hoje.

Pegou duas taças pequenas e a garrafa que, como muitas garrafas de licor, tinha uma forma estranha, com cintura e cheia de curvas, o que exigia que se destinasse apenas a ocasiões especiais.

— Imagino que ganhou isso na rifa da igreja — disse a Sra. Gipping. — Ficou lá três anos sem ninguém tirar o bilhete premiado. O vigário não saberia o que fazer sem ela.

Talvez trouxesse sorte. Cada uma das duas mulheres tomou um pequeno gole do líquido vermelho-vivo, terrivelmente enjoativo.

— Dizem que o príncipe Charles gosta disso.

— Também, com a idade dele! — Depois, sabendo que era seu dever, como anfitriã, tratar do assunto, Florence disse: — Fiquei muito triste ao saber do que aconteceu com Christine.

— Ela é a primeira da nossa família que não consegue ir para a Escola Secundária. É o que chamamos de sentença de morte. Não tenho nada contra a Escola Técnica, mas isso, em resumo, significa o seguinte: que oportunidade Christine terá, algum dia, de conhecer e de se casar com um funcionário de escritório? Nunca vai poder esperar nada acima de um operário ou mesmo de um desempregado. E, acredite, Sra. Green, ela vai trabalhar até o fim da vida lavando roupa.

A imagem de Wally passou rapidamente pela cabeça cansada de Florence. Wally estivera na Escola Secundária no ano anterior e não se podia negar que

era visto, ultimamente, com uma nova namorada, também da Escola Secundária. Ele a estava ensinando a nadar.

— Christine é muito rápida e jeitosa — disse, tentando uma visão mais animadora. — E muito musical — acrescentou, lembrando-se da dança na corte do rei Herodes. — Com certeza, saberá encaminhar bem sua vida, onde quer que esteja.

— Não quero que pense que temos alguma coisa contra a senhora — disse a Sra. Gipping. — Foi isso, principalmente, que vim dizer. Nenhum de nós acredita que Christine passaria no exame de admissão se não tivesse trabalhado aqui depois da escola. Pode até ser uma vantagem, agora. Com certeza, a experiência conta. Todos que saem da escola dizem que não são aceitos sem experiência; e, assim, como a conseguirão? Mas, se Christine precisar de uma referência, já dissemos a ela que só precisa vir pedir à senhora.

— Sem dúvida. Basta pedir.

— Ela não quer deixar inteiramente de ganhar alguma coisa enquanto estiver na Escola Técnica.

— Claro que não.

— Demos uma olhada rápida por aí. Achamos que ela pode ser aceita para trabalhar aos sábados naquela nova livraria que abriu em Saxford Tye.

A Sra. Gipping falava com uma espécie de plácida seriedade. Terminou seu licor de cereja de uma maneira que mostrava que ela sabia fazer um copinho durar muito tempo.

— É doce demais — disse. — Mas a gente não pode se queixar, já que é em benefício da igreja.

Depois que a Sra. Gipping foi embora, Florence tirou seu carro da garagem em que era guardado, num abrigo para barcos desativado, próximo da Guarda Costeira, e dirigiu até Saxford Tye. Estacionou na rua principal e ficou caminhando de um lado para o outro, calmamente, na penumbra. Era a pura verdade. Numa boa localização, vizinha da embelezada Washford Arms, havia uma nova livraria. Não estava aberta havia muito tempo, então não podia ser, sozinha, a responsável pela redução no movimento de seu comércio. Permitiu que o mais recente Balancete de Verificação, que rondava desagradavelmente o umbral de sua mente, entrasse e se declarasse. Naqueles dias, as libras, os xelins e os centavos, separados, davam lugar a três diferentes tipos de ameaças separadas, em suas três colunas inflexíveis. Compras, 95 libras 10 xelins e 6 centavos (altas demais); vendas em dinheiro, 62 libras, 10 xelins e 11 e 3/4 de

centavos; salários, 12 xelins e 6 centavos; dinheiro em mão, 102 libras, 0 xelim e 4 centavos; valor do estoque, em 31 de julho, digamos 600 libras; caixinha, como de hábito, inexplicável. Os turistas não pareciam ter tanto dinheiro para gastar naquele ano, ou talvez não tanto para gastar com livros. No futuro, se parassem em Saxford, no percurso, poderia haver menos ainda.

Embora ela não tivesse nenhuma maneira de saber disso, a Saxford Tye Books não era uma empresa como a sua, mas um investimento da parte do simplório Lorde Gosfield, que saíra do seu castelo cercado de pântanos, mais de um ano antes, para comparecer à festa da Sra. Gamart. Desde aquele tempo, todos os conhecidos dele pareciam estar transformando seus chalés disponíveis em pousadas, e sua primeira e vagarosa intenção (já que era dono de boa parte de Saxford Tye) fora fazer a mesma coisa, mas então se verificou que era impraticável, porque, na ocasião, não se sabia de ninguém que passasse ali um só fim de semana. Afundada entre armazéns e depósitos de verduras, a vila era singular naquela parte de Suffolk por não ter nem uma igreja pitoresca para oferecer ao visitante. A igreja, na verdade, fora incautamente destruída por um incêndio durante as comemorações de 1925, quando fora aprovado o Decreto de Subvenção à Beterraba Açucareira, que salvou da extinção a população letárgica. Mas a construção de uma nova grande estrada tornara o Gosfield Arms, que tinha dois bons estacionamentos, em um razoável local de parada para quem dirigia a Hardborough ou Yarmouth. As propriedades vizinhas podiam ser transformadas em lojas, e parece que Lorde Gosfield lembrou-se de que Violet Gamart, uma mulher inteligente, sem dúvida, dissera algo sobre uma livraria. Ele perguntou a seu secretário se esse não seria um bom plano. Em conluio com esse secretário, mais esperto do que seu patrão, os cervejeiros tornaram obrigatória a passagem pela vitrine lateral da livraria para qualquer pessoa que quisesse espichar as pernas, ou seja, ir até os novos e reluzentes toaletes do *pub*. Esta expunha arreios de latão e cinzeiros em forma de beterraba, além de um tipo de romance que Florence nunca pretendera ter em seu estoque. A livraria continuava aberta após as seis e meia. Sem dúvida, seria muito mais animado para Christine trabalhar ali.

— Sentirei sua falta, Christine, e queria perguntar-lhe o que gostaria de ganhar de presente.

— Nenhum desses livros. Não do tipo que a senhora tem.

— Bom, então, o quê? Vou para Flintmarket amanhã. Que tal um cardigã?

— Preferia o dinheiro. — Christine mostrou-se implacável. Ela só conseguia encontrar alívio causando dor. Seu ressentimento voltava-se contra todos que tinham a ver com livros e com leitura, e que estabeleciam como condição para o sucesso escrever pequenas redações e saber qual era a imagem fora do contexto. Detestava todos eles. A Sra. Green, que se supunha entender dessas coisas e sempre lhe dissera que passaria, não era melhor do que os outros. Não lhe faria a gentileza de estabelecer distinções.

— Bom, espero que algumas vezes, de noite, você venha até a livraria para me ver.

— Não terei tanto tempo assim.

— O ônibus escolar chega às cinco, não? Posso ficar vigiando para ver se você vem?

— Ah, não fique nessa expectativa... Dizem que não faz bem depois dos quarenta anos.

Talvez não fizesse mesmo. Ultimamente, Florence notara uma ou duas excentricidades em si própria que talvez resultassem de trabalho duro, da idade ou do fato de morar sozinha. Quando chegavam as cartas, por exemplo, descobria-se muitas vezes perdendo tempo a examinar os carimbos do correio e a imaginar quem as teria enviado, em vez de abri-las como todo mundo e descobrir logo tudo.

As cartas, porém, chegavam agora em menor número, e podia-se dizer que toda a sua vida comercial se contraía. A biblioteca itinerante, que fora afinal uma fonte de renda firme, embora modesta, agora estava fechada para sempre. Isso porque, pela primeira vez em sua história, estabelecera-se em Hardborough uma biblioteca pública. O município pedia seus serviços havia muitos anos, e seria difícil dizer quem deveria ser parabenizado por forçar, finalmente, a aprovação da medida no Conselho Municipal. A nova biblioteca era uma distração importante. Felizmente, estavam disponíveis instalações adequadas. A propriedade adquirida fora a peixaria Deben.

O batedor se fazia ouvir com menos frequência, embora Florence, certa vez, tivesse encontrado os livros de contabilidade, com os quais atualmente gastava tanto tempo, atirados violentamente no chão, com a frente voltada para baixo. As páginas estavam rabiscadas e dobradas. Ela se sentiu algo constrangida ao mostrá-los à sobrinha de Jessie Welford, mas esta lhe disse que, infelizmente, outros acertos teriam de ser feitos, pois fora promovida no

escritório e, dali em diante, não teria mais tempo para ajudar na Old House. Certa frieza refletia os sentimentos na Rhoda's. Só bem no final, enquanto verificava se não estava esquecendo nada, ela se acalmou um pouco.

— Claro, meu trabalho era apenas verificar as transações, e eu estaria inteiramente errada, do ponto de vista profissional, se lhe desse algum outro conselho...

— Querida, se isso for inteiramente errado, não devo deixar mais que o faça — disse Florence, observando a convencida moça ajeitar-se e enfiar a sua capa de chuva.

— Bom, então acho que é tudo. Espero não ter deixado nenhum dos meus pertences com a senhora. Como era mesmo que meu pai costumava dizer? Ainda que esteja no fundo do poço, olhe sempre para o alto e não perca a esperança.

Ela ia jantar na vizinha Rhoda's e saiu às pressas, deixando Florence com a cabeça cheia de imagens negativas. Felizmente, havia a limpeza da primavera para fazer e a lista de coisas a serem despachadas pelo correio, que os escoteiros haviam tentado fazer para ela, com sua impressora manual. Significaria levantar-se uma ou duas horas mais cedo, pela manhã. Olhou com muita pena para as fileiras de livros não vendidos, pacientemente à espera.

— Você está trabalhando demais, Florence — sugeriu Milo.

— Estou tentando me concentrar... Não pegue nesses, acabaram de chegar e ainda não os conferi. Claro que o sucesso vem quando se dá tudo de si.

— Não vejo sentido nisso. Todos, no final, têm de dar tudo o que possuem. Têm de morrer. E morrer não pode ser algo chamado de sucesso.

— Você é jovem demais para se preocupar com a morte — disse Florence, sentindo que isso, na verdade, era esperado da parte dela.

— Talvez. Mas acho que Kattie pode morrer. Ela gasta muita energia.

Três vezes por semana, pensou Florence. Suspirou.

— Como vai Kattie? — perguntou.

— Não sei. Devo dizer que Kattie me deixou. Foi morar com outra pessoa, em Wantage. Ele trabalha no setor de Transmissões Externas. Confio na sua discrição.

— Acho que já deve ter contado a todas as outras pessoas em Hardborough que se dispuseram a ouvi-lo.

— Interessa particularmente a você, porque terei muito mais tempo livre. Poderei trabalhar aqui em regime de meio expediente, como seu assistente.

Acho que deve sentir falta daquela menina.

Florence recusou-se a se deixar confundir.

— Christine aprendeu muito enquanto estava aqui — disse — e sabia tratar muito bem os clientes.

— Não tão bem quanto eu — disse Milo. — Ela bateu em Violet Gamart, não foi? Eu não faria isso. Quanto pode me pagar?

— Eu dava a Christine 12 xelins e 6 centavos por semana e, no momento, não me sinto capaz de oferecer mais do que essa soma. — Claro que isso a faria livrar-se de Milo, embora gostasse bastante dele. Se todos fossem assim, lá na sede da televisão, em Shepherd's Bush, devia ser difícil encontrar alguém que fizesse alguma coisa. Com certeza, ficavam o tempo inteiro convencendo uns aos outros a trabalhar.

— Se está interessado no emprego — na Müller, chamávamos quem fazia isso de "abelhudo", pensou ela —, gostaria que, durante algumas semanas, viesse à tarde e tentasse desempenhar suas funções. Se não precisa dos 12 xelins e 6 centavos, pode colocar o dinheiro na caixa da Lancha Salva-vidas, ou na da Guarda Costeira. Por favor, lembre-se apenas de uma coisa, que não o chamei para vir. Você mesmo se chamou.

Quando o Parlamento voltou a se reunir, o Projeto Privado apresentado pelo membro do Distrito Longwash foi aprovado em sua terceira leitura e seguiu diretamente para a Câmara dos Lordes. Chamou ainda menos atenção dessa vez. Pouquíssimas pessoas, no grande público em cujo nome ele foi apresentado, leram qualquer de suas cláusulas emendadas. Os prédios antigos, por exemplo, estariam sujeitos a compra compulsória, mesmo que se encontrassem ocupados no momento, desde que tivessem permanecido desocupados por mais de cinco anos, em qualquer ocasião, no passado. O sobrinho da Sra. Gamart contou com a ajuda de planejadores parlamentares. Era impossível dizer quem fora responsável por este ou aquele detalhe.

Todos acharam que era muito gentil da parte do jovem Sr. North ajudar na Old House, especialmente quando o negócio não ia nem de longe tão bem quanto no passado. Era lamentável, talvez, que, sempre que Florence tinha de ir a Flintmarket, para ver se haviam chegado as novas encomendas, ele imediatamente fechasse a loja, e o vissem sentado na cadeira confortável, que

empurrava para a frente, a fim de colocá-la na faixa do sol da tarde que entrava pela janela da frente. Mas quem o culparia se o negócio estava fraco? E ele sempre tinha um livro de poesia, ou algo do gênero, aberto à sua frente.

Como Milo, nessas ocasiões, jamais se lembrava de trancar a porta da casa dos fundos, Christine, usando seu novo blazer da escola, pôde entrar direto e se aproximar sem fazer nenhum ruído.

Derramai vosso amor, com o máximo ardor!
Pois numa noite qualquer, talvez próxima,
Virá o Jardineiro, vestido de branco;
e as flores colhidas fenecem, Christine.

— Corta essa, Sr. North — disse Christine.

— Que maneira feia de falar você está aprendendo nessa sua nova escola!

Christine ficou muito vermelha.

— Não vim aqui para me misturar com gente do seu tipo — disse.

Uma espécie de mal-estar a trouxera de volta, e não encontrar Florence ali a deixou desapontada, em parte porque queria alegrá-la um pouco, em parte também porque queria mostrar-lhe que não aceitaria o emprego de volta por dinheiro nenhum. Também queria que ela visse o cardigã comprado com o dinheiro ganho. Abotoava até em cima; não era do tipo fora de moda.

— Por que não ajuda mais a Sra. Green? — perguntou Milo. — Ela sente a sua falta.

— Ora, ela tem o senhor, não é, Sr. North? Está sempre por aqui. — Hesitando, sem querer parecer que pedia informações, ela explodiu: — Dizem que não vão deixar a Sra. Green continuar com esta livraria.

— Quem "diz"?

— Querem a Old House para outra coisa que estão planejando.

— Por que se preocupa com isso, querida?

— Dizem que ela não pode ficar com isso aqui. Vão obrigar a Sra. Green a sair. Essa história vai acabar no Tribunal Municipal. Ela vai ter de jurar que diz toda a verdade e nada além da verdade.

— Vamos esperar que a situação não chegue a esse ponto.

Christine ainda não sentia ter reafirmado sua posição. Andou de um lado para o outro em passinhos miúdos, espanando aqui e acolá — ela disse que o

espanador precisava de uma lavagem, como de costume — e observando seus velhos conhecidos nas prateleiras com o reconhecimento de uma pessoa de fora.

— Estes não deviam estar junto dos Encalhados — falou, içando os dois volumes do *Shorter Oxford Dictionary*.

— Ninguém se ofereceu para comprá-los.

— Mesmo assim, não são Encalhados. São de do estoque comum.

Não havia mais muita coisa a ser feita. Mesmo naquele momento, no final do dia, quase não havia nada que fosse preciso endireitar.

— Não vejo tanta coisa errada com essa loja, apesar da umidade terrível e de não se saber nunca quando o batedor vai começar.

— Claro que não há muita coisa errada nela; do contrário, eu não estaria aqui.

— Por quanto tempo vai ficar, então?

— Não sei. Talvez não tenha energia para ficar por muito mais tempo.

— Talvez não tenha a energia para se levantar e ir embora — disse Christine, observando-o ali sentado, entre fascinada e zombeteira. Faria bem a ele conseguir um pedacinho de quintal e trabalhar nele, pensou, nem que fosse apenas em duas fileiras de rabanetes. — Nunca tive tempo para ficar assim sentada quando era assistente.

— Tenho certeza de que não. Você às vezes é uma criança, outras vezes uma mulher, e nenhuma das duas tem a menor ideia de como relaxar.

— Não diga bobagem — retrucou Christine.

10



O frio chegou cedo, após o belo verão de 1960. No início de outubro, Raven começou a falar com pessimismo sobre o gado, que tossia lamentavelmente. De manhã cedo, o espesso vapor branco alcançava o nível dos joelhos dos animais, de modo que seus corpos pareciam flutuar, desligados, acima do nevoeiro. Suas cabeças, com grandes orelhas meio caídas, viravam-se vagarosamente em direção ao eventual recém-chegado, em meio a uma nuvem de respiração fumegante.

A neblina só se desfez lá pela metade do dia e tornou a baixar por volta das quatro horas. Era loucura o Sr. Brundish sair nessas condições; no entanto, na Holt House, inteiramente sozinho, ele se preparava, devagar, para fazer uma visita. Por volta de quinze para as onze, assumira o aspecto quase de um *boulevardier*, usando um casaco com gola de pele e um chapéu de feltro com a copa um tanto mais alta do que o habitual naqueles anos. Os nativos de Hardborough só respiravam o ar do outono através de cachecóis de lã, e o Sr. Brundish também usava um, tendo pegado, além disso, uma bengala entre as muitas à espera no saguão.

Por causa do nevoeiro, apenas o chapéu e os três quartos superiores do Sr. Brundish podiam ser vistos, encurvados e com um terrível arquejo e chiado ocasional, enquanto ele navegava por Ropewalk, Sheepwalk e Anson Street. O primeiro pensamento dos que estavam às suas janelas foi de que ele ia ao médico ou, ainda mais alarmante, à igreja. Fazia alguns anos que o Sr. Brundish não comparecia a uma cerimônia religiosa. Estava pálido e parecia aflito. De acordo com a opinião geral, seu aspecto parecia muito circunspecto.

Se não era o médico nem a igreja, então só poderia ser The Stead. Por mais

improvável ou impossível que parecesse, ele subiu penosamente os degraus da frente e, surgindo finalmente do nevoeiro, foi visto pressionando a campainha.

A Sra. Gamart fazia uma anotação matinal em seu diário. Tinha escrito: "Quarta-feira: tempo terrível para outubro. A umidade fez apodrecer completamente a *Hydrangea petolaria*". Ouviu a campainha e preparava-se para se levantar, sem se aborrecer com a interrupção, quando percebeu quem de fato era o visitante. Sentiu, então, a mesma descrença dos demais de Hardborough, que haviam observado o avanço dele a partir da Holt House. A menina local que ajudava na lavagem dos pratos atendeu à porta e pareceu meio aturdida, como se visse árvores caminhando.

Ser aceita por aquele velho rabugento seria uma entrada em nova dimensão do tempo e do espaço — os séculos decorridos do Suffolk habitado e sua atual existência silenciosa e vigilante. Desde os primeiros meses de sua chegada, os convites que enviara haviam sido recusados, com a constante desculpa de problemas de saúde. Porém, fora de qualquer dúvida, havia pequenas reuniões na Holt House, honradas por visitantes que ficavam para passar a noite, e também por antigos camaradas, atraídos dos mais profundos recessos de Ânglia Oriental. Homens apenas, talvez, embora se dissesse — mas a Sra. Gamart não acreditava — que a Sra. Green fora tomar chá ali, enquanto seu marido, sem a menor dúvida, jamais fora incluído. O general, no entanto, com a transparente cumplicidade do sexo masculino, insistia que o velho Sr. Brundish era um bom sujeito. A impropriedade desse comentário aborrecia tanto a Sra. Gamart que ela silenciava.

E, agora, o Sr. Brundish estava ali. Não se desculpou quando o mandaram entrar, pois, no seu tempo, não era necessário pedir desculpas para uma visita às onze horas. Sem tentar disfarçar seu estado de fraqueza, sem fingir que parara alguns minutos para admirar as proporções do saguão, ele se agarrou aos corrimãos, lutando para conseguir respirar. Sua bengala caiu no piso reluzente com um estrondo.

— Mais tarde pegarei minha bengala. Felizmente, conservei todas as minhas faculdades.

A Sra. Gamart, que saíra para encontrá-lo, achou melhor ir mostrando o caminho até a sala de estar. As grandes janelas de vidro até o chão davam para o mar, tão nevoento quanto a terra. Ambos se sentaram. Sem qualquer outra referência à sua saúde, Brundish prosseguiu:

— Vim pedir-lhe uma coisa. Não é muito educado, mas não conheço

forma melhor de dizer isso. Se não quiser ouvir o pedido, deve avisar imediatamente. Claro que posso falar com seu marido.

A partir de um hábito arraigado, a Sra. Gamart rejeitava a ideia de que a presença de seu marido pudesse ser necessária para alguma coisa. A concentração do seu visitante pareceu vacilar e cessar. Por um tempo considerável, ele ficou ali sentado com os olhos fechados, enquanto seu rosto assumia uma curiosa palidez cor de ardósia, como se o mar o tivesse descorado. Depois, ele recomeçou:

— Desmaiar é uma experiência curiosa. Não é possível saber quando se age adequadamente. Não há continuidade. A gente não consegue se lembrar do que aconteceu no último instante. Seria melhor oferecer-me alguma coisa — acrescentou em voz alta e, depois, exatamente no mesmo tom: — A desgraçada não pode me negar um copo de conhaque.

A Sra. Gamart olhava, cheia de dúvidas, para aquele homem perturbado. Se ele estava tendo algum tipo de ataque, era preciso ligar para o médico. Então, ele seria levado dali. Claro que estaria com uma dívida de gratidão, como deve acontecer com qualquer pessoa que adoeça na casa de outra, embora o Sr. Brundish, como ela percebia, talvez não reconhecesse dívidas. Mas ele não podia ter feito o penoso trajeto da Holt House até ali, num dia como aquele, simplesmente para dizer-lhe que não estava bem, a menos que quisesse reparar a falta de visão de quinze anos. Seria melhor não lhe oferecer estimulantes, pensou.

— Quer que vá buscar um café? — perguntou.

— A mulher está tentando me envenenar. O momento passará. — O Sr. Brundish abria e fechava as mãos, como se quisesse agarrar o ar, embora até nesse movimento houvesse nobreza. — Quero que deixe Florence Green em paz — falou.

A Sra. Gamart ficou profundamente surpresa.

— Ela pediu ao senhor para vir aqui?

— Absolutamente não. Ela é, simplesmente, uma mulher de certa idade que quer ter uma livraria.

— Se a Sra. Green tem algum motivo de queixa — disse a Sra. Gamart —, acho que poderia contratar um advogado. Mas parece que ela tem o hábito de trocar de conselheiros legais.

— Por que quer que ela saia daquela casa? Eu mesmo vivo numa casa antiga e sei como são inconvenientes. A livraria é cheia de correntes de ar,

inelegível para uma segunda hipoteca e, claro, mal-assombrada.

Àquela altura, o tato e a boa formação foram em socorro da Sra. Gamart.

— Não lhe ocorreu, sendo uma pessoa que deve importar-se tanto com a prosperidade e com o patrimônio deste lugar, que um prédio de tamanho interesse histórico poderia ser usado de forma mais proveitosa?

Esse foi um movimento em falso. O Sr. Brundish não se importava absolutamente com a prosperidade ou com o patrimônio de Hardborough. Ele era, em certo sentido, Hardborough; jamais avaliara se aquilo era importante para ele.

— Velhice não é a mesma coisa que interesse histórico — disse ele. — Caso contrário, seríamos ambos mais interessantes do que somos.

A Sra. Gamart já percebera que, embora seu visitante talvez conduzisse a conversa segundo algum tipo de regra, não era a que ela conhecia. Seria preciso, consequentemente, contar com uma defesa de outra espécie.

— Repito: quero que deixem em paz minha amiga Florence Green — gritou o Sr. Brundish — em paz!

— Sua amiga, sabe, parece que ignorou a lei, acho até que mais de uma vez. Se é esse o caso, é óbvio que não tenho mais nada a dizer. Se ela continuar como começou, a lei terá de seguir seu curso.

— Não sei se fala de uma lei que não existia há um ano e que passou rastejando pelo Parlamento, às nossas costas. Refiro-me a uma ordem de compra compulsória. Pode chamar a isso de desapropriação. É a expressão mais correta. Foi a senhora quem fez seu querido sobrinho apresentar esse tal Projeto Privado?

Ela não se rebaixaria ao ponto de fingir não entender.

— É verdade que o projeto do meu sobrinho pode afetar a livraria, pois contém uma cláusula dizendo que o prédio tinha que ter estado vazio por cinco anos. E isso, sem dúvida, aplica-se à Old House. — Como ele conseguira a informação? Parecia tê-la absorvido através de raízes invisíveis, sem se deslocar da Holt House, sem nem mesmo ver ou ouvir. — Há tantas autoridades a considerar, Sr. Brundish. Mortais comuns, como eu própria... — ela hesitou — ... e o senhor, dificilmente saberiam como começar. Tenho um cargo oficial e estou bastante familiarizada com o serviço público, mas me veria completamente desnorteada. Nem seríamos capazes de encontrar a pessoa certa para quem escrever.

— Sei perfeitamente bem, madame, para quem escrever. No curso dos

últimos anos, se não me interessasse em saber, teria perdido várias centenas de acres dos meus pântanos, um tanto de terra lavrável e dois moinhos. Deixe-me informar-lhe que o comprador da Old House terá de ser o Conselho Municipal de Flintmarket e que eles agirão segundo o Decreto de Procedimento para Autorização de Aquisição de Terra, de 1946, do Decreto de Habitação, de 1957, e desse grotesco esforço do seu sobrinho. Se nada foi feito até agora, podemos fazer frente comum contra eles. Se foi dado o aviso de que querem iniciar as negociações, devemos pedir uma audiência privada com um inspetor do governo.

O significado e o peso desse "nós" não podiam ser confundidos. Violet Gamart entendeu perfeitamente a barganha que era oferecida. Uma aliança era proposta, uma aliança de trabalho entre a Holt House e The Stead; em troca, exigia-se algo que, na verdade, ela não tinha nenhum poder para efetuar. Mas será que isso tinha importância? Ela pensaria a esse respeito. O Sr. Brundish teria de fazer outra visita, para tentar convencê-la de fato, e ela o visitaria para discutir os detalhes envolvidos. A mente dele não estava em perfeito funcionamento, ele se esqueceria do que fora dito da última vez e se tornaria um visitante regular. Ela não concederia nada e ganharia muito. Enquanto isso, seria aconselhável não prometer muito.

— Sem dúvida, poderíamos pensar em várias maneiras de tornar a medida mais fácil se tiver de vir. Saiba que existem ainda muitas outras lojas para alugar, em cidades maiores que Hardborough.

— Não é disso que estou falando! Deve falar sobre o mesmo assunto que eu! Para mim, foi difícil chegar até aqui, com esse tempo! Ou essa mulher é estúpida, ou é malévola.

— Desejaria poder ajudá-lo mais.

— Devo entender, então, que não fará nada.

Era isso exatamente o que ela quisera dizer e o que pretendia fazer. Tinha de restabelecer a situação; além disso, nem subterfúgios nem franqueza seriam a solução; ele perceberia tudo. Mas o fato de velhos aterrorizantes terem corações que podiam ser tocados era algo de que ela jamais duvidara. Dirigiu-lhe um sorriso amigável, que aqueceu seus olhos escuros e brilhantes e que já sensibilizara muitas pessoas mais importantes do que ele.

— Mas o senhor não deve falar comigo dessa maneira, Sr. Brundish. Não percebe o que diz. Deve pensar que sou uma pessoa ultrajante, não é?

O Sr. Brundish deu a impressão de que revirava cuidadosamente as palavras

em sua mente, como se fossem pedras cujo valor precisava avaliar.

— Acho que não posso responder nem "sim" nem "não". Por ultrajante, suponho que quer dizer "inesperadamente ofensiva". Sem dúvida, foi ofensiva, Sra. Gamart, mas era exatamente isso o que eu esperava da senhora.

Com alguma dificuldade, ele se levantou e, apoiando-se em vários pequenos móveis, nem todos próprios para sustentar seu peso, tornou a pegar seu chapéu e saiu de The Stead. Mas, enquanto atravessava a rua — tendo-se desfeito a neblina, àquela altura, de modo que ele pôde ser visto claramente pelos habitantes de Hardborough —, o Sr. Brundish caiu no chão e morreu.

Os comerciantes locais, após consulta na Câmara de Comércio de Flintmarket, decidiram não fechar as portas no dia do funeral do velho Sr. Brundish. Era dia de feira e haveria uma boa oportunidade de vendas extras.

— Também não vou fechar — disse Florence a Raven, que, de vez em quando, fazia o papel de coveiro. Raven ficou surpreso porque, segundo seu modo de ver, ela tinha direito de ir à cerimônia, podendo reivindicar maior proximidade em suas relações com o morto do que muitas pessoas lá presentes. Era verdade, mas ela não podia explicar-lhe o quanto desejava ficar sozinha para pensar sobre seu estranho correspondente e defensor. Que missão o teria levado a atravessar a praça naquele dia, com seu chapéu e sua bengala?

Ele foi enterrado no solo pedregoso do cemitério da igreja, entre os mortos do mar de Suffolk, aspirantes de marinha afogados aos onze anos de idade, pescadores perdidos com toda a tripulação do barco. O canto a nordeste do acre era o lote da família Brundish, os amantes da terra. Hardborough, amontoada abaixo do nível de seus pântanos, foi centro de interesse por pelo menos um dia. Quem pensaria que o velho Sr. Brundish conhecia tanta gente e que tantos parentes apareceriam, sendo muitos de Londres? Segundo parecia, ele era membro da Royal Society; como uma coisa dessas poderia acontecer? Todo o comércio solicitou uma extensão do horário em que tinham permissão para ficar abertos, e houve um grande almoço em The Stead, no qual os convidados conversavam e riam, depois continham suas risadas e ficavam sem saber o que fazer com elas. Informou-se que o velho morrera sem testamento e que o Sr. Drury tinha iniciado a prolongada pesquisa para ver a quem caberia a Holt House, os pântanos e moinhos, e as 2.705 libras, 13 xelins e 7 centavos restantes na conta corrente.

Enquanto a cerimônia na igreja ainda estava em marcha, e Florence, sem qualquer expectativa de clientes, lentamente fechava a caixa registradora, o general Gamart entrou na loja. Ficou de pé por um momento, bloqueando a luz. Depois, evidentemente dando a si mesmo um comando, adiantou-se três passos. De início, isso pareceu exaurir todo o empreendimento. Ele estava sem fala, e ficou remexendo numa pilha de anuários Noddy. Florence Green não teve muita vontade de ajudá-lo. Havia alguns meses que o general não aparecia na loja, e ela supôs que ele agisse sob ordens. Depois, ela cedeu, supondo que ele viera em um impulso generoso. No final, ela valorizava, acima de tudo, a bondade.

— Não quer um livro, não é verdade?

— Não exatamente. Vim apenas para dizer "um bom homem se foi".

O general pigarreou. Era o melhor que ele podia fazer.

— Creio que conhecia muito bem Edmund Brundish — acrescentou, com a voz rouca.

— Tenho a impressão de que sim; mas, pensando bem, só falei com ele durante uma tarde, em toda a minha vida.

— Ora, eu nunca falei absolutamente com aquele sujeito. Ele compareceu ao primeiro show, claro, mas não nos Suffolk, e sim no RFC, creio. Queria voar. Acho estranho isso.

O general falava muito mais livremente, agora que havia terminado a parte emperrada, as condolências.

— Outra coisa estranha: ele nos visitou naquela mesma manhã.

— Queria falar com sua esposa, suponho.

— Sim, tem toda a razão. Violet me contou tudo. Fez um grande esforço para visitá-la, parece, a fim de parabenizá-la por sua ideia; a ideia, quero dizer, desse Centro de Artes. Lamento não ter podido, eu mesmo, conversar um pouco com ele. Devo dizer que não pensaria que Arte era exatamente sua especialidade, mas posso dizer, por ora, que um bom homem se foi. Doze anos mais velho que eu. Pensando bem, acho que qualquer um de nós poderia desabar daquele jeito.

Não havia nada que pudesse impedi-lo de continuar indefinidamente com aquela conversa.

— Não deve atrasar-se para o almoço, general Gamart. — Ela sabia dos preparativos em The Stead. Ele seria necessário para abrir o vinho.

Consciente de certa falta de tato, meio aliviado e meio insatisfeito, ele

pediu licença e saiu.

Mais ou menos um mês depois, a Old House foi confiscada, segundo o novo Decreto do Parlamento. Como uma das cláusulas era de que não deveria haver na área nenhum outro prédio da mesma data desabitado, o depósito das ostras poderia ter sido oferecido em seu lugar; então foi falta de sorte Florence ter mandado derrubá-lo. Wilkins levara quase um ano na demolição, mas agora avançava bem depressa.

Uma boa quantidade de pedaços de papel foi enfiada na caixa de correspondência de bronze da livraria. O carteiro desculpou-se por trazer tantos. Num deles, a Cidade de Flintmarket notificava Florence Mary Green de que eram exigidas a compra e a posse, segundo as cláusulas do Decreto de 1959, ou de decretos ou partes de decretos incorporados nos decretos acima, das terras ou bens alienáveis mencionados e descritos na relação, tal como delineado no plano anexo (mas esqueceram-se de anexá-lo), de cor rosada, juntamente com todas as minas e minérios neles e debaixo deles existentes, além do carvão, e que estavam desejosos de tratar com o senhor, e com cada um e com todos vós, sobre a compra das citadas terras, e também sobre o acerto da compensação a ser feita ao senhor, e a cada um e a todos vós, por motivo da tomada das referidas terras, autorizada como acima declarado. Florence sentiu, ao ler isso, que era o momento para o batedor se manifestar; quando ele não o fez, quase sentiu sua falta.

A comunicação também foi publicada pelo *Flintmarket, Kingsgrave and Hardborough Times*, fazendo a pobre Florence sentir-se como uma criminosa procurada. Certamente, não foi sua imaginação o fato de antigos conhecidos a evitarem na rua e de clientes mostrarem uma expressão surpresa, enquanto diziam: ah, creio que vi, em alguma parte, que a senhora fechou a livraria. Os Srs. Thornton, Drury e Keble, acompanhados de suas esposas, não iam mais à loja, de forma alguma, pois o local estava maculado.

Ela não se importou tanto quanto esperava com isso. Era a derrota, mas a derrota é menos desagradável quando se está cansada. A compensação seria suficiente para pagar o empréstimo bancário e fazer um depósito para uma propriedade alugada, talvez em algum lugar inteiramente diferente. A mudança seria bem-vinda. E, afinal, como ela agora percebia, até o próprio Sr. Brundish aquiescera com a ideia do novo Centro. Não sabia o motivo, mas essa ideia

lhe causava mais dor do que o aviso da Disposição para Negociar.

Raven, no bar do Anchor, queria saber como aquela corja da prefeitura de Flintmarket, que não tinha um só centavo para gastar, segundo eles mesmos, e sequer podiam drenar seus próprios pântanos, havia conseguido levantar o dinheiro necessário para comprar os bens da Sra. Green, na Old House. Mas o Conselho Municipal Urbano de Flintmarket não tinha maior disposição para discutir suas finanças do que qualquer outro órgão público. O Comitê de Recreação consignou, em seu relatório, como era encorajador que, sendo qualquer coisa verdadeiramente desejada e necessária, sempre fosse possível encontrar um benfeitor que viabilizasse tudo.

Os advogados de Florence em Flintmarket ficaram, de início, imensamente empolgados diante da ideia de cuidar, como diziam, de um dos primeiros casos provocados por um novo decreto. Falavam em iniciar uma ação judicial para notificação, ou em solicitar uma ordem de *certiorari*.

— Isso adiantaria alguma coisa?

— Ora, não pode haver realmente quaisquer fundamentos legais para desafiar uma decisão administrativa, mas já se sustentou que, de fato, o público assim pode fazer, com fundamento na justiça natural.

— O que é justiça natural? — perguntou Florence.

Após os advogados descobrirem que sua cliente tinha muito pouco dinheiro, desistiram da ordem de *certiorari* e discutiram a questão da compensação. Como todos os outros consultores, assumiram uma visão sombria e hostil. Não haveria reivindicação de depreciação, pois os livros eram legalmente equiparados a ferragens, não perdendo o valor quando deslocados de um lugar para outro. Nada poderia ser reivindicado por serviços, pois era negócio de um homem só. O Sr. Thornton teria feito uma brincadeira, dizendo que era negócio de uma "mulher só", mas os advogados de Flintmarket não fizeram isso. Restava a questão da compensação pela própria Old House.

Quando, após mais algumas semanas, ela lhes telefonou, eles falaram de empecilhos e demoras. Com isso, queriam dizer, embora não o admitissem por algum tempo, que era improvável ela conseguir o que quer que fosse. Vários Decretos do Planejamento da Cidade e do Campo declaravam que, quando uma casa era tão úmida a ponto de se tornar inadequada para a habitação humana, e havia ameaça de afundamento, não seria possível fazer qualquer reivindicação de compensação.

— Mas a Old House está ali há séculos sem afundar. Estou morando nela e ainda sou humana, e não é tão úmida assim; seca no verão e em meados do inverno. E quanto à terra?

O advogado referiu-se à terra como "o valor do local esvaziado", como se a Old House já tivesse cessado de existir.

— Isso só poderia ser calculado se fosse mesmo terra, mas uma inspeção nos porões estabeleceu que a propriedade se ergue em cima de mais de um centímetro de água.

— Que inspeção? Não fui notificada.

— Segundo parece, em várias datas, quando a senhora estava ausente do negócio, um experiente construtor e rebocador, o Sr. John Gipping, foi enviado pelo conselho para fazer uma avaliação da condição das paredes e do porão.

— John Gipping!?

— Claro, supomos que ele tenha entrado pacificamente.

— Tenho certeza de que sim. Ele não é, absolutamente, um homem violento. O que gostaria de saber é: quem o deixou entrar?

— Ah, seu assistente, Sr. Milo North. Acreditarão que ele agiu como seu empregado e seguindo suas instruções. Tem algum comentário a fazer?

— Apenas que estou satisfeita por terem dado o serviço a Gipping. Ele não tem achado fácil conseguir trabalho ultimamente.

— O que torna tudo muito constrangedor para nós é o fato de que o Sr. North também assinou uma declaração no sentido de que a umidade da propriedade afetou sua saúde e o tornou incapaz para um emprego comum.

— Por que fez isso? — perguntou ela a Milo. — Alguém lhe pediu?

— Realmente, me pediram com certa frequência e me pareceu a coisa mais fácil a fazer.

Milo não apareceu mais para ajudar na livraria; ela o encontrou por acaso, ao cruzar o espaço público. Ele nem mesmo tentou evitá-la na ocasião. Na verdade, tentou tornar-se útil, sugerindo que, se ela ainda quisesse uma assistente, Christine talvez estivesse novamente livre porque, ainda na metade do período letivo da Escola Técnica, fora suspensa pelo diretor. Milo disse que não sabia dos detalhes, e Florence não insistiu para que ele lhe contasse.

Não havia muita coisa que ela pudesse fazer. O gerente do banco, com um

pouco de constrangimento, perguntou-lhe se seria conveniente para ela marcar um encontro com ele o mais rápido possível. Queria saber se o que ouvira era correto, que ela não tinha nenhum direito legal a compensação e, nesse caso, o que pretendia fazer quanto ao pagamento do financiamento.

— Esperava começar de novo — disse Florence. — Pensei que pudesse.

— Eu não a aconselharia a tentar outro pequeno negócio. É curiosa a quantidade de pessoas que olham para o banco como se este não passasse de uma instituição de caridade. Há um tempo em que cada um de nós deve ficar satisfeito em dar tudo por encerrado. Claro que existe sempre o estoque. E, se este puder ser liquidado, estaremos a caminho de acabar com nossa dificuldade.

— Quer dizer que deseja que eu venda os livros?

— Para pagar o financiamento, sim: os livros e seu carro. Temo que isso será absolutamente necessário.

Florence foi deixada, portanto, sem a loja e sem os livros. Ela guardara, é verdade, dois dos Everyman, que nunca haviam vendido bem. Um deles era *Unto this Last*, de Ruskin, e o outro era *Grace Abounding*, de Bunyan. Cada um tinha seu velho marcador de página dentro, *Everyman I will be thy guide, in thy most need to go by thy side [Homem comum, serei teu guia, em tua maior necessidade, irei ao teu lado]*, e o Ruskin, além disso, tinha uma genciana comprimida, inteiramente descolorida. O livro devia ter estado na Suíça, na primavera, talvez cinquenta anos antes.

No inverno de 1960, portanto, depois de enviar sua bagagem pesada, Florence Green tomou o ônibus para Flintmarket, via Saxford Tye e Kingsgrave. Wally carregou suas maletas até a parada do ônibus. Mais uma vez, havia enchente, e o campo, por todo o percurso, de ambos os lados da estrada, estava sob água brilhante. Em Flintmarket, ela tomou o trem das 10h46 para Liverpool Street. Enquanto o trem se afastava da estação, ela permaneceu sentada, com a cabeça baixa de vergonha, porque a cidade onde tinha vivido por quase dez anos não aceitara uma livraria.

A livraria

Wikipédia da autora
https://en.wikipedia.org/wiki/Penelope_Fitzgerald

Goodreads da autora
https://www.goodreads.com/author/show/3222.Penelope_Fitzgerald

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/16501-penelope-fitzgerald

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/a-livraria-24861ed27035.html

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.